



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
ESPECIALIZAÇÃO: EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

DIANA SOFIA SILVA FÉLIX

**O desenvolvimento moral na adolescência:
Uma aproximação pedagógica à Unidade Letiva 3 do 7.º
ano «Riqueza e sentido dos afetos»**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada sob orientação de:
Professor Doutor Alfredo Manuel Matos Alves Rodrigues Teixeira
Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio**

**Lisboa
2023**

Aos meus pais

Agradecimentos

Finda esta etapa que tanto contribuiu para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, é sensato agradecer a todos aqueles que contribuíram para a concretização da mesma.

Aos meus pais pelas palavras de encorajamento e pelas orações que suplicavam o meu sucesso.

Aos orientadores deste trabalho, Professor Doutor Alfredo Teixeira e Mestre Juan Ambrosio, os quais, com solicitude e sapiência, me auxiliaram e orientaram da melhor forma.

Ao Conselho Executivo da Escola Básica e Secundária do Nordeste pela simpatia, amabilidade e por lá ter possibilitado a realização da PES.

À docente cooperante, Fátima Rocha pela sua orientação, dedicação e pelo seu exemplo inspirador de profissionalismo.

À turma A, do 7.º ano por ter aberto a porta da sua sala de aula e me ter permitido abraçá-la num espírito de empatia, aperfeiçoamento e crescimento.

Ao Conselho Executivo e aos colegas da Escola Básica Integrada de Rabo de Peixe pela compreensão aquando das minhas ausências e pelas palavras amigas de coragem.

Aos meus queridos alunos da Escola Básica Integrada de Rabo de Peixe por, embora e muitas vezes, ressentidos, compreenderem as minhas ausências e, todos os dias, me fazerem ver que consigo fazê-los desenvolver-se moralmente.

Ao Serviço Diocesano de Apoio à Pastoral Escolar, da Diocese da Angra e ao Secretariado Nacional de Educação Cristã por todo o apoio concedido ao longo deste processo formativo.

A Deus, eterno e fiel companheiro desta e de outras viagens, por se ter feito sempre presente e me ter levado ao colo nas horas em que o cansaço e o desalento se fizeram sentir.

Índice

Agradecimentos	3
Índice de figuras	6
Índice de quadros	6
Índice de ilustrações	6
Índice de anexos	7
Resumo	8
Abstract	9
Siglário	10
Introdução	11
Capítulo 1 – A Prática de Ensino Supervisionada	13
1.1. Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada	13
1.1.1. Caraterização da escola	14
1.1.2. Caraterização da turma	16
1.2. A lecionação da UL3 «Riqueza e sentido dos afetos».....	19
1.2.1. Análise da unidade letiva de referência «Riqueza e sentido dos afetos»	20
1.2.2. Planificações de nível IV e análise do processo de ensino-aprendizagem	24
1.2.3. Procedimentos de avaliação utilizados	48
1.2.4. Reflexão sobre a prática letiva	49
Capítulo 2 - Adolescência: uma importante etapa para o desenvolvimento moral.....	54
2.1. Elementos para uma caraterização da adolescência	54
2.1.1. O desenvolvimento do adolescente	55
2.1.2. Adolescência e desenvolvimento moral: Que relação?	58
2.2. Intervenientes no processo de desenvolvimento moral na adolescência	60
2.2.1. Contextos e dinâmicas de socialização	60
2.2.2. O adolescente e a família	63
2.2.3. A opção religiosa na adolescência	66

Capítulo 3 – Proposta didática e o contributo da EMRC para o desenvolvimento moral na adolescência	72
3.1. O contributo da disciplina de EMRC para o desenvolvimento moral na adolescência	72
3.2. Apresentação e implementação da proposta didática	77
3.3. Reflexão sobre a implementação da proposta didática	93
Conclusão	95
Bibliografia	97
Anexos	100

Índice de figuras

Figura 1 – Planta do Bloco B	17
Figura 2 – Planta da sala B9	17

Índice de quadros

Quadro n.º 1 - Metas, objetivos e aprendizagens essenciais específicos da UL 3, do 7.º ano.....	22
Quadro n.º 2 – Planificação da aula 1 da UL 3 «Riqueza e sentido dos afetos».....	25
Quadro n.º 3 – Planificação da aula 2 da UL 3 «Riqueza e sentido dos afetos».....	29
Quadro n.º 4 – Planificação da aula 3 da UL 3 «Riqueza e sentido dos afetos».....	33
Quadro n.º 5 – Planificação da aula 4 da UL 3 «Riqueza e sentido dos afetos».....	37
Quadro n.º 6 – Planificação da aula 5 da UL 3 «Riqueza e sentido dos afetos».....	41
Quadro n.º 7 – Planificação da aula 6 da UL 3 «Riqueza e sentido dos afetos».....	45
Quadro n.º 8 – Grelha de resultados do exercício de aferição de conhecimentos, referente à UL 3 «Riqueza e sentido dos afetos»	48
Quadro n.º 9 – Grelha de planificação da aula 1 da proposta didática	79
Quadro n.º 10 – Grelha de planificação da aula 2 da proposta didática	81
Quadro n.º 11 – Grelha de planificação da aula 3 da proposta didática	83
Quadro n.º 12 – Grelha de planificação da aula 4 da proposta didática	85
Quadro n.º 13 – Grelha de planificação da aula 5 da proposta didática	86
Quadro n.º 14 – Grelha de planificação da aula 6 da proposta didática	88
Quadro n.º 15 – Grelha de planificação da aula 7 da proposta didática	91
Quadro n.º 16 – Exemplo de grelha de autoavaliação do trabalho por projeto exposto na proposta didática	92

Índice de ilustrações

Ilustração n.º 1 - Fotografia aérea da Escola Básica e Secundária do Nordeste (sede).	14
Ilustração n.º 2 – Grupo que participou no <i>Shalow</i> com os respetivos coordenadores.....	106
Ilustração n.º 3 – Participação na Vigília, nas JMJ de 2011	108

Índice de anexos

Anexo n.º 1 – Apresentação <i>PowerPoint</i> alusiva à temática do relatório	101
Anexo n.º 2 – Fantoches	102
Anexo n.º 3 – O «Diário de um Adolescente»	102
Anexo n.º 4 – Dilemas ético-morais	103
Anexo n.º 5 – A «Árvore da Vida»	104
Anexo n.º 6 – Testemunho pessoal da experiência <i>Shalom</i>	105
Anexo n.º 7 - Testemunho pessoal, de Daniela Ferreira, nas Jornadas Mundiais da Juventude	107
Anexo n.º 8 - «Jogo do Barómetro»	108

Resumo

O presente trabalho, realizado no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas, tem como propósito relatar as experiências vivenciadas no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada (PES), apresentando, igualmente, uma análise reflexiva sobre o impacto que a PES teve no meu desenvolvimento e na minha aprendizagem, enquanto docente de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC).

Todo o trabalho desenvolvido aquando da PES orientou-se pelo objetivo de aferir de que forma a disciplina de EMRC poderá contribuir para o desenvolvimento moral na adolescência. Neste seguimento, conseguimos constatar que a disciplina de EMRC surge como um lugar privilegiado para o desenvolvimento moral dos adolescentes, na medida em que adotando estratégias adequadas permite que os alunos dialoguem, reflitam e tomem consciência do que é, efetiva e moralmente, correto. Para além da disciplina de EMRC existem outros fatores que poderão contribuir para o desenvolvimento dos adolescentes no que às questões morais diz respeito.

Desta forma, o presente trabalho apresentará e refletirá sobre estudos realizados no âmbito da psicologia, sociologia e expostos em alguns documentos do magistério, os quais, também, nos mostram de que forma se processa o desenvolvimento moral na adolescência.

Este trabalho pretende, num último momento, realçar uma proposta didática que, envolvendo alunos, professores e a comunidade educativa, possa proceder a uma reformulação da unidade letiva (UL) explorada, expressando, através da mesma e de um modo mais concreto, o desenvolvimento moral na adolescência.

Palavras-chave: Mestrado em Ciências Religiosas; Prática de Ensino Supervisionada; Educação Moral e Religiosa Católica; Adolescência; Desenvolvimento Moral; Psicologia; Sociologia.

Abstract

The present work, carried out within the scope of the Master in Religious Sciences, aims to report the experiences lived during the Supervised Teaching Practice (PES), also presenting a reflective analysis of the impact that PES had on my development my learning as a teacher of Catholic Moral and Religious Education (EMRC).

All the work carried out during the PES is guided assessing how the EMRC discipline can contribute to moral development in adolescence. In this follow-up, I observed that the EMRC discipline emerges as a privileged place for the moral development of adolescents, insofar as it enables the adoption of strategies that enable students to dialogue, reflect and become aware of what is, effectively and morally, correct. In addition to the EMRC discipline, other factors may contribute to adolescents development in terms of moral issues.

In this way, the present work will present and reflect on studies carried out in psychology and sociology and exposed in some teaching documents, which also show us how moral development in adolescence is processed.

This work intends, at the last moment, to highlight a didactic proposal that, involving students, teachers and the educational community, can carry out a reformulation of the taught unit (UL) explored, expressing, through it and in a more concrete way, the development morality in adolescence.

Keywords: Master's in Religious Sciences; Supervised Teaching Practice; Catholic Moral and Religious Education; Adolescence; Moral Development; Psychology; Sociology.

Siglário

EBSN – Escola Básica e Secundária do Nordeste

EE – encarregado(s) de educação

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

JMJ – Jornadas Mundiais da Juventude

MEM – Movimento da Escola Moderna

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PES – Prática de Ensino Supervisionada

UC – Unidade Curricular

UL – Unidade Letiva

UO – Unidade Orgânica

Introdução

Uma das condições necessárias à obtenção de grau de Mestre em Ciências Religiosas é a redação de um relatório final. O referido trabalho deve contemplar um exame crítico sobre a PES, com avaliação do percurso efetuado no decorrer da mesma, bem como os benefícios desta para a melhoria do desempenho da prática pedagógica, enquanto docente de EMRC; uma exploração da UL lecionada, de acordo com a sua definição psicológica e teológica, assim como da pertinência da mesma e, por fim, a construção de um itinerário didático que teste o modelo teórico ou as hipóteses enunciadas no trabalho de exploração da UL selecionada.

Assim, para a redação do presente trabalho foi, num primeiro momento, necessário proceder-se à delimitação de um tema e um objetivo que fosse encontro da realidade em que os alunos se inserem, na medida em que, apenas, esta possibilita experiências significativas e promotoras de aprendizagem. Desta forma, optei por aferir qual o contributo da disciplina de EMRC para o desenvolvimento moral na adolescência. Realço, aqui, que a escolha desta temática se prendeu, essencialmente, com o fato de a adolescência, enquanto fase de transição, ser marcada por dúvidas e incertezas e por grandes transformações em todos os quadrantes da vida sendo, desta forma, profundamente, marcada por influências do meio social, escolar e familiar. É nesta fase da vida que se constroem e desconstroem valores e convenções sociais, numa busca pela autonomia, em que a desobediência e a obediência se enfrentam constantemente. É de salientar que com o evoluir dos tempos e, conseqüentemente, da sociedade os nossos adolescentes passam por grandes crises de valores não sendo, muitas vezes, capazes de reconhecer os comportamentos menos corretos que, por vezes, desencadeiam. Neste sentido, a adolescência é um tempo ideal para intervir na formação da identidade e contribuir para o desenvolvimento moral.

Afere-se, nesta linha de pensamento, que a concretização deste trabalho se norteia pela busca de resposta às questões «de que forma poderá a disciplina de EMRC promover o desenvolvimento moral dos adolescentes?» e «que outros fatores influenciam o desenvolvimento moral dos adolescentes?», sendo que, em conformidade com o exposto, os três capítulos que constroem este trabalho complementam-se numa lógica concertada de ideias, conceitos e reflexões. Neste sentido, o primeiro capítulo contemplará uma análise da prática pedagógica desenvolvida, em contexto da PES, assim como todas as particularidades que lhe dizem respeito. Não obstante, a PES teve como principais documentos norteadores o novo manual da disciplina de EMRC, do 7.º ano; o programa da disciplina e as aprendizagens essenciais. Poderá, nesta lógica, a disciplina de EMRC ser um espaço fundamental para o desenvolvimento moral, na medida em que é um espaço de interseção de princípios morais e de

afetos cruciais ao desenvolvimento equilibrado da personalidade dos adolescentes. Esta disciplina é vista como uma importante aliada da educação e de todo o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que, para ter uma vida escolar salutar, o aluno necessita de equilíbrio moral, cujos valores transversais são desenvolvidos na aula de EMRC pela análise frequente de situações e atitudes que se refletem na vida em geral e na escola em particular. Salienta-se, a este propósito, que a Declaração Conciliar *Gravissimus Educationis*, no seu número 1, salienta que «A verdadeira educação, porém, pretende a formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último e, ao mesmo tempo, ao bem das sociedades de que o homem é membro e em cujas responsabilidades, uma vez adulto, tomará parte».¹

Para além de descrever, analisar e refletir sobre o trabalho desenvolvido no contexto da PES, assim como a influência que a disciplina de EMRC exerce sobre o desenvolvimento moral dos adolescentes, foi fundamental observar o que nos dizem estudos teóricos, relativamente ao desenvolvimento moral nesta fase da vida. Neste seguimento e num segundo capítulo, apresentar-se-ão diversos fatores que, tal como a disciplina de EMRC, contribuem para o desenvolvimento moral dos adolescentes, enaltecendo-se as considerações expressas pela Psicologia, Sociologia e alguns documentos do ministério, relativamente a esta questão.

No terceiro e último capítulo deste trabalho será apresentada uma proposta didática, lançando um desafio ao estudo promovido e às práticas pedagógicas da atualidade. Esta proposta basear-se-á num modelo pedagógico moderno e bastante produtivo, na medida em que, tendo em conta a minha experiência pessoal, são os projetos que cativam os alunos e fazem com que os mesmos se envolvam e se sintam, o máximo possível, parte integrante de todo o processo de ensino-aprendizagem. Os referidos projetos podem e devem ser, posteriormente, apresentados, quer seja entre turma, quer seja em contexto escolar, com o intuito de se divulgar, em larga escala, todo o trabalho desenvolvido.

É preponderante reforçar que este trabalho contempla todas as evidências, concernentes às atividades desenvolvidas de acordo com a temática central, isto é, ao desenvolvimento moral na adolescência. Os anexos que respeitam a outras atividades estão presentes no portefólio final entregue aquando da conclusão da PES.

¹ Concílio Ecuménico Vaticano II, «Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a Educação Cristã», acedido a 11 de janeiro de 2023, https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html.

Capítulo 1 – A Prática de Ensino Supervisionada

O presente capítulo apresentará todo o trabalho que foi desenvolvido ao longo da PES. Num primeiro momento, enquadrará o contexto de estágio, evidenciando a influência das características da escola e da turma no contexto da PES. Seguidamente, espelhará uma caracterização e reflexão sobre a UL 3, do 7.º ano «Riqueza e sentido dos afetos», salientando de que forma os conteúdos expostos na mesma poderão contribuir para o desenvolvimento moral na adolescência. Por fim, apresentará um itinerário prático, no qual constam as planificações, reflexões, procedimentos de avaliação adotados e balanço final sobre todo o processo de ensino-aprendizagem, evidenciando de que forma se teve, ao longo da PES, em consideração o objetivo de aferir qual o contributo da disciplina de EMRC para o desenvolvimento moral na adolescência.

1.1. Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada

A PES decorreu no ano letivo 2021/2022, na Escola Básica e Secundária do Nordeste (EBSN). Esta foi realizada com a turma A, do sétimo ano, sob orientação do docente da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, Juan Ambrósio, da docente de EMRC, na EBSN, Fátima Rocha e em núcleo de estágio com os docentes Carolina Furtado, Fábio Goulart e Susana Silva.

Todo este processo foi desenvolvido com o intuito de aprimorar as minhas competências enquanto docente de EMRC e para que fosse concluído um processo de formação que possibilitasse que a regularização da minha situação profissional, de acordo com os trâmites legais exigidos pela Diocese de Angra. Neste momento e a propósito da disciplina de EMRC, é fundamental ressaltar os ideais constantes na Concordata assinada entre o estado português e a Santa Sé. De acordo com o ponto 1, do artigo 19.º, do referido documento, a disciplina é de oferta obrigatória em todas as escolas públicas, a qualquer aluno, sendo que este, com a sua família, decide frequentá-la ou não, isto é, a disciplina tem frequência facultativa e todos são aceites sem distinção.²

Nos subpontos seguintes serão apresentadas as diversas especificidades tangentes à caracterização da escola e da turma onde todo o trabalho desenvolvido ao longo da PES se

² Cf. Resolução da Assembleia da República, «Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé», acedido a 11 de janeiro de 2023, <https://dre.pt/dre/detalhe/resolucao-assembleia-republica/74-2004-551189>.

desenrolou. O conhecimento destas especificidades permitiu-me orientar, de um modo mais correto e eficaz, toda a minha ação educativa junto dos alunos, tal como será, igualmente, expresso nos subpontos seguintes, uma vez que «é inequívoca a impossibilidade de isolar a ação pedagógica dos universos que a envolvem».³ Desta forma, consegui ir ao encontro da realidade em que os mesmos se encontravam inseridos, dos seus interesses, características e especificidades, de modo a tornar todo o processo de ensino-aprendizagem mais profícuo e enriquecedor para ambas as partes.

1.1.1. Caraterização da escola

A EBSN é a Unidade Orgânica (UO) ao serviço da população do concelho do Nordeste. Ao longo de todo o concelho existem edifícios da UO, diferentes e dispersos. São quatro as EB1/JI ao longo do concelho: Salga, Achadinha, Lomba da Fazenda, e Vila do Nordeste que funcionam em edifícios «Plano dos Centenários». Na escola sede, na Vila do Nordeste, funcionavam as turmas dos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico e do Ensino Secundário, assim como um curso Vocacional para recuperação de escolaridade, um curso do Ensino Profissional, nível IV – Técnico de Turismo e Ambiente Rural, sob a alçada da escola e as turmas PEREE (Programas Específicos do Regime Educativo). Como projeto de inovação pedagógica, a escola estabeleceu uma parceria com a Escola Profissional do Nordeste, assumindo a responsabilidade científica/curricular de dois cursos profissionais (Técnico Auxiliar de Saúde e Técnico de Design e Comunicação Gráfica), enquanto a escola profissional garante a parte prática/tecnológica, rentabilizando-se recursos e tendo como objetivo primordial a fixação de jovens no concelho.



Ilustração n.º 1 – Fotografia aérea da Escola Básica e Secundária do Nordeste (sede)

A UO possuía material informático e audiovisual disperso pelos seus vários edifícios e ultimamente as salas da escola sede têm sido apetrechadas com computadores e projetores fixos.

³ Fernanda Robalo, *Do Projecto Curricular de Escola ao Projecto Curricular de Turma* (Lisboa: Texto Editores, Lda: 2004), 22.

Este aspeto foi fundamental em todas as aulas da PES, na medida em que me permitiu aceder, com facilidade, aos recursos informáticos disponíveis para que os mesmos pudessem captar, de uma melhor forma, a atenção e o interesse dos alunos. A Internet estava, também, disponível praticamente em toda a escola, através de *wireless*, embora alguns locais não tivessem uma boa cobertura. Esta questão não consistiu, pois, um problema para as minhas práticas, uma vez que, aquando da abordagem desta UL, não necessitei recorrer à mesma por ter delineado estratégias que não a implicavam diretamente.

As turmas da EBSN tinham uma dimensão reduzida, principalmente as turmas mais afastadas da escola sede. Também nas turmas do 2.º e 3.º ciclos o número de alunos era reduzido, situando-se normalmente entre os 15 e os 20 alunos em face de várias turmas terem alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), o que exigia uma diminuição de alunos por turma, para além da reduzida natalidade no concelho.

No que concerne aos alunos, a escola tinha um total de 600 alunos. Destes, 231 frequentavam as EB1/JI (Educação Pré-Escolar e Ensino Básico do 1.º Ciclo) e 369 a escola sede. Para além do Ensino Regular, existe ainda um curso profissional nível IV, com 8 alunos, um curso de recuperação de escolaridade - Vocacional e 4 turmas do Programa Específico do Regime Educativo Especial (PEREE) (DOV - Despiste e Orientação Vocacional; PP - Programa Pré-Profissionalização e FPA e FPB- Formação Profissionalizante).

A disciplina de EMRC tinha uma presença muito significativa na EBSN, assumindo-se como uma área fundamental para a formação cívica e desenvolvimento pessoal e social da maioria dos alunos. Dos 481 alunos aos quais a disciplina era oferecida, desde o 1.º ano ao 12.º, e incluindo o Ensino Profissional, eram 422 os alunos que a frequentavam, o que dava uma percentagem de 87,7% de inscrições na disciplina. O 1.º ciclo tinha 98,6% de alunos inscritos (142/144); o 2.º ciclo contava com 100% de alunos inscritos (95/95); o 3.º ciclo tinha 99,3% de alunos inscritos (150/151); o ensino secundário 38,5% (32/83) e o ensino profissional com 37,5% de alunos inscritos em EMRC (3/8).

O fato de a disciplina de EMRC ter uma presença bastante vincada na escola foi um fator fundamental para que todo este processo se desenvolvesse da forma mais correta e assertiva possível, na medida em que, já mantendo contato com a disciplina, desde o 1.º Ciclo do Ensino Básico, os alunos estavam já cientes e conscientes das particularidades e objetivos da mesma, podendo, desta forma, explorar, de um modo mais atento, as suas potencialidades. Esta situação permitiu-me fazer uma comparação com a atual escola onde leciono, Escola Básica e Integrada de Rabo de Peixe, na qual a presença da disciplina de EMRC não é tão vincada, sendo, até mesmo, inexistente no 1.º Ciclo, conseguindo entender que quantas mais forem as referências dadas por esta disciplina mais os alunos conseguirão demonstrar gosto, interesse e,

consequentemente, obter resultados mais satisfatórios, essencialmente ao nível do saber ser e saber estar, fator este que é bastante evidente na EBSN.

Neste sentido, na EBSN eram 34 as turmas onde a disciplina era lecionada e 3 os professores que a lecionavam nesta escola, dos quais 2 estão em funções docentes de leção e 1, atualmente, a exercer a função de Presidente do Conselho Executivo.

1.1.2. Caracterização da turma

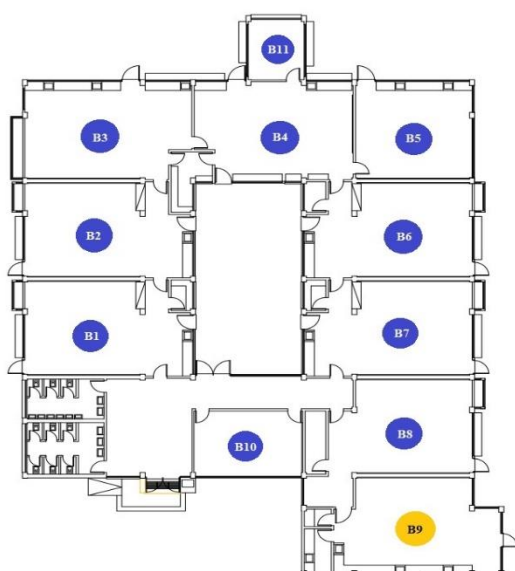
A turma A, do 7.º ano, era constituída por 20 alunos (11 rapazes e 9 raparigas), com idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos.

De acordo com informações recolhidas junto da Diretora de Turma, o aproveitamento e o comportamento dos alunos encontravam-se num nível Bom. As suas intervenções eram, muitas vezes, espontâneas e muito pertinentes, notando-se alguma preocupação e conhecimento dos eventos da atualidade e com intervenções que estimulam o diálogo, quer seja através das suas experiências pessoais, quer dos conhecimentos que detêm. Pontuais, assíduos, responsáveis eram, igualmente, características dos alunos desta turma.

Estes aspetos foram cruciais para o bom funcionamento das aulas e da abordagem desta UL em específico, na medida em que se mostraram, tal como com a docente cooperante, Fátima Rocha e nas intervenções do docente estagiário, Fábio Goulart, participativos e interessados nas atividades propostas, associando-os, muitas vezes, às situações da sua vida quotidiana e aos saberes adquiridos em outras áreas curriculares.

De acordo com o horário da turma, a disciplina de EMRC era lecionada à segunda-feira entre as 10h15 e as 11h00, num segmento de 45 minutos. Antes desta aula, os alunos vinham do intervalo, respeitando a entrada na sala de aula e as ordens emanadas por mim, aquando destes momentos, mostrando-se cumpridores e respeitadores em relação ao que lhes era solicitado, no que ao saber estar dizia respeito.

Uma vez que esta turma desenvolvia a maioria das suas atividades letivas no Bloco B, mais propriamente na sala B9, importava ter em conta o espaço. De seguida, podemos verificar a localização dessa sala no bloco em questão, assim como a distribuição do material dentro da mesma.



BLOCO B

Figura 1 - Planta do Bloco B

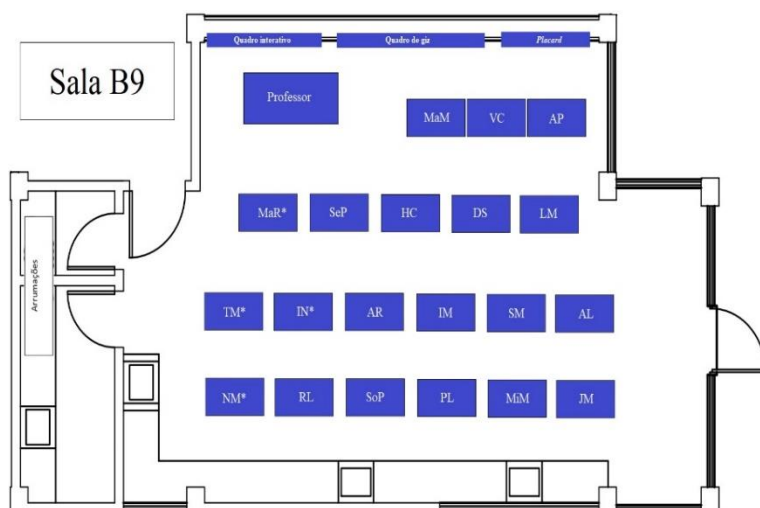


Figura 2 - Planta da sala B9

A forma como os alunos se encontravam sentados facilitou bastante o meu trabalho, na medida em que, ao longo de todas as intervenções, consegui mover-me, livremente, no espaço de sala de aula para poder prestar, sempre que se justificou, um apoio mais personalizado individualizado aos alunos que o solicitaram.

De referir, ainda, que esta turma tinha quatro alunos que integravam o Regime Educativo Especial (REE). Estes alunos apresentavam deficiências em várias funções, sendo que todos apresentavam défices de atenção, dois tinham o diagnóstico de Perturbação de Hiperatividade e um estava diagnosticado com Perturbação do Espectro do Autismo. Neste sentido e a este propósito, estes alunos sentavam-se em pontos estratégicos da sala de aula, permitindo que o apoio que lhes era direcionado, quer por mim, quer pelos docentes cooperante e estagiário, fosse prestado de uma forma mais prática.

Esta disposição da sala de aula permitiu, da mesma forma, que a estratégia dos trabalhos de grupo fosse bem concretizada, na medida em que, na mesma e tal como será possível verificar no relatório de aula n.º 4, os alunos com NEE tiveram a possibilidade de ser integrados com alunos com mais facilidade para que estes últimos os pudessem, na medida do possível, auxiliar e orientar.

De acordo com os dados recolhidos num questionário aplicado à turma⁴, vinca-se que, no que toca à nacionalidade dos alunos, todos eram de nacionalidade portuguesa. Grande parte dos alunos da turma (9) residia na freguesia sede de concelho, Vila do Nordeste, havendo 11 alunos de outras freguesias. Pelos dados recolhidos, os alunos que residiam na Vila do Nordeste deslocavam-se para a escola a pé ou em transporte particular (9). Todos os alunos que residiam

⁴ Anexo na página 11, do separador 2, do portefólio.

nas freguesias onde não está sedeadada a escola deslocavam-se de autocarro escolar (11). Realça-se, ainda, que todos os alunos da turma tinham o português como primeira língua, assim como alegavam ser cristãos na sua vertente católica.

Relativamente à questão realizada aos alunos acerca da forma como vivem a sua fé, 18 alunos responderam que frequentam a catequese, 10 alunos responderam que participam na eucaristia e 4 alunos pertencem aos escuteiros. Aqui, constatou-se que o contato com a Religiosidade é evidente nestes alunos e que, inseridos num meio pequeno, valorizam, de um melhor modo, estas questões não desprezando os verdadeiros objetivos da disciplina.

No questionário realizado aos alunos da turma constava, igualmente, um espaço para colocarem as suas estratégias de ensino de eleição. De acordo com os dados recolhidos constatou-se sete alunos preferiam a apresentação *PowerPoint*; sete preferem vídeos; sete preferem a leitura de textos; seis preferem trabalhos; três preferem a utilização do manual e três a realização de pesquisas. Verificou-se, então, que os alunos davam alguma prioridade à utilização de estratégias que recorrem às novas tecnologias, tais como a apresentação *PowerPoint* e os vídeos. Não obstante, a leitura de textos e a realização de trabalhos também tinha algum peso nas preferências dos alunos. Estes aspetos foram, pois, tidos em conta ao longo da PES, na medida em que as minhas estratégias de atuação confluíram ao encontro dos interesses dos alunos, pois é este o segredo para o alcance do sucesso.

Quanto às necessidades digitais dos alunos e tendo em conta o regime de ensino à distância a que, ainda, por vezes, éramos obrigados no decorrer do ano letivo 2021/2022, de acordo com os dados recolhidos, todos os alunos tinham internet em casa. Aqui, salienta-se que, aquando da PES, tive necessidade de recorrer a este regime com alguns alunos, na medida em que os mesmos se encontravam infetados com o SarS-CoV 2. Relativamente à utilização de dados móveis, catorze alunos não dispunham deles. No entanto, não era um fator preocupante no que diz respeito à utilização da internet na sala de aula pelo facto de os alunos terem acesso à rede wireless escolar através das suas credenciais de acesso. Além disso, a Biblioteca Escolar dispunha de dois tablets que podiam ser requisitados para a sua utilização em contexto de sala de aula. Nas minhas intervenções esta questão não se mostrou preocupante, dado que as estratégias que, por mim, foram planificadas não implicavam a utilização dos dados móveis, nem da internet por parte dos alunos. Todavia, e como a PES é resultado de um trabalho colaborativo, o docente estagiário, Fábio Goulart, necessitou destes dispositivos para o alcance de objetivos a que se propôs alcançar.

Relativamente aos encarregados de educação (EE), tendo em conta os questionários realizados, podemos verificar que, dos 20 alunos da turma, os encarregados de educação são, em 16 dos casos, a mãe, e apenas em dois casos, o pai. Existia também um aluno que tinha a

irmã como encarregada de educação, e a aluna IN, por estar na Casa de Acolhimento, tinha um tutor legal da instituição que ocupa o cargo de seu encarregado de educação. Quanto às habilitações literárias dos mesmos, concluímos que não havia uma tendência clara relativamente à formação dos mesmos. Eram dez os que detinham o 2.º ciclo ou uma licenciatura, oito com o 3.º ciclo ou Ensino Secundário, e apenas, um com Mestrado.

Chegada a este ponto do presente trabalho e após uma análise cuidada da relevância da contextualização do contexto de estágio e das particularidades inerentes à mesma, nomeadamente a caracterização da escola e da turma, é fundamental fazer-se alusão à PES numa perspetiva prática e reflexiva que integre, completamente e corretamente, a temática central deste trabalho, isto é, o desenvolvimento moral na adolescência. O ponto que, de seguida, se apresenta virá, pois, consolidar esta questão.

1.2. A lecionação da UL 3 «Riqueza e sentido dos afetos»

Os subpontos que, seguidamente, se apresentam virão reforçar de que forma a UL 3, do 7.º ano «Riqueza e sentido dos afetos» e a própria PES, na sua vertente prática e reflexiva poderão enobrecer o trabalho central de pesquisa que visa refletir sobre o contributo da disciplina de EMRC para o desenvolvimento moral na adolescência. Aqui, pretende-se, pois, aferir como é que ambas poderão apresentar-se como modelos e referências morais para os adolescentes.

Neste ponto, é fundamental perceber que a disciplina de EMRC terá de ser um verdadeiro lugar para a difusão de uma linguagem de amor e de amizade, a partir da escuta e do discernimento, sendo capaz de constituir, em ambiente escolar, uma voz que desafia os comodismos e situacionismos tão característicos do período em que vivemos.⁵

Importa, ainda, reforçar que ao professor de EMRC pede-se que este seja reflexivo perante a quantidade de desafios que vai encontrar na escola. Assim, «o docente deve promover a autonomia, treinar a autodisciplina, desenvolver no aluno a consciência de si, garantir que é capaz de autoavaliação e de espírito crítico.»⁶

Desta forma, será, num primeiro momento, feita referência à UL 3, do programa de EMRC do 7.º ano, tendo em consideração as suas metas, os seus objetivos, conteúdos e as suas estratégias e aprendizagens essenciais, aferindo-se de que forma a mesma poderá, em todos os seus conteúdos, sublinhar a questão do desenvolvimento moral na adolescência. Num segundo

⁵ Cf. João Lourenço, «Dimensão Profética da EMRC. A Escola, o Docente, o Educando. Sinais Proféticos da EMRC», *Pastoral Catequética*, n.º 31/32 (2015): 131.

⁶ Cristina Carvalho, «Pressupostos Epistemológicos e Pedagógicos do Desenvolvimento Curricular em Educação Moral e Religiosa Católica. Edição 2014», *Pastoral Catequética*, n.º 31-32 (2015): 39.

momento, será apresentada uma vertente prática e reflexiva que virá demonstrar o trabalho desenvolvido com esta UL, aquando da PES.

1.2.1. Análise da unidade letiva de referência «Riqueza e sentido dos afetos»

A UL 3, intitulada «Riqueza e sentido dos afetos» é a terceira do programa de EMRC, do 7.º ano, do 3.º Ciclo do Ensino Básico. Esta, no manual do aluno intitulado «Queremos Saber!»,⁷ contempla importantes temas que nos levam a compreender a adolescência e o desenvolvimento da pessoa, a construção da personalidade, preocupações e desafios, o agir moral e a questão religiosa e a mensagem cristã sobre a felicidade. Logo no primeiro tema sobre a importância de compreender a adolescência e o desenvolvimento da pessoa saltam-me à vista as várias interrogações e procura de respostas, características dos adolescentes: «Porque é que ninguém me compreende? Afinal quem sou eu? Porque me chateiam tanto os outros? O que está a acontecer comigo? O que pensam os outros de mim?»⁸

Esta UL pretende extrapolar por que motivo os adolescentes, muitas vezes, fazem a si mesmos e aos outros estas questões, num itinerário completo e coerente. Desta forma, esta UL aborda, num primeiro momento e sob o ponto de vista teórico, a adolescência, enquanto etapa fundamental da vida, na qual se evidenciam distintas mudanças a nível físico, psicológico e de personalidade. A este propósito, há a salientar que:

O conceito de adolescência enquanto período particular, distinto da vida, situado entre a infância e a idade adulta não existiu sempre, só há relativamente pouco tempo foi reconhecido como um período de desenvolvimento humano. Até ao final do século XIX, a adolescência não era reconhecida socialmente pelos adultos como uma etapa do ciclo vital. Antes desta época, entendia-se que o indivíduo passava directamente da infância à idade adulta sem transitar por um estágio intermediário, ou por uma fase com características tidas como diferenciadoras e significativas no plano desenvolvimental.⁹

De salientar que a relação com a família, com os grupos e com os amigos é aqui, também, evidenciada, bem como importância de todos estes elementos para o crescimento integral e harmonioso do adolescente.

Salienta-se, assim, que os pais, durante a adolescência, influenciam os seus filhos, sendo os seus modelos, devendo, pois, ensiná-los a saber dizer não e fazê-los entender o que é lícito

⁷ Secretariado Nacional de Educação Cristã., *Queremos Saber!* (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2021).

⁸ Secretariado Nacional de Educação Cristã, 87.

⁹ Manuela Ferreira e Paula Nelas, «Adolescência... Adolescentes», *Millenium - Journal of Education, Technologies, and Health*, n.º 32 (2006): 142, <http://hdl.handle.net/10400.19/409>.

e ilícito. Aos pais cabe, assim, a tarefa de terem um comportamento que sirva, verdadeiramente, de modelo.¹⁰

O processo de socialização, com os pares, implica aprender as melhores condutas, sendo, para tal, fundamental que o adolescente se encontre motivado para se comportar de forma adequada e, moralmente, correta.¹¹

As preocupações e os desafios, vivenciados pelos adolescentes, quer a nível físico, afetivo, social e emocional são, igualmente, aqui, expressos, fazendo com que os alunos observem que não estão sozinhos em relação a todas as questões existenciais que, eventualmente, possam surgir nesta fase da vida. Neste ponto, salienta-se que será dever do docente de EMRC transmitir, aquando da abordagem desta UL, a ideia de que perante as preocupações, os obstáculos, as dúvidas e angústias é fundamental que os adolescentes reajam com atitudes positivas e que é através do diálogo, da reflexão, da confiança, esperança, coragem e persistência que eles podem ultrapassar os obstáculos e crescer de forma harmoniosa.¹²

O agir moral e a questão religiosa têm, também, um lugar de destaque nesta UL, na medida em que estes fatores são, muitas vezes, colocados em causa nesta fase da vida não conseguindo, os adolescentes, grande parte das vezes, encontrar respostas concretas aos mesmos.

Aqui, é importante perceber que, no que tange ao desenvolvimento moral, uma das características do adolescente é ser capaz de raciocinar sem recorrer a exemplos concretos, isto é, começar a desenvolver a capacidade de abstração. Nesta fase, já é capaz de discutir e apreciar acontecimentos alheios ou que não existem. Analisa fatos, ideias e acontecimentos, criticam-se e imaginam-se possibilidades para resolver incoerências humanas. A sua inteligência permite-lhe enfrentar problemas do quotidiano, mas também equacionar soluções para os males da humanidade. A consciência e a autonomia moral começam, assim, a ser alicerces do adolescente que virá explorar diversas formas de solucionar problemas éticos.¹³

Em relação à questão religiosa, salienta-se que a mesma tende a ser questionada nestas idades e faz com que o adolescente questione o sentido das suas crenças, das crenças dos pais e da sua participação numa comunidade religiosa. Realça-se, ainda, que, na adolescência, a «vivência» de Deus, apesar de vaga, vem ganhar uma intensidade do ponto de vista afetivo e pessoal, sendo este visto como associado ao amor e à confiança, tonando-se, desta feita, um Deus «meu» e «pessoal».¹⁴

¹⁰ Cf. Eugenio González, «Educar en la Afectividad», 2-3, acedido a 11 de janeiro de 2023, <http://www.surgam.org/articulos/504/12%20EDUCAR%20EN%20LA%20AFECTIVIDAD.pdf>

¹¹ Cf. González, 11-12.

¹² Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Queremos Saber!*, 102.

¹³ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã., 107.

¹⁴ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, 109.

Por fim, esta UL apresenta-nos uma mensagem cristã sobre a felicidade. Neste seguimento, é fundamental que a UL faz referência ao «Cântico do Amor». Este cântico, inserido na 1.ª Carta de São Paulo aos cristãos de Corinto, foi escrito por volta do ano 55, tendo por objetivo advertir a comunidade para uma vida alicerçada no mandamento do Amor. A esta sociedade, marcada pelo egoísmo, foi apresentado o «Hino ao Amor», pretendo rejeitar o egocentrismo e afirmar o amor gratuito e altruísta que pretende o bem para todos e leva cada pessoa a fazer de si uma dádiva para o outro.¹⁵ Todo este trabalho de exploração desta UL, deve ser norteado pela organização das demais atividades de acordo com metas, objetivos e aprendizagens essenciais específicos os quais se encontram, devidamente, organizados no quadro seguinte:

Quadro n.º 1 – Metas, objetivos e aprendizagens essenciais específicos da UL 3, do 7.º ano

Metas	Objetivos	Aprendizagens Essenciais
<p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo;</p> <p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história;</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos;</p> <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.¹⁶</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender que a pessoa humana cresce e se desenvolve; - Identificar a etapa da adolescência como relevante na formação da personalidade e no desenvolvimento da vocação pessoal; - Conhecer as várias dimensões da personalidade humana; - Descobrir os fatores desenvolvimentais da adolescência; - Identificar as mudanças que ocorrem na pessoa durante a adolescência; - Identificar as preocupações que sentem os adolescentes; - Valorizar algumas formas de resolução de problemas no seu processo de crescimento; <p>Conhecer a mensagem cristã sobre a felicidade e a realização pessoal.¹⁷</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência; - Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal; - Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa; - Assumir atitudes responsáveis na procura da felicidade pessoal e dos outros; - Valorizar a mensagem cristã para a vivência do amor humano; - Relacionar as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade pessoal, no Ser e no agir.¹⁸

No que tange aos conteúdos e às estratégias a adotar pelos docentes nesta UL, é fundamental reconhecer que estes são selecionados consoante os objetivos que se pretende alcançar.

Na minha ótica, as metas «O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo» e «Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa

¹⁵ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, 111.

¹⁶ Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2014), 78.

¹⁷ Secretariado Nacional de Educação Cristã, 78.

¹⁸ Direção Geral da Educação/Ministério da Educação, «Aprendizagens Essenciais – EMRC 7.º ano», acedido a 11 de janeiro de 2023, acedido a 11 de janeiro de 2023, www.dge.mec.pt.

humana»¹⁹, apesar de abrangentes, são as que melhor caracterizam esta UL, na medida em que as mesmas, juntamente com as aprendizagens essenciais, conduzirão a uma maior agilidade na construção dos conhecimentos, das capacidades e das atitudes, por parte dos docentes e dos alunos.²⁰ Quanto às aprendizagens essenciais, definidas para esta UL, há a salientar que se encontram em conformidade com os objetivos pressupostos pela mesma, tendo sido, integralmente, cumpridas ao longo de todas as intervenções.

É importante, ainda, referir esta UL incluiu três dimensões fundamentais, nomeadamente a Dimensão da Experiência Humana, a Dimensão da Reflexão Religiosa e a Dimensão da Interpretação Ético-moral²¹. No que à primeira diz respeito, salienta-se que esta advoga que os adolescentes têm uma conceção abstrata acerca de si mesmo, apresentando, muitas vezes, carências de autoestima. Este dá, igualmente, muita importância ao que os outros pensam de si, deparando-se com novas identificações com os pares e pessoas liderantes fora da esfera familiar. Para ele, os amigos são uma família, interessando-se pelos comportamentos e pensamentos destes. Para os adolescentes é difícil fazer escolhas, uma vez que as opções são ilimitadas e, para eles, os modelos dos adultos pobres e inconsistentes.²²

A Dimensão da Reflexão Religiosa refere que os adolescentes, ao observar a redução de onipotência parental, abre-se, progressivamente, pelo religioso, apesar de apresentar uma crise de fé em si mesmo, na família e na sociedade, muitas vezes, desencadeada por violentas experiências de perdas, quer físicas, quer de confiança. Aqui, sentem necessidade de encontrar outras fontes de devoção, através das quais poderão entregar as suas forças e reconhecer o que é o mal e o que deve, efetivamente, ser repudiado.²³

Por fim, a Dimensão Ético-moral vem corroborar que esta UL permite que os adolescentes pensem que as regras e as convenções são entendidas como padrões a seguir para sua salvaguarda. Faz, do mesmo modo, que, muitas vezes, o adolescente demonstre vontade de agradar os outros, conseguindo, apenas, aprovação se for simpático e bom para que, assim, seja digno de confiança e tomam consciência das perspetivas dos outros e acredita que as pessoas é que têm culpa dos seus problemas.²⁴

A propósito das considerações expostas nos últimos três parágrafos, é fulcral reconhecer e, conseqüentemente, mencionar de que forma estas dimensões poderão ser observadas e, posteriormente, colocadas em prática no contexto de EMRC. O subponto que, seguidamente, se apresenta virá, pois, enobrecer esta questão, apresentando dinâmicas práticas e,

¹⁹ Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 78.

²⁰ Cf. Direção Geral da Educação/Ministério da Educação, «Aprendizagens Essenciais – EMRC 7.º ano».

²¹ Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 167.

²² Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, 167.

²³ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, 167.

²⁴ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, 167.

posteriormente, reflexivas que ilustrem a aplicabilidade da temática do desenvolvimento moral na adolescência, em contexto da PES.

1.2.2. Planificações de Nível IV e análise do processo de ensino-aprendizagem








De seguida, serão apresentadas planificações de nível IV, as quais, sendo elaboradas por aula, desenvolvem conteúdos, estratégias e atividades. Nas mesmas também se procede ao desenvolvimento de sequência de aulas, gerindo transições, a sala de aula, a disciplina e o tempo e desenvolvendo-se a avaliação. Estas são, portanto, elaboradas com base no programa, nos recursos disponíveis e na turma²⁵ e foram conseguidas nos dias 21 e 28 de fevereiro, 7, 15, 21 e 28 de março de 2022.

De salientar que, ao longo de todas as intervenções e tal como se poderá verificar nos relatórios das aulas, foi feito um esforço para integrar, o mais possível, a temática deste relatório através da forma como as várias estratégias foram aplicadas.

Neste sentido, reforço que, após a apresentação e descrição das atividades desenvolvidas, será então feita uma reflexão de todas as considerações retiradas relativamente ao envolvimento e desempenho dos alunos e à minha própria atuação, tendo todo este trabalho de planificação sido, pois, desenvolvido, de forma que o objetivo inicial, de descobrir o contributo da disciplina de EMRC para o desenvolvimento moral na adolescência, pudesse ser concretizado.

²⁵ Cf. Juan Ambrósio, *A Planificação* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, s.d.), 14. Texto não publicado, disponibilizado para uso dos alunos da Unidade Curricular (UC) de Currículo, Planificação e Avaliação.

Quadro n.º 2 –Planificação da aula 1 da UL 3 «Riqueza e sentido dos afetos»

7.º ano Unidade Letiva 3: «Riqueza e sentido dos afetos» Aula 1/6 Lição n.º 20 Data: 21/02/2022							
Aprendizagens essenciais	- Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência.						
Sumário	- Introdução à Unidade Letiva 3 «Riqueza e sentido dos afetos». - Construção da «Árvore da Vida».						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS		AVALIAÇÃO FORMATIVA	
							
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	1. Compreender que a pessoa humana cresce e se desenvolve. 2. Identificar a etapa da adolescência como relevante na formação da personalidade e no desenvolvimento da vocação pessoal.	O ciclo de vida: da infância à terceira idade; A adolescência é a idade em que nós estamos. · Na adolescência fazem-se escolhas relevantes para o resto da nossa vida: estudos, trabalho, estado de vida.	Acolhimento e Sumário.	Quadro e giz.	10'	- Assiduidade - Pontualidade	Comportamento
			Exploração do conceito de «Adolescência» e referência às três etapas da adolescência. ²⁶	Computador, projetor, «Diário de Um Adolescente» fantoches do Miguel e da Maria ²⁷ .	10'	- Empenho	
			Construção da «Árvore da Vida». ²⁸	Frases, árvore e corações.	20'	- Empenho	
			Elaboração da síntese da aula.	Quadro e giz.	5'	- Empenho	

Síntese da aula: A adolescência tem início com a puberdade e termina quando assumimos, autonomamente, as nossas responsabilidades. adolescência é composta por três etapas.

²⁶ Anexo nas páginas 49 e 50, do separador 3, do portefólio.

²⁷ Anexo na página 50, do separador 3, do portefólio.

²⁸ A cada aluno foi entregue uma frase, referente às etapas da adolescência. Posteriormente, os alunos tiveram de registar, num coração, uma situação que já tenham experienciado e que esteja relacionada com a frase que lhes foi atribuída. As referidas situações foram colocadas na «Árvore da Vida» que ficou exposta na sala de aula, juntamente com as sínteses da aula. Anexo na página 51, do separador 3, do portefólio.

Relatório da aula n.º 1

Unidade Letiva	«Riqueza e sentido dos afetos»
Lição n.º	20
Sumário	Introdução à Unidade Letiva 3 «Riqueza e Sentido dos Afetos». Construção da «Árvore da Vida».
Aprendizagens Essenciais	- Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência.
Docente Estagiária	Diana Félix
Docente Cooperante	Fátima Rocha
Docente Estagiário	Fábio Goulart
Cumprimento da Planificação	Maioritariamente

A primeira intervenção na UL em epígrafe decorreu no dia 21 de fevereiro de 2022.

A aula iniciou com a exploração dos conceitos de puberdade e adolescência. Esta exploração foi efetuada com recurso à apresentação *PowerPoint*, ao «Diário de um Adolescente» e mediante uma representação com fantoches, tendo a estagiária tido o cuidado de estabelecer uma ligação com a aula anterior.

Posteriormente, foram exploradas, ainda, com recurso à apresentação *PowerPoint*, as três etapas da adolescência, tendo, aqui, a estagiária tido o cuidado de as remeter para exemplos pessoais dos alunos para que estes as compreendessem da melhor forma possível.

Numa fase posterior foi atribuída uma frase a cada aluno, frase esta concernente à etapa da adolescência em que os mesmos se incluem e lançado o desafio de registrar, num coração em cartolina, uma situação pessoal experienciada pelos mesmos e que estivesse relacionada com o que fora explorado. Esta atividade fez com que os mesmos conseguissem reconhecer os aspetos bons e menos bons, com os quais se deparam nesta fase da vida e de que forma poderão solucionar as coisas menos boas, sem que isto afete os outros. Não houve, no entanto, tempo para colocar os corações na árvore, ficando esta atividade transposta para a aula seguinte.

Finalmente, foi elaborada a síntese da aula em grande grupo, tendo os alunos efetuado o registo da mesma no caderno diário. A síntese foi colocada na «Árvore da Vida», ação esta que será praticada em futuras aulas.

Neste momento, serão apresentadas as reflexões de todos os intervenientes no contexto de PES, com a turma A, do 7.º ano.

Como forma de autoavaliação considero que, no decorrer desta intervenção, tive um bom desempenho.

O facto de ter estabelecido uma ligação entre a referida aula e a aula anterior foi uma mais-valia, uma vez que fiz com que os alunos ficassem contextualizados e se apercebessem que tudo no programa tem lógica e seguimento.

Advogo, ainda, ter sido explícita na transmissão dos conceitos, mas que os devia ter aprofundado mais. Considero, igualmente, que o exercício de dramatização e o recurso à exemplificação de situações pessoais dos alunos, aquando da exploração dos conceitos e das etapas da adolescência, fez com que os mesmos se sentissem envolvidos no decorrer da aula.

Afiro, no entanto, que na atividade respeitante à «Construção da Árvore da Vida», na qual os alunos teriam de registar, num coração, uma situação pessoal experimentada e concernente a um aspeto da fase da adolescência em que os mesmos se inserem, estes últimos demonstraram algumas dificuldades, tendo a estagiária tido sempre a preocupação de fazer com que os mesmos as ultrapassassem, tentando esclarecê-los da melhor forma possível. Neste sentido, considero que devia ter recorrido a outra estratégia para que a mesma tivesse funcionado de uma melhor forma. Exemplos dessa estratégia podiam ter sido os facultados pelo docente estagiário e pela docente cooperante (referidos na avaliação feita pelos mesmos).

Reforço, ainda, que agi com naturalidade ao ter percebido que não iria conseguir concluir a última atividade, sendo este um aspeto bastante positivo.

Por fim, constato que consegui passar, de um modo correto, a mensagem, previamente, planeada, uma vez que os alunos apresentaram facilidade em formular a síntese de aula.

O docente estagiário, Fábio Goulart, iniciou a sua apreciação da aula referindo que a introdução à unidade letiva foi bem conseguida, estabelecendo uma ponte entre todo o programa lecionado até ao momento. Apesar de ser uma aula com muitos conteúdos, a maioria dos alunos demonstrou interesse e participaram quando solicitados.








A exploração das várias fases da adolescência foi realizada com calma e com a preocupação de ouvir os alunos relativamente às suas dúvidas e experiências pessoais, e mesmo após o momento em que tomou consciência que não conseguiria realizar todas as atividades delineadas para aquela aula.

O docente estagiário realçou ainda que, no seu entender, se a atividade de escrita de uma experiência pessoal no coração tivesse sido orientada de outra forma, provavelmente a planificação teria sido cumprida na íntegra. Ocupei mais tempo do que tinha inicialmente proposto nesta atividade pelo facto de os alunos não terem capacidade de decorar a frase que lhes tinha sido atribuída. Sugeri que se os alunos tivessem tirado à sorte uma tira com uma das frases correspondentes à sua fase da adolescência, ao invés de apenas as ter proferido oralmente,

os alunos, provavelmente, não teriam tido tanta dificuldade na execução da tarefa e a planificação poderia ter sido cumprida na íntegra.

A docente cooperante, Fátima Rocha, referiu que a aula decorreu bem, mas poderia ter decorrido muito melhor se tem sido concluída a atividade prática «Construção da Árvore da Vida». Referiu, ainda, que demonstrei uma atitude de empatia para com os alunos e ao mesmo tempo de exigência quanto baste e sempre que solicitada pelos discentes, para algum esclarecimento, atendeu aos mesmos, sendo clara e assertiva nas suas explicações. Salientou, que lamenta o facto de não ter cumprido na íntegra o planificado, nomeadamente, concluído a atividade «Construção da Árvore da Vida», ideia gira, e isso se ter devido apenas a um fator: Aquando da realização da tarefa solicitada aos discentes, não deveria ter sido distribuída oralmente uma frase a cada aluno, pois nem todos os alunos se identificaram com as frases a eles atribuídas, tendo dificuldades na realização da tarefa, e rapidamente se esqueceram das frases, mas, como sugestão, ser distribuído pelos alunos um documento com as etapas da adolescência e os alunos, então, iriam registar, no tal coração em cartolina, uma situação pessoal experienciada relacionada com a etapa e/ou frase com que se identificassem.

Quadro n.º 3 – Planificação da aula 2 da UL 3 «Riqueza e sentido dos afetos»

7.º ano Unidade Letiva 3: «Riqueza e sentido dos afetos» Aula 2/6 Lição n.º 21 Data: 28/02/2022							
Aprendizagens essenciais		- Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência. - Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal.					
Sumário		- Construção da «Árvore da Vida». - A formação e as várias dimensões da personalidade na adolescência.					
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS		AVALIAÇÃO FORMATIVA	
							
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	1. Compreender que a pessoa humana cresce e se desenvolve. 2. Identificar a etapa da adolescência como relevante na formação da personalidade e no desenvolvimento da vocação pessoal. 3. Conhecer as várias dimensões da personalidade humana.	O ciclo de vida: da infância à terceira idade; A adolescência é a idade em que nós estamos. ·Na adolescência fazem-se escolhas relevantes para o resto da nossa vida: estudos, trabalho, estado de vida. O crescimento e as mudanças na personalidade: o desenvolvimento da pessoa e a adolescência.	Acolhimento e Sumário.	Quadro e giz.	10'	- Assiduidade - Pontualidade	Comportamento
			Continuação da atividade iniciada na aula anterior.	Frases, árvore e corações.	10'	- Empenho	
			Exploração das mudanças físicas e das várias dimensões da personalidade humana. ²⁹	Fantoches, computador, projetor, questionários, flor, canetas.	20'	- Empenho	
			Elaboração da síntese da aula.	Quadro e giz.	5'	- Empenho	

Síntese da aula: Na adolescência ocorrem mudanças na personalidade, consoante o ritmo de cada pessoa e a influência de diversos fatores.

²⁹ Para a realização desta atividade foram utilizados os fantoches do Miguel e da Maria, foi lido um diálogo em *PowerPoint* (Páginas 56 e 57, do separador 3, do portefólio) e no «Diário de um Adolescente» (Anexo na página 57, do separador 3, do portefólio), procedendo-se à exploração oral dos mesmos. Posteriormente, foi distribuído um questionário aos alunos (Anexo na página 58, do separador 3, do portefólio), no qual os mesmos teriam de assinalar a frequência com que determinada situação se verifica. Se nunca, deveriam colocar «1», se «às vezes» teriam de colocar «2» e se «sempre» deveriam colocar «3». À medida que foram assinalando a resposta considerada correta disseram-me em que dimensão da personalidade aquela questão se enquadrava e colocámo-la no seu devido lugar. No final os alunos somaram a pontuação obtida e tiveram acesso ao significado da mesma. Foram-lhes atribuídos «smiles» em formato de autocolantes, com cores distintas, consoante a pontuação obtida. Caso obtivessem entre 1 e 9 pontos, ser-lhes-ia atribuído o smile vermelho; entre 9 e 16 dar-lhes-ia o amarelo e, como todos obtiveram entre 17 e 24 pontos, foi-lhes dado o smile dourado (Anexo na página 59, do separador 3, do portefólio) No final, foram colocadas flores, com os conteúdos abordados na aula, na «Árvore da Vida» (Anexo na página 60, do separador 3, do portefólio).

Relatório da aula n.º 2

Unidade Letiva	«Riqueza e sentido dos afetos»
Lição n.º	21
Sumário	Construção da «Árvore da Vida». - A formação e as várias dimensões da personalidade na adolescência.
Aprendizagens Essenciais	- Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência. - Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal.
Docente Estagiária	Diana Félix
Docente Cooperante	Fátima Rocha
Docente Estagiário	Fábio Goulart
Cumprimento da Planificação	Sim

A segunda intervenção na UL em epígrafe decorreu no dia 28 de fevereiro de 2022.

A aula iniciou com a recapitulação, oral, dos conceitos abordados na aula anterior, nomeadamente o de puberdade, o de adolescência e da referência às três etapas da adolescência.

Seguidamente, procedeu-se à consecução da última atividade preconizada para a aula anterior, ou seja, à construção da «Árvore da Vida». Num primeiro momento, procedi à explicação da escolha da mesma, expressando uma analogia com o próprio ser humano. Desta feita, destaquei que quando nascemos «chegamos ao mundo» desprovidos de tudo, sem um aspeto físico e sem uma personalidade definidos, sendo que é ao longo da vida e essencialmente na adolescência que estes se moldam e definem. Prossegui afirmando que, também, as árvores nascem desprovidas e com o passar do tempo e com os devidos cuidados é que vão criando folhas, flores e/ou frutos e que toda a informação que formos colocando na nossa «Árvore da Vida» defini-la-á e completá-la-á. No entanto, por questões de tempo, optei por ser eu própria a colocar na árvore e não os alunos, como previamente havia sido previsto, os corações com as frases, respeitantes às experiências pessoais vividas pelos alunos e concernentes à etapa da adolescência, em que os mesmos se inserem. Ao mesmo tempo que os corações foram sendo colocados na árvore fui lendo as mensagens expostas nos mesmos, não nomeando nomes para não ferir suscetibilidades.

Posteriormente, foram exploradas, com recurso à apresentação *PowerPoint*, ao «Diário de um Adolescente» e a dois fantoches, as principais mudanças físicas que ocorrem na fase da adolescência, assim como as várias dimensões da personalidade e como as mesmas podem ser trabalhadas na adolescência. Após estes aspetos terem sido, devidamente, explorados, foram colocadas três flores na «Árvore da Vida» com referência aos mesmos.

A propósito desta última, os alunos foram convidados a responder a um questionário, assinalando a opção que melhor se adequava à sua situação pessoal. Caso considerassem que a resposta fosse «Nunca» deveriam assinalar o «1»; caso achassem que a resposta era «Às Vezes» deveriam assinalar o «2» e, por fim, se tivessem a opinião de que a resposta deveria ser «Sempre» deveriam assinalar o «3». No final, todos os alunos somaram os pontos e, consoante a pontuação obtida, tiveram um *smile* dourado, em formato autocolante e leram a mensagem que lhes fora transmitida na apresentação *PowerPoint*. Esta atividade fez com que os alunos refletissem sobre a sua forma de proceder, relativamente a si mesmos e aos outros, numa lógica de reconhecimento dos seus valores morais e da distinção entre o que é correto e o que é incorreto, ficando, aqui, igualmente, evidenciada uma perspetiva de desenvolvimento moral.

Neste sentido, é fundamental perceber que, no que tange ao desenvolvimento moral, a formação moral, ou mais precisamente, a formação da personalidade moral tem sido um dos grandes objetivos da educação de valores, e está integrada, por influência social e cultural, à estrutura da personalidade dos indivíduos, regulando, assim, os seus comportamentos.³⁰

Numa última instância, procedeu-se à elaboração da síntese da aula, a qual foi colocada na «Árvore da Vida».

Como forma de autoavaliação considero que, no decorrer desta intervenção, tive um bom desempenho.

Saliento que o facto de ter estabelecido uma ligação entre a referida aula e a aula anterior foi uma mais-valia, uma vez que fez com que os alunos ficassem contextualizados e se apercebessem que tudo tem lógica e seguimento.

Constato que, aquando da recapitulação dos conceitos abordados na aula anterior, alguns alunos sentiram algumas dificuldades face aos mesmos, tendo estimulado as suas participações e intervenções, tentando que os mesmos chegassem às respostas corretas.

Advogo, também, que na atividade respeitante à construção da «Árvore da Vida», o facto de ter sido a própria a colocar, sem nomear nomes, os corações na árvore foi um aspeto

³⁰ Denise D'Aurea-Tardeli, «A Manifestação da Solidariedade em Adolescentes: Um Estudo sobre a Personalidade Moral», *Psicologia: Ciência e Profissão* 28, n.º 2 (2008): 291, <https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000200006>.

bastante positivo, pois fez com que conseguisse uma boa gestão do tempo, mantendo os alunos interessados e empenhados em tudo o que estava a decorrer.

Considero, ainda, que o recurso à apresentação *PowerPoint*, ao «Diário de um Adolescente» e a dois fantoches para a exploração dos aspetos abordados nesta aula foi um aspeto bastante positivo, na medida em que os alunos se mostraram interessados e motivados, pois encontravam-se, diretamente, envolvidos. Corrobore-se que, numa fase seguinte, a escolha dos questionários, a metodologia com que os mesmos foram aplicados e, no final, a atribuição, consoante a pontuação obtida, dos *smiles* aos alunos foram aspetos que fizeram com que a aula decorresse bem, na medida em que os alunos expressaram o seu gosto e interesse pela atividade.

Por fim, constato que consegui passar, de um modo correto, a mensagem, previamente, planeada, uma vez que os alunos apresentaram facilidade em formular a síntese da aula.

O docente estagiário referiu que a aula correu bem e que houve uma boa gestão do tempo, dando para realizar de forma profícua as atividades delineadas. Além disso, as mesmas foram bem orientadas e expostas de forma clara para os alunos, o que contribuiu para o sucesso das mesmas.

Mencionou, também, que soube impor-me de forma correta e assertiva quando necessário, uma vez que os alunos ainda demonstram muita imaturidade no que diz respeito a alguns dos conteúdos desta unidade letiva. Em face disto, reagi corretamente, esclarecendo de forma correta as dúvidas dos alunos e interagindo com eles com naturalidade no que diz respeito a essas temáticas.

A docente cooperante referiu que a aula decorreu bem, que a planificação foi cumprida dentro do tempo estipulado, com uma pequena, mas positiva mudança de estratégia da minha parte. Salientou, de forma positiva, o facto de ter feito uma breve revisão de conceitos abordados na aula anterior, o que permitiu esclarecer alguma dúvida que ainda persistia, por parte de algum aluno, e possibilitou uma melhor apreensão dos conteúdos da aula corrente.

Esta docente concluiu, por último, que, ao longo da aula, fui transmitindo aos alunos de forma clara e assertiva o pretendido e abordei com naturalidade os conteúdos previstos, tendo os alunos demonstrado atenção e interesse relativamente ao exposto e aos recursos utilizados e que na realização das tarefas solicitadas os discentes foram participativos e empenhados.

Quadro n.º 4 – Planificação da aula 3 da UL 3 «Riqueza e sentido dos afetos»

7.º ano Unidade Letiva 3: «Riqueza e sentido dos afetos» Aula 3/6 Lição n.º 22 Data: 07/03/2022							
Aprendizagens essenciais	- Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa; - Assumir atitudes responsáveis na procura da felicidade pessoal e dos outros.						
Sumário	- A relação do adolescente com os pais e com os amigos.						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS		AValiação FORMATIVA	
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p>	4. Descobrir os fatores desenvolvimentais da adolescência.	A importância da família e da escola na formação da personalidade.	Acolhimento e Sumário.	Quadro e giz.	10'	- Assiduidade - Pontualidade	
		Os amigos e a sua influência dos mesmos na personalidade e na vida do indivíduo/adolescente.	Exploração de um <i>PowerPoint</i> alusivo à relação do adolescente com os pais e com os amigos. ³¹	Fantoches, computador, projetor, «Diário de um Adolescente».	5'	- Empenho	
	6. Identificar as preocupações que sentem os adolescentes.	A experiência de maturação dos adolescentes:	Testemunho de uma mãe. ³²			20'	- Empenho
		- Integração social; - Dificuldades na relação com a família.	Dinâmica «O Correio da Amizade». ³³	Corações em papel e canetas.	5'	- Empenho	
		7. Valorizar algumas formas de resolução de problemas no seu processo de crescimento.	O contributo do diálogo com os adultos de confiança para a resolução de dificuldades.	Elaboração da síntese da aula.	Quadro e giz.	5'	- Empenho
						Comportamento	

Síntese da aula: O adolescente, por vezes, sente dificuldades em lidar com a família. O grupo de amigos é importante na fase da adolescência.

³¹ Anexo na página 65, do separador 3, do portefólio.

³² Foi convidada, a ir à sala e neste dia, uma EE de um dos alunos da turma com o intuito de dar o seu testemunho sobre a relação estabelecida com o filho e sobre as alegrias e dificuldades sentidas no decorrer da mesma (Anexo na página 66, do separador 3, do portefólio).

³³ A convidada da aula lançou, através da parte final do seu discurso, esta atividade. Esta parte final do discurso remeteu-se à relação do filho com os amigos e aos conselhos que lhe são facultados. Cada aluno teve, desde o início da aula, um coração, em papel, em cima da sua secretária, devendo registar no mesmo uma mensagem a um amigo da sala de aula, a qual será, posteriormente, foi exposta na «Árvore da Vida» (Anexo na página 67, do separador 3, do portefólio).

Relatório da aula n.º 3

Unidade Letiva	«Riqueza e sentido dos afetos»
Lição n.º	22
Sumário	- A relação do adolescente com os pais e com os amigos.
Aprendizagens Essenciais	- Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa; - Assumir atitudes responsáveis na procura da felicidade pessoal e dos outros.
Docente Estagiária	Diana Félix
Docente Cooperante	Fátima Rocha
Docente Estagiário	Fábio Goulart
Cumprimento da Planificação	Sim

A terceira intervenção da UL, previamente, enunciada decorreu no dia 07 de março de 2022.

A aula iniciou com a recapitulação, oral, dos conteúdos abordados na aula anterior, nomeadamente das várias mudanças físicas que ocorrem na fase da adolescência e das várias dimensões da personalidade que os adolescentes experienciam.

Seguidamente, procedeu-se à exploração, através de uma apresentação *PowerPoint*, de dois fantoches e do «Diário de um Adolescente», à exploração das especificidades constantes na relação entre o adolescente e os pais e o adolescente e os amigos.

Posteriormente, os alunos, a docente cooperante, o docente estagiário e eu tivemos oportunidade de escutar, na sala de aula, o testemunho de uma encarregada de educação, a qual foi, em primeira pessoa, relatar como é a sua relação, a todos os níveis, com o filho, que conselhos e motivações lhe transmite. A intervenção da encarregada de educação findou com a referência às amizades do filho e à forma como as mesmas são entendidas por ela.

Nesta lógica, destacam-se as ideias de Cristina Sá Carvalho quando esta nos diz que:

O moralismo é vivido como um desejo de auto-realização e construção de um “eu ideal”, inspirado em modelos de grande superioridade, inalcançáveis, dotados da onipotência que, antes, estava reservada aos pais. Também tem amplos traços de um proselitismo dominador: a necessidade de ser aceite no grupo, de amadurecer os sentimentos de pertença e de testar os valores anteriormente interiorizados conduz a uma atitude de conversão sectária.³⁴

Aproveitando o anteriormente exposto, os alunos tiveram, seguidamente, de realizar a dinâmica intitulada «Correio da Amizade», através da qual escreveram, num coração de papel, uma mensagem ao/à seu/sua melhor amigo/a, podendo este/a ser, ou não, da turma. Na aula seguinte as mesmas, já devidamente corrigidas, serão colocadas na «Árvore da Vida».

Como forma de autoavaliação considero que, no decorrer desta intervenção, tive um bom desempenho.

Salienta-se que o facto de ter estabelecido uma ligação entre a referida aula e a aula anterior foi uma mais-valia, uma vez que fez com que os alunos ficassem contextualizados e se apercebessem que tudo tem lógica e seguimento.

Aquando da recapitulação dos conceitos abordados na aula anterior, os alunos apresentaram facilidade em demonstrar os seus conhecimentos querendo, até, participar todos ao mesmo tempo, tendo, a estagiária, portanto, sentido a necessidade de relembrar as regras de sala de aula, as quais foram bem acatadas pelos mesmos.

Considero, ainda, que o recurso à apresentação *PowerPoint*, ao «Diário de um Adolescente» e a dois fantoches para a exploração das especificidades constantes na relação entre o adolescente e os pais e o adolescente e os amigos foram um aspeto bastante positivo, na medida em que os alunos se mostraram interessados e motivados, pois encontravam-se, diretamente, envolvidos.

Afiro, igualmente, que o testemunho, em primeira pessoa, de uma mãe, reforçando a relação, em várias dimensões, com o seu filho foi um aspeto, também, bastante positivo, na medida em que os alunos se mostraram bastante atentos e curiosos ao que estava a ser transmitido. A convidada manteve um discurso coerente e bastante enriquecedor, fazendo com que a atividade tivesse decorrido bastante bem. O facto de ter aproveitado a intervenção da convidada para lançar a última atividade da aula foi outro aspeto bastante gratificante, uma vez que os alunos se mantiveram empenhados, tendo exposto mensagens profundas e verdadeiras nos seus corações. Por fim, constato que consegui passar, de um modo correto, a mensagem,

³⁴ Cristina Carvalho, «A Experiência Religiosa dos Adolescentes», *Theologica* 45, n.º 2 (2010): 425, <https://doi.org/10.34632/theologica.2010.2051>.








previamente, planeada, uma vez que os alunos apresentaram facilidade em formular a síntese da aula.

O docente estagiário referiu que a aula correu bem, que os alunos demonstraram estar a acompanhar os conteúdos lecionados através de uma rápida síntese feita no início da aula, na qual foi dada oportunidade a todos os alunos de se manifestarem relativamente às aprendizagens efetuadas até à aula atual.

Os alunos estiveram envolvidos ativamente na dinâmica da aula e a convidada especial, já conhecida dos alunos, foi garante de uma grande atenção por parte dos alunos na intervenção da mesma. A encarregada de educação preparou-se muito bem de forma a dar relevo aos aspetos principais no que concerne à sua relação com o seu educando, manifestando-se de forma clara, articulada e organizada, o que foi uma mais-valia para os alunos e para o seu envolvimento.

A última atividade, do «Correio da Amizade» foi realizada pelos alunos com agrado e notou-se que os alunos, após falarem nestes aspetos durante três aulas, já se sentiam mais à vontade para refletir e dar a conhecer os seus sentimentos a respeito desta temática, o que resultou em mensagens de alunos com alguma profundidade e conteúdo.

A docente cooperante referiu que a aula correu muito bem: que houve uma boa gestão do tempo, permitindo o cumprimento da planificação; que ao fazer uma breve revisão da aula anterior os alunos demonstraram terem apreendido os conteúdos anteriormente abordados; que a estratégia de recorrer ao testemunho de uma mãe de um adolescente foi bem conseguida, pois a mesma cativou a atenção dos alunos com o seu discurso claro, assertivo, articulado e dentro do pretendido; e que os alunos participaram de forma empenhada na realização da tarefa solicitada, relativa ao «Correio da Amizade».

7.º ano Unidade Letiva 3: «Riqueza e sentido dos afetos» Aula 4/6 Lição n.º 23 Data: 14/03/2022							
Aprendizagens essenciais		- Valorizar a mensagem cristã para a vivência do amor humano.					
Sumário		- Exploração do «Cântico do Amor». Os melhores valores da minha vida.					
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS		AVALIAÇÃO FORMATIVA	
							
G. Identificar os valores evangélicos.	8. Conhecer a mensagem cristã sobre a felicidade e a realização pessoal.	1 Cor 13,1-13: Hino ao amor. - Crescer e ser adulto é fazer escolhas na perspectiva do amor: - Procurar o bem-comum; - Viver a felicidade na entrega aos outros.	Acolhimento e Sumário.	Quadro e giz.	10'	- Assiduidade - Pontualidade	Comportamento
			Conclusão da última atividade da aula anterior.	Árvore da Vida e corações em papel.	5'	- Empenho	
			Exploração de PowerPoint, alusivo à temática da aula. ³⁵	Fantoches, computador, projetor, «Diário de um Adolescente».	5'	- Empenho	
			Exploração do «Cântico do Amor». ³⁶	Computador, projetor, pedaços de papel e «Cântico do Amor».	20'	- Empenho	
			Elaboração da síntese da aula.	Quadro e giz.	5'	- Empenho	

Síntese da aula: Viver de e pelo Amor é corresponder ao projeto de Deus.

³⁵ Anexo nas páginas 72 e 73, do separador 3, do portefólio.

³⁶ O cântico, com espaços por preencher, ficou colado no quadro. Os alunos reuniram-se em pequenos grupos de 4 elementos e dramatizaram situações que foram ao encontro do que estava exposto no cântico, isto, é situações que mostrem que o amor é prestável, que não é invejoso, arrogante, nem orgulhoso, etc (Anexo na página 74, do separador 3, do portefólio). No final, tiveram de descobrir, através da decifração de um enigma (Anexo na página 74, do separador 3 do portefólio), as palavra-chave da sua dramatização e colocá-las no seu devido lugar, isto é, no lugar que lhe é destinada no cântico (Anexo na página 75, do separador 3, do portefólio).

Relatório da aula n.º 4

Unidade Letiva	«Riqueza e sentido dos afetos»
Lição n.º	23
Sumário	- Exploração do «Cântico do Amor». Os melhores valores da minha vida.
Aprendizagens Essenciais	- Valorizar a mensagem cristã para a vivência do amor humano.
Docente Estagiária	Diana Félix
Docente Cooperante	Fátima Rocha
Docente Estagiário	Fábio Goulart
Cumprimento da Planificação	Sim

A quarta intervenção da UL «Riqueza e sentido dos afetos» decorreu no dia 14 de março de 2022.

A aula iniciou com a recapitulação, oral, dos conteúdos abordados na aula anterior, essencialmente no que concerne às especificidades constantes na relação entre o adolescente e os pais e o adolescente e os amigos.

De forma que todos os alunos estivessem ao corrente das mensagens elaboradas na aula anterior, resultante da atividade intitulada «Correio da Amizade». Cada aluno teve oportunidade de ler uma mensagem, sem identificar o autor da mesma, e de colocá-la na «Árvore dos Afetos».

Seguidamente, procedeu-se, através de uma apresentação *PowerPoint*, do recurso a dois fantoches e do «Diário de um Adolescente», à exploração de tudo o que está previsto na mensagem cristã para uma verdadeira vivência do amor humano, promovido nas relações com os outros.

Esta estratégia vai ao encontro do estudo realizado para a redação deste trabalho, tendo-se percebido, através do debate que foi realizado relativamente a isto, que os adolescentes vivem uma fé sintético-convencional, sendo a mesma vivida e interpretada de acordo com o que os outros dizem e com o que é, para o adolescente, conveniente.

Posteriormente, os alunos reuniram-se em grupos de 4 elementos e, a cada grupo, foi atribuída a missão de prepararem duas dramatizações, referentes a situações que explicitam de que forma o amor humano pode ser visto e entendido nas relações com os outros. Após cada grupo ter apresentado as suas dramatizações, foi efetuado um exercício através do qual os alunos tiveram de associar números às respetivas letras do alfabeto, com o intuito de decifram a mensagem que as dramatizações apresentadas queriam sugerir.

Seguidamente, procedeu-se à leitura, em grande grupo, do «Cântico do Amor» e a um exercício de preenchimento lacunar com as palavras descobertas na atividade anterior.

Num último momento, os alunos colaram uma cópia do «Cântico do Amor» no seu caderno e procedeu-se à elaboração da síntese da aula.

A este propósito, há a salientar que o apóstolo São Paulo nos vem de um amor «gratuito, desinteressado, sincero e fraterno»³⁷ que demonstra preocupação para com o outro, buscando o bem do outro sem esperar nada em contrapartida.³⁸ Para ele, «viver no amor é viver em Deus»³⁹ e que, sem amor, as melhores coisas são vazias e sem valor, uma vez que é o amor que dá sentido à vida e a toda a experiência humana e cristã⁴⁰, numa clara lógica de desenvolvimento e aprimoramento dos valores morais pessoais.

Como forma de autoavaliação considero que, no decorrer desta intervenção, tive um bom desempenho.

Constato que, aquando da recapitulação dos conceitos abordados na aula anterior, os alunos apresentaram facilidade em demonstrar os seus conhecimentos. Saliento, da mesma forma, que a estratégia de leitura, em voz alta, de todas as mensagens elaboradas na aula anterior, foi um aspeto bastante positivo, pois os alunos manifestaram bastante interesse na mesma, mantendo-se atentos. Considero, ainda, que o recurso à apresentação *PowerPoint*, ao «Diário de um Adolescente» e a dois fantoches para a exploração dos conteúdos da aula foi, também, um aspeto bastante positivo, na medida em que os alunos se mostraram interessados e motivados, pois encontravam-se, diretamente, envolvidos. Esta exploração visou, acima de tudo, estabelecer uma ligação com os conteúdos abordados na aula anterior, motivo pelo qual procedi a uma alteração da ordem das metas, dos objetivos e dos conteúdos, tendo este fator assumido particular relevância, de modo que os alunos se sentissem norteados nas suas aprendizagens.

A estratégia concernente à realização de dramatizações foi bem conseguida, na medida em que os alunos se mostraram bastante empenhados na mesma. Notou-se, contudo, que ao longo desta os alunos tiveram algumas dificuldades em respeitar as regras da sala de aula, tendo, eu, portanto, sentido a necessidade de relembrar as respetivas regras, as quais foram bem acatadas pelos mesmos. Por fim, observo que consegui passar, de um modo correto, a mensagem, previamente, planeada, uma vez que os alunos apresentaram facilidade em formular a síntese da aula.

³⁷ Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Queremos Saber!*, 112.

³⁸ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, 112.

³⁹ Secretariado Nacional de Educação Cristã, 112.

⁴⁰ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, 112.

O docente estagiário referiu que a aula correu bem e que os alunos demonstraram estar a acompanhar os conteúdos lecionados, aquando da recapitulação dos conceitos abordados na aula anterior. Os alunos demonstraram, também, estarem envolvidos ativamente nas dinâmicas da aula, tendo as estratégias utilizadas surtido efeito. A docente Fátima Rocha referiu que a aula correu bem e dentro do tempo estipulado; que a estagiária foi bastante clara relativamente às orientações prestadas aos alunos no decorrer da aula; que os alunos demonstraram terem apreendido os conteúdos abordados na aula anterior e assimilado as aprendizagens essenciais da corrente aula; que os discentes participaram com empenho nas atividades solicitadas, conseguindo corresponder ao que era pretendido, tendo os objetivos sido atingidos e as estratégias utilizadas concretizadas com sucesso.

Relativamente ao recurso utilizado para a apresentação do texto «Cântico do Amor», a docente apenas achou que o texto apresentado em cartolina deveria estar escrito de forma mais perceptível, contudo, o facto de ter sido entregue a cada aluno uma cópia do referido texto preencheu essa lacuna.

Quadro n.º 6 – Planificação da aula 5 da UL 3 «Riqueza e sentido dos afetos»

7.º ano Unidade Letiva 3: «Riqueza e sentido dos afetos» Aula 5/6 Lição n.º 24 Data: 21/03/2022							
Aprendizagens essenciais	- Relacionar as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade pessoal, no Ser e no agir.						
Sumário	- O agir moral e a questão religiosa na adolescência.						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS		AVALIAÇÃO FORMATIVA	
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	5. Identificar as mudanças que ocorrem na pessoa durante a adolescência.	Experimentar novas formas de resolver problemas ético-morais: consciência e autonomia moral; Questionar o religioso e ser por ele questionado; O que é a religiosidade: a experiência psicológica do religioso.	Acolhimento e Sumário.	Quadro e giz.	10'	- Assiduidade - Pontualidade	
			Recapitulação da matéria abordada nas aulas anteriores.		1'	- Empenho	
			Exploração de um <i>PowerPoint</i> , alusivo às temáticas da aula: dilemas ético-morais e a questão religiosa. ⁴¹	Fantoches ⁴² , computador, projetor, «Diário de um Adolescente». ⁴³	10'	- Empenho	
			Exploração de dilemas ético-morais. ⁴⁴	Cartolinas em formato de coração, dilemas e canetas.	20'	- Empenho	
			Elaboração da síntese da aula.	Quadro e giz.	4'	- Empenho	
							Comportamento

Síntese da aula: Agir de forma correta é corresponder à mensagem de Deus, uma mensagem de amor.

⁴¹ Anexo n.º 1.

⁴² Anexo n.º 2.

⁴³ Anexo n.º 3.

⁴⁴ Os alunos reuniram-se a pares. A cada par foi atribuído um dilema ético-moral diferente. (Anexo n.º 4) Cada par teve de aferir de que forma resolveria o dilema apresentado, explicitando-o, por escrito, no verso. Posteriormente, as possíveis resoluções dos dilemas foram apresentadas à turma, pelo porta-voz de cada par. Todos os alunos puderam intervir, ativamente, enunciando outras formas de resolução dos dilemas apresentados. Os anexos, com as soluções apresentadas pelos alunos, constam da página 83 à página 85, do separador 3, do portefólio. No final, os dilemas e as respetivas soluções foram colocados na «Árvore da Vida» (Anexo n.º 5).

Relatório da aula n.º 5

Unidade Letiva	«Riqueza e sentido dos afetos»
Lição n.º	24
Sumário	- O agir moral e a questão religiosa na adolescência.
Aprendizagens Essenciais	- Relacionar as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade pessoal, no Ser e no agir.
Docente Estagiária	Diana Félix
Docente Cooperante	Fátima Rocha
Docente Estagiário	Fábio Goulart
Cumprimento da Planificação	Sim

A quinta intervenção da UL «Riqueza e sentido dos afetos» decorreu no dia 21 de março de 2022, tendo sido uma aula também assistida e avaliada pelo docente supervisor de estágio, Juan Ambrósio.

A aula iniciou-se com a recapitulação, oral e sumária, dos conteúdos abordados em todas as aulas anteriores, assim como do significado da «Árvore da Vida», presente na sala de aula, no decorrer de todas as intervenções relativas à corrente UL.

De seguida, procedeu-se, através de uma apresentação *PowerPoint*, do recurso a dois fantoches e do «Diário de um Adolescente», à exploração de como o agir moral se manifesta na adolescência. Para tal, foi apresentado o «Dilema de Heinz» para que os alunos refletissem sobre o mesmo. Vinque-se que se fez, também, referência à forma como a religiosidade é vivida na adolescência, bem como à importância da mesma para os adolescentes.

Posteriormente, os alunos reuniram-se em pares e, a cada par, foi atribuído um dilema ético-moral com o intuito de o mesmo ser explorado e resolvido. Os dilemas constaram em cartolinas, as quais representaram a razão e a emoção que deveriam estar em jogo aquando da consecução da tarefa proposta.

Neste momento, é fundamental refletir que as estratégias que, por mim, foram adotadas nesta aula vão encontro das considerações que nos dizem que ao longo da vida e, mediante as nossas experiências sociais, os adolescentes percebem que nem tudo o que fazem é correto e que é com os pais, professores e amigos que aprendem a ter consciência do bem e do mal. Os adolescentes percebem, também, aqui que age, muitas vezes, para agradar os seus pares e

começa, igualmente, a ter consciência pessoal das consequências das suas ações e do que deve, efetivamente, fazer. A esta capacidade de discernir e de fazer o bem a si próprio e aos outros, chamamos moral. É importante referir que o desenvolvimento moral é tão importante como o desenvolvimento intelectual ou afetivo. Crescer moralmente é, pois, progredir na opção pelo bem, diferenciando o que é certo e o que é errado e escolhendo, em cada circunstância da vida, o que mais dignifica a todos, num claro processo de desenvolvimento moral.⁴⁵

Seguidamente, procedeu-se à apresentação e reflexão, em grande grupo, das resoluções encontradas para os referidos dilemas, tendo os mesmos sido, numa fase posterior, colocados na «Árvore da Vida». Numa última instância, elaborou-se a síntese da aula.

Como forma de autoavaliação considero que, no decorrer desta intervenção, tive um bom desempenho.

Constato que, aquando da recapitulação dos conceitos abordados na aula anterior, os alunos apresentaram facilidade em demonstrar os seus conhecimentos, proferindo respostas corretas e com conteúdo.

Considero, ainda, que o recurso à apresentação *PowerPoint*, ao «Diário de um Adolescente» e a dois fantoches para a exploração dos conteúdos da aula foi, também, um aspeto positivo, na medida em que os alunos se mostraram interessados e motivados, pois encontravam-se, diretamente, envolvidos. Ainda, neste momento da aula, aponto que a exploração do «Dilema de Heinz» consistiu num aspeto de elevada importância, dado que o mesmo preparou os alunos para a estratégia que se seguiria e os fez, num primeiro impacto, ponderar sobre o que é, efetivamente, o bem e/ou o mal.

Afiro, igualmente, que a estratégia que tange à exploração dos dilemas ético-morais podia ter sido mais bem conseguida se os mesmos fossem em menor quantidade, dando, desta feita, mais oportunidade de os restantes alunos da turma refletirem sobre os dilemas dos colegas. Todavia, as respostas apresentadas pelos alunos foram bastante sensatas, demonstrando que os mesmos apresentam consciência sobre o que está bem e o que está mal.

Por fim, constatei que consegui passar, de um modo correto, a mensagem, previamente, planeada, uma vez que os alunos apresentaram facilidade em formular a síntese da aula.

O docente estagiário, Fábio Goulart, referiu que a aula correu muito bem e que os alunos estiveram, uma vez mais, empenhados e interessados nas atividades propostas. A revisão dos conteúdos efetuada no início da aula mostrou-se eficaz e revelou que os alunos têm apreendido os conteúdos e as ideias principais propostas pela disciplina.

⁴⁵ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Queremos Saber!*, 108.

Relativamente à atividade dedicada à exploração de dilemas ético-morais, apesar de estes terem sido em demasia, o que não permitiu uma exploração muito aprofundada dos mesmos de forma a cumprir com a gestão do tempo, todos revelaram ser importantes e fortuitos para o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos, ao abarcar uma panóplia de situações diversas que permitiram os alunos pensar sobre aspetos relacionados com conjunturas respeitantes à fase da adolescência.

A docente Fátima Rocha referiu que aula decorreu bem e que dentro do tempo estipulado houve o cumprimento do planificado.








A docente referiu, também, que, no momento da revisão de conteúdos, os alunos conseguiram transmitir aprendizagens adquiridas em aulas anteriores.

Relativamente à atividade de trabalho em pares, nomeadamente, dos alunos explorarem dilemas e encontrarem possíveis resoluções para os mesmos, a docente salientou que percorreu a sala observando cada par de alunos e pude comprovar que os discentes estavam empenhados, procurando chegar a um consenso nas respostas a apresentar.

A docente salientou, ainda, que, apesar da existência de muitos dilemas não terem permitido, com o mesmo rigor a exploração dos mesmos, por todos os alunos, e apesar de cada par ao apresentar o seu dilema e respetiva resolução ter dado por concluído o seu trabalho/sua obrigação, a leitura em voz alta de todos os dilemas deu a oportunidade a todos os alunos de ficarem ao corrente dos mesmos, bem como das resoluções apresentadas e de se poderem manifestar e sugerir outras resoluções.

O docente supervisor de estágio, Juan Ambrósio, considerou que a recapitulação dos conteúdos, referentes às aulas anteriores, foi bem feita. No entanto, o docente apontou que eu devia ter tido mais atenção ao tempo que destinei a esse aspeto, pois na planificação constava apenas um minuto, para a recapitulação dos conteúdos já abordados, e eu excedi esse tempo.

Ressalvou, também, que a referência ao «Dilema de Heinz» foi um aspeto bastante positivo, dado que preparou os alunos para atividade seguinte e adiantou, igualmente, que o facto de eu ter remetido os dilemas para a fase da adolescência, envolvendo os alunos em situações concretas do quotidiano e de estes terem sido sensatos nas suas respostas foram outros fatores de elevada importância. Todavia, o docente advogou que faltou explorar, de uma melhor forma, a razão e a emoção neste contexto, bem como a dimensão religiosa. O docente salientou que a existência de muitos dilemas não permitiu uma maior exploração dos mesmos e que a dimensão religiosa deveria ter sido incluída no teor destes. Por fim, o docente supervisor realçou o facto de uma aluna ter formulado a síntese da aula com facilidade, dando a entender que apreendeu bem os conceitos transpostos e ainda a propósito da síntese firmou que na mesma deveria ter sido feita referência aos dilemas e ao seu conteúdo.

7.º ano Unidade Letiva 3: «Riqueza e sentido dos afetos» Aula 6/6 Lição n.º 25 Data: 28/03/2022							
Aprendizagens essenciais	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência; - Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal; - Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa; - Assumir atitudes responsáveis na procura da felicidade pessoal e dos outros; - Valorizar a mensagem cristã para a vivência do amor humano; - Relacionar as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade pessoal, no Ser e no agir. 						
Sumário	<ul style="list-style-type: none"> - Exercício de avaliação de conhecimentos; - Realização da autoavaliação. 						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS		AVALIAÇÃO FORMATIVA	
							
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos.</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p> <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p>	<p>1. Compreender que a pessoa humana cresce e se desenvolve.</p> <p>2. Identificar a etapa da adolescência como relevante na formação da personalidade e no desenvolvimento da vocação pessoal.</p> <p>3. Conhecer as várias dimensões da personalidade humana.</p> <p>4. Descobrir os fatores desenvolvimentais da adolescência.</p> <p>5. Identificar as mudanças que ocorrem na pessoa durante a adolescência.</p> <p>6. Identificar as preocupações que sentem os adolescentes.</p> <p>7. Valorizar algumas formas de resolução de problemas no seu processo de crescimento.</p> <p>8. Conhecer a mensagem cristã sobre a felicidade e a realização pessoal.</p>	<p>O ciclo de vida: da infância à terceira idade;</p> <p>A adolescência é a idade em que nós estamos.</p> <p>-Na adolescência fazem-se escolhas relevantes para o resto da nossa vida: estudos, trabalho, estado de vida.</p> <p>O crescimento e as mudanças na personalidade: o desenvolvimento da pessoa e a adolescência.</p> <p>Experimentar novas formas de resolver problemas ético-morais: consciência e autonomia moral;</p> <p>Questionar o religioso e ser por ele questionado;</p> <p>O que é a religiosidade: a experiência psicológica do religioso.</p> <p>A importância da família e da escola na formação da personalidade.</p> <p>Os amigos e a influência dos mesmos na personalidade e na vida do indivíduo/adolescente.</p> <p>A experiência de maturação dos adolescentes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Integração social; - Dificuldades na relação com a família. <p>O contributo do diálogo com os adultos de confiança para a resolução de dificuldades.</p>	Acolhimento e Sumário.	Quadro e giz.	10'	- Assiduidade - Pontualidade	Comportamento
			Exercício de aferição de conhecimentos. ⁴⁶	Cartões do <i>plickers</i> , computador e projetor.	20'	- Empenho	
			Realização da autoavaliação. ⁴⁷	Fichas de autoavaliação.	10'	- Empenho	
			Elaboração da síntese da aula.	Quadro e giz.	5'	- Empenho	

Síntese da aula: Avaliar conhecimentos permite refletir sobre as aprendizagens adquiridas.

Relatório da aula n.º 6

Unidade Letiva	«Riqueza e sentido dos afetos»
Lição n.º	25
Sumário	- Exercício de avaliação de conhecimentos; - Realização da autoavaliação.
Aprendizagens Essenciais	- Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência. - Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal. - Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa; - Assumir atitudes responsáveis na procura da felicidade pessoal e dos outros; - Valorizar a mensagem cristã para a vivência do amor humano; - Relacionar as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade pessoal, no Ser e no agir.
Docente Estagiária	Diana Félix
Docente Cooperante	Fátima Rocha
Docente Estagiário	Fábio Goulart
Cumprimento da Planificação	Sim

A sexta e última intervenção na UL em epígrafe decorreu no dia 28 de março de 2022.

A aula iniciou com a explicitação da forma como o exercício de avaliação de conhecimentos iria decorrer, tendo havido a preocupação de lembrar aos alunos a forma de utilização do *plickers*. Neste sentido, foi reforçado junto dos mesmos que lhes seria dado tempo suficiente para refletirem sobre as questões apresentadas para que, assim, pudessem escolher a opção considerada mais acertada sem precipitações. Constata-se, neste seguimento, que foi, também, vincado que estes só deviam responder quando tivessem, efetivamente, a certeza da resposta apresentada. As respostas, consistindo numa escolha entre quatro opções, foram

apresentadas em cartões, sendo que a opção considerada correta foi mostrada no cimo do cartão virado para mim.

Posteriormente, os alunos registaram a sua autoavaliação, em fichas designadas para o efeito, refletindo, assim, sobre as suas aprendizagens e comportamentos assumidos ao longo do período.

Numa última instância, procedeu-se à elaboração da síntese da aula.

Regista-se que, antes de sair da sala de aula, foram atribuídas aos alunos duas lembranças de Páscoa, assim como um postal para que os mesmos pudessem registar uma mensagem alusiva à quadra para atribuírem a quem desejassem.

Como forma de autoavaliação considero que, no decorrer desta intervenção, tive um bom desempenho.

Saliento que o facto de, antes da realização do exercício de avaliação, ter dado aos alunos algumas diretrizes, sobre o processamento do mesmo, foi uma mais-valia, comprovada nos resultados obtidos. Realço, ainda, que, aquando da realização desta atividade, alguns alunos apresentaram um espírito competitivo, o qual tentei, da melhor forma possível, controlar. Ainda, neste momento da aula os alunos mostraram-se efusivos e agitados, havendo, por isso, necessidade de reforçar as regras de sala de aula para que a atividade decorresse da forma mais profícua possível. Este aspeto foi considerado positivo, na medida em que tentei, dentro do que estava ao meu alcance, controlar o clima que se fazia sentir.

Notou-se, do mesmo modo, que os alunos foram rápidos a realizar a sua autoavaliação o que veio reforçar que os mesmos tinham bastante consciência do seu desempenho, a vários níveis, ao longo das aulas. O meu trabalho e o do docente estagiário, Fábio Goulart, viu-se, aqui, refletido, uma vez que sempre tentámos, e de modo positivo, conduzir os alunos à reflexão, ao bom comportamento e à aquisição de conhecimentos.

O docente estagiário não esteve presente nesta intervenção por se encontrar de atestado médico.

A docente cooperante referiu que a aula decorreu bem e dentro do tempo estipulado. Que os alunos, após chamados à atenção, realizaram de forma tranquila a tarefa de aferição de conhecimentos, tendo demonstrado com os resultados obtidos que apreenderam as aprendizagens essenciais da UL «Riqueza e sentido dos afetos».

A docente frisou que o momento de autoavaliação dos discentes, pelo que pôde observar, decorreu de forma serena e consciente.

1.2.3. Procedimentos de avaliação utilizados

Aqui, destaca-se que existem diversas razões pelas quais os professores avaliam, sendo essencialmente porque desejam

[...] o esclarecimento e melhoria dos processos de aprendizagem; diagnosticar as características dos alunos; sintetizar os seus desempenhos; certificar-se dos seus resultados; estar cientes das informações que serão transmitidas a outros agentes educativos, nomeadamente os encarregados de educação; selecionar; prestar contas, dos sistemas educativos, à sociedade; exercer a autoridade; incentivar à motivação, mediante a competição; que os alunos comuniquem; que os alunos desenvolvam a consciência face aos processos sociais e educacionais.⁴⁸

Considera-se, assim, que a avaliação desta turma e de cada um dos alunos foi realizada, primeiramente, mediante um processo de observação, pois, numa primeira instância, o principal objetivo foi o de recolher a informação necessária para tomar decisões corretas, ou seja, tentar compreender quais as estratégias mais corretas e adequadas, tendo, para tal, me socorrido, em cada aula lecionada, de grelhas de observação direta.⁴⁹

Realça-se, neste seguimento, que outro instrumento de avaliação selecionado para esta UL foi um *pickers*, através do qual os alunos tiveram oportunidade de responder a algumas questões sobre a matéria lecionada, numa forma dinâmica de jogo, no fim do qual se apresentou a pontuação obtida por cada aluno. Através do mesmo testaram-se conhecimentos e aferiram-se os que, numa primeira fase, não ficaram, totalmente, assimilados.

Quadro n.º 8 – Grelha de resultados do exercício de aferição de conhecimentos, referente à UL 3 «Riqueza e sentido dos afetos»

Nome ^	Total	Como se chama a Unidade Letiva	A adolescência...	Quantas etapas constituem a	A puberdade é...	Exemplos de mudanças físicas que	Na adolescência são	Os pais dos adolescentes, muitas vezes,	Qual o nome do texto explorado que	Compreendem que devemos sempre...	No final, ficámos a saber que,
Média de Classe	84%	84%	89%	84%	95%	100%	0%	95%	100%	100%	89%
A. L.	90%	Um	B	C	D	D	B	C	B	Um	B
A. P.	90%	Um	B	C	D	D	B	C	B	Um	B
A. R.	80%	D	B	C	D	D	B	C	B	Um	B
D.	90%	Um	B	C	D	D	B	C	B	Um	B
H.	90%	Um	B	C	D	D	B	C	B	Um	B
I. M.	90%	Um	B	C	D	D	B	C	B	Um	B
I. N.	80%	Um	B	C	D	D	B	C	B	Um	Um
J.	80%	C	B	C	D	D	B	C	B	Um	B
L.	90%	Um	B	C	D	D	B	C	B	Um	B
Ma. M.	90%	Um	B	C	D	D	B	C	B	Um	B
Ma. R.	60%	Um	Um	D	D	D	B	C	B	Um	Um
Mi.	90%	Um	B	C	D	D	B	C	B	Um	B
N.	70%	Um	D	B	D	D	B	C	B	Um	B
P.	80%	Um	B	B	D	D	B	C	B	Um	B
R.		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
S. M.	90%	Um	B	C	D	D	B	C	B	Um	B
T.	70%	C	B	C	C	D	B	C	B	Um	B
V.	90%	Um	B	C	D	D	B	C	B	Um	B

⁴⁸ Susana Serpa. *Compreender a Avaliação. Fundamentos para Práticas Educativas*. (Lisboa: Edições Colibri, 2010), 28.

⁴⁹ Anexos constantes nas páginas 99, 100, 101, 102, 103 e 104, do separador 3, do portefólio.

Através da análise desta grelha de classificação, consegui constatar que os alunos apreenderam bem os conceitos e conteúdos, subjacentes à UL e à temática de todo este trabalho, espelhando esta questão no alcance de resultados bastante positivos e de nenhum resultado negativo, fazendo com que isto culminasse num aspeto de bastante satisfação para os mesmos, para mim, para o docente estagiário, Fábio Goulart e para a docente cooperante, Fátima Rocha que, em conjunto e trabalho cooperativo, tudo fizemos para que o sucesso fosse alcançado.

Considero que, após ter apresentado todo o trabalho desenvolvido aquando da PES e o modo como a mesma teve em consideração o fio condutor para a realização deste trabalho, ou seja, o contributo da disciplina de EMRC para o desenvolvimento moral na adolescência, é fundamental refletir sobre o modo como esta e a UL «Riqueza e sentido dos afetos» foram trabalhadas, salientando de que forma o seu contributo propiciaram o meu crescimento profissional e fomentaram as minhas relações interpessoais, em contexto pedagógico. Estas considerações estão, pois, expressas no subponto que, de seguida, se apresenta.

1.2.4. Reflexão sobre a prática letiva

Neste momento, reconheço que quer todo o percurso da PES, quer a abordagem da UL 3, do 7.º ano, «Riqueza e sentido dos afetos», se nortearam pela vontade de aferir qual o contributo da disciplina de EMRC para o desenvolvimento moral na adolescência. Tal como planeado, esta UL foi lecionada no segundo período do ano letivo 2021/2022, tendo sido minha intenção, logo desde o início e tendo em conta a temática, fomentar nos alunos a ideia de que aprender a viver e conviver com os outros, nomeadamente com os pais, restante família e amigos, poderá fazer com que se promovam atitudes, moralmente, corretas. Desta feita, deu-se ênfase à meta «Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana», ao objetivo «Valorizar algumas formas de resolução de problemas no seu processo de crescimento»⁵⁰ e ao conteúdo «Experimentar novas formas de resolver problemas ético-morais: consciência e autonomia moral».⁵¹

Neste seguimento, é importante mencionar que, aquando da leção da PES, os alunos mostraram alguma dificuldade perante a abordagem das primeiras metas preconizadas para esta UL, «O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo» e «B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história», pois,

⁵⁰ Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 78-80.

⁵¹ Secretariado Nacional de Educação Cristã, 79.

tiveram, num primeiro momento, dificuldades em exemplificar situações quotidianas que fossem ao encontro das conceções teóricas, apresentadas na aula.

Todavia, as restantes metas de aprendizagem, previstas para esta UL em específico, foram bem conseguidas por parte dos alunos, na medida em que, através das mesmas, foi possível consciencializá-los para o assumir de comportamentos corretos com os mesmos, a família e os pares, à luz dos ideais cristãos.

Neste momento, é fundamental referir que, na minha ótica, todas as metas, objetivos e conteúdos, preconizados para esta UL, poder-se-iam, igualmente, aplicar no contexto da abordagem do desenvolvimento moral, uma vez que quer esta UL, quer a disciplina de EMRC propiciam momentos de diálogo e reflexão, possibilitando que os alunos reflitam acerca de si, dos outros e do seu lugar no mundo, tendo sido a minha missão ao longo de toda a PES, considerando eu ter sido bem-sucedida. Assim, tendo em conta tudo o que, anteriormente, foi exposto é fulcral reconhecer que a abordagem desta UL e desta temática vão, inteiramente, ao encontro das especificidades dos alunos deste ano de escolaridade, estando, portanto, adequada à faixa etária dos mesmos.

Todas as atividades planeadas e desenvolvidas foram efetuadas com rigor científico e pedagógico, respeitando todas as orientações curriculares e promovendo aprendizagens integradoras, efetivas e significativas, atendendo sempre aos interesses, dificuldades e limitações de todos os alunos, pretendendo minimizar as vicissitudes dos mesmos. Com isto, é importante mencionar que os processos de planificação, iniciados pelos professores, podem dar um sentido de direção, quer aos alunos, quer aos professores, podendo ajudar os alunos a ter consciência do propósito das tarefas que têm de cumprir.⁵² Neste sentido, procurei manter-me sempre atualizada em relação aos conteúdos que eram lecionados, evitando cometer erros, utilizando uma linguagem, cientificamente, correta e adequada ao nível etário dos alunos e às suas características e respeitei as orientações curriculares para a leção da disciplina, assim como os seus critérios e procedimentos de avaliação. Destaca-se, aqui, a necessidade de a avaliação de competências necessitar de ser realizada de uma forma contínua e integrada no processo de trabalho. Aqui, exclui-se um carácter segmentário do ensino, o qual subentende um tempo de aprendizagem, caracterizado por estratégias e atividades e, num outro prisma, um tempo de avaliação, definido pela aplicação de instrumentos de avaliação específicos.⁵³

⁵² Cf. Richard Arends, *Aprender a Ensinar* (Madrid: McGraw-Hill, 2007), 95.

⁵³ Cf. Juan Ambrósio, *Avaliar em EMRC. Pistas para um Caminho* (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2018), 7. Texto não publicado para uso dos alunos, disponibilizado para uso dos alunos da UC de Currículo, Planificação e Avaliação.

O recurso a diferentes estratégias pedagógicas como por exemplo: trabalhos individuais, a pares e/ou trios, em grupo, exploração e resolução de dilemas, dramatizações, vídeos, apresentações *PowerPoint*, construção de esquema, fizeram com que me tenha desviado do cerne das aulas, demasiadamente, expositivas. Neste âmbito, salienta-se que o docente de EMRC deve proporcionar situações de debate crítico em torno de conceitos e valores fundamentais, levando a que os alunos sejam cidadãos participantes, reflexivos e responsáveis⁵⁴, num constante processo de desenvolvimento moral. Não obstante, considero que o recurso a aspetos relativos às particulares vivências dos alunos, ao testemunho direto de uma encarregada de educação, o qual espelhou a realidade de muitos adolescentes e à «Árvore da Vida» foram fatores preponderante relativamente a esta questão, conseguindo, assim, tornar todo este processo de ensino-aprendizagem mais cativante e profícuo.

No que ao saber estar diz respeito, constatei que, ao longo das várias intervenções, os alunos apresentaram facilidade em respeitar e cooperar, de um modo positivo, comigo e com os restantes colegas, demonstrando, assim, respeito e consideração e assumindo, com isto, comportamentos corretos neste contexto, os quais vieram evidenciar uma correta conduta moral. Todavia, verifiquei, por vezes, algumas falhas no que ao respeito das regras da sala de aula dizia respeito, dado que, em algumas situações, mostraram dificuldade em reconhecer qual a forma mais correta e oportuna de intervir quando solicitado. No entanto, esta questão conseguiu ser sempre, facilmente, ultrapassada com chamadas de atenção da minha parte, as quais foram bem acatadas, salientando que os alunos também conseguem assumir uma correta conduta moral.

Destaco, também, que as principais dificuldades sentidas estiveram relacionadas com o tempo atribuído a algumas atividades, o qual, nem sempre, coincidia com a realização das mesmas. Aqui, evidencia-se a importância da promoção dos exercícios de reflexão, individual e em grupo, após cada intervenção, os quais consistiram numa mais-valia em todo este processo por ser, através do mesmo, mais fácil encontrar os meios necessários ao meu desenvolvimento profissional.⁵⁵

A realização da PES consistiu numa oportunidade diferente de lecionação da disciplina de EMRC e distinta da que já vem sendo habitual ao longo da minha vida profissional. Neste sentido, foi necessária uma adaptação à turma e aos hábitos e métodos de trabalho, interesses e motivações da mesma. Posso, então, com isto, aferir que esta experiência me auxiliou e

⁵⁴ Cf. Sílvia Dayan, *Como Enfrentar a Indisciplina na Escola* (Contexto: 2008), 100.

⁵⁵ Cf. António Nóvoa, *Formação de Professores e Trabalho Pedagógico* (Lisboa: Educa, 2002), 22.

melhorou a minha ação pedagógica no que toca à flexibilidade e à adaptação a alunos com características diversas.

No que concerne à relação pedagógica com os meus alunos da PES, há a salientar que, em contexto de sala de aula, procurei valorizar, sempre, todas as intervenções dos mesmos, mediante o recurso ao reforço positivo, de modo que se sentissem integrados e como parte fundamental de todo este processo de ensino-aprendizagem. Apostei na valorização das suas capacidades, transmitindo-lhes a ideia de que são, realmente, capazes de alcançar o que mais desejam e anseiam, numa perspetiva otimista, fazendo, igualmente, com que compreendessem que todos temos valor. Refletindo sobre estas questões, menciono que, nestes momentos, foi possível transpor aos alunos valores morais, tais como o respeito pelo outro e o reconhecimento das suas capacidades, num espírito de verdade e solidariedade. O docente de EMRC deverá ser, assim, ser um exemplo para os seus alunos, levando a que os mesmos imitem o seu comportamento, enquanto referência, moralmente, aceite.

Um exemplo claro foi dado através do contato experienciado com a docente cooperante, com os docentes de núcleo de estágio e com outros docentes da escola, através do qual se promoveu uma dinâmica de respeito, verdade e solidariedade. Neste sentido, evidencio que foi bastante gratificante participar, em conjunto com os colegas de núcleo de estágio, nas atividades que integrámos no Plano Anual de Atividades (PAA) da escola, tendo elas sido «Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza e dos Sem Abrigo», assinalado a 17 de outubro; «Dia Internacional para a Tolerância», lembrado a 16 de novembro; «Aniversário da Escola Básica e Secundária do Nordeste», festejado a 29 de novembro e «Concurso de Presépios», delineado na altura do Natal, foram organizadas pela núcleo de estágio, envolvendo toda a comunidade educativa, incluindo as escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Os objetivos pressupostos para estas atividades foram alcançados, constando-se grande envolvência dos intervenientes nas mesmas. As duas primeiras atividades planeadas, sendo elas «Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza e dos Sem Abrigo» e «Dia Internacional para a Tolerância» conseguiram promover o desenvolvimento de valores morais, na medida em que, apelando à solidariedade, amor e respeito mútuos, levaram a que os alunos promovessem ações corretas com os outros⁵⁶, com o intuito de desenvolverem as suas capacidades morais.

Por fim, vale a pena mencionar que o acompanhamento com que me deparei, quer por parte da docente cooperante, Fátima Rocha, quer por parte do docente orientador de estágio,

⁵⁶ A explicitação destas quatro atividades, bem como a análise detalhada e o registo fotográfico das mesmas encontram-se presentes da página 1 à página 7, do separador 5, do portefólio.

Juan Ambrósio, ao longo da Prática de Ensino Supervisionada, foi um aspeto bastante positivo que me deixou à vontade e com, ainda, mais afinco nesta tão bonita profissão.

A minha prática letiva, no âmbito da PES, permitiu, seguramente, aprimorar as minhas várias dimensões, pessoais e profissionais e considero que também me permitiu orientar, de uma forma, moralmente, correta, os alunos, levando-os, em todas as intervenções a discernir o que é correto e o que é incorreto para que evidenciem boas atitudes e as transponham a todos quantos se cruzam no seu caminho.

Chegada a este momento do presente trabalho, senti, após uma análise prática e reflexiva do trabalho desenrolado ao longo da PES, necessidade de efetuar um estudo teórico que fosse ao encontro das estratégias delineadas para que conseguisse aferir de que modo o desenvolvimento moral ocorre na adolescência e quais os principais fatores que propiciam o mesmo. O referido estudo encontra-se, pois, presente no capítulo seguinte.

Capítulo 2 - Adolescência: uma importante etapa para o desenvolvimento moral

Em conformidade com tudo o que foi apresentado no capítulo anterior, este capítulo fará, num primeiro momento, uma abordagem teórica relativamente à caracterização de adolescência, nos vários aspetos que lhe dizem respeito; evidenciará, num segundo momento, a relação existente entre esta e o desenvolvimento moral, salientando as perspectivas de autores que se preocuparam em estudar a Psicologia do Desenvolvimento e, por fim, realçará de que forma as diferentes formas de sociabilização poderão contribuir para o desenvolvimento moral dos adolescentes.

2.1. Elementos para uma caracterização de adolescência

Destaca-se, numa primeira abordagem, que o termo «adolescência» significa «amadurecer», «crescer», desenvolver-se», definindo-se, de forma distinta, entre cada cultura e variando conforme a história da pessoa e do meio social.⁵⁷

Consistindo num período de transição entre a infância e a vida adulta, é uma etapa caracterizada pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive.⁵⁸ Esta inicia-se na puberdade, enquanto processo de maturação biológica, sexual e reprodutora e termina quando o indivíduo é capaz de alcançar e assumir, de forma autónoma, as suas responsabilidades.⁵⁹

No entanto, não existe um consenso acerca dos limites que balizam esta etapa da vida, na medida em que a Organização Mundial da Saúde (OMS) advoga que são adolescentes todos aqueles que têm entre 10 e 19 anos de idade, enquanto a Organização das Nações Unidas (ONU) atesta que a adolescência vai dos 15 até aos 24 anos de idade.⁶⁰

A bibliografia mais recorrente encara a adolescência sob o prisma dos saberes clínicos. Todavia, recentemente, também a sociologia e a antropologia reforçaram o seu interesse por esta população, dando uma particular atenção à sua capacidade de recriar sociabilidades e linguagens, ou seja, criar cultura. Aqui, é feita referência ao conceito de «novas adolescências»,

⁵⁷ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Queremos Saber!*, 88.

⁵⁸ Cf. Evelyn Eisenstein, «Adolescência: Definições, Conceitos e Critérios», *Adolescência & Saúde* 2, n.º 2 (2005): 6, <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v2n2a02.pdf>.

⁵⁹ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Queremos Saber!*, 88.

⁶⁰ Cf. Eisenstein, «Adolescência: Definições, Conceitos e Critérios», 6.

sublinhando que estas se caracterizam por uma forte autonomia, no que toca à gestão das suas relações e do seu tempo, mesmo se permanecem numa total dependência material do mundo dos adultos.⁶¹ Os principais traços caracterizadores de uma «cultura adolescente» são, pois, a imagem de si, a relação com o mundo e a forma de construir o vínculo social.⁶²

Este vínculo social permitirá que o adolescente cresça sob diversos pontos de vista, destacando-se uma clara dinâmica de desenvolvimento moral. O subponto que, seguidamente, se apresenta virá explicitar de que forma a Psicologia do Desenvolvimento observa estas questões e não dissocia os termos de «adolescência», «desenvolvimento» e «desenvolvimento moral».

2.1.1. O desenvolvimento do adolescente

Atendendo a que a adolescência é caracterizada por ser uma fase, na qual existem transformações que possibilitam o aparecimento de comportamentos irreverentes e o questionamento dos modelos e padrões infantis, necessários ao próprio crescimento⁶³, é fundamental entender que esta é uma fase de desenvolvimento a diversos níveis.

Num primeiro momento, destaca-se um processo de desenvolvimento, iniciado na puberdade, através do qual a hipófise, enquanto glândula que controla todas as outras glândulas do corpo, produz substâncias químicas, as quais vêm contribuir para um processo de desenvolvimento, ao nível do crescimento. Quer os rapazes, quer as raparigas deparam-se com mudanças no seu corpo, as quais poderão conduzi-los a uma correta conduta moral. Embora, por vezes, se verifique alguma resistência, por parte dos adolescentes, neste âmbito, o fato de estes respeitarem as mudanças e o desenvolvimento do outro, não desdenhando deste e reconhecendo que todos são iguais conseguem, deste modo, desenvolver-se moralmente, assumindo, desta forma, comportamentos corretos.

Destaca-se que, nesta fase da vida, também se verifica a construção e, conseqüente, desenvolvimento da personalidade, integrando, progressivamente, as diversas dimensões da vida da pessoa, nomeadamente a fisiológica, tal como foi referenciado no parágrafo anterior, intelectual, motivacional, social, emocional, sexual, religiosa e moral.

No que tange à personalidade intelectual e motivacional, constata-se que é na adolescência que se inicia, pois, um desenvolvimento mais notório, na medida em que, nesta fase da vida, se começam a alterar as formas de pensamento. O adolescente começa, então, a

⁶¹ Cf. Alfredo Teixeira, «A Adolescência e a Juventude como Culturas. Os Quadros Sociais da Experiência Crente», *Theologica* 47, n.º 1 (2012): 99, <https://doi.org/10.34632/theologica.2012.2224>.

⁶² Cf. Teixeira, 100.

⁶³ Cf. Ferreira e Nelas, «Adolescência... Adolescentes», 142.

fazer uma reflexão da sua vida a partir de «fora», começando a exhibir a sua personalidade e a moldar a sua vida, através de padrões e aspirações discernidas por ele mesmo. O seu pensamento não é claro, nem apresenta resoluções definitivas, uma vez que os adolescentes se encontram, assim, no estágio das operações formais, no qual desenvolvem a competência de lidar com situações potenciais.⁶⁴ Estes aspetos virão, pois, evidenciar que o adolescente poderá crescer mediante o contato com formas de pensamento distintas da sua, assim como poderá distorcer as formas de pensamento dos outros para que estas consigam, a todo o custo, ir ao encontro das suas. Consegue-se, neste momento, constatar que o adolescente constrói diversas teorias, relativamente a aspetos do foro pessoal, social, cultural e religioso e que, respeitando as dos outros adolescentes, consegue progredir sob o ponto de vista moral. Com tudo isto, complexifica-se o seu processo de desenvolvimento pessoal e social.

Todavia, é fundamental reconhecer que para que este desenvolvimento pessoal social ocorra é fulcral que existam aspetos que o desafiem. Deste modo, vinca-se a existência de estruturas fundamentais a um harmonioso desenvolvimento social, sendo que «[...] a escola e os companheiros ocupam um lugar muito importante.»⁶⁵

A adolescência é, igualmente, vista como uma fase de riscos que faz com que os seus intervenientes saiam da sua zona de conforto. Aqui, realça-se que os adolescentes se sentem, interna e/ou socialmente, tentados a experimentar vários papéis sexuais, ocupacionais e educacionais, enquanto tentam encontrar aquele que se adapta àquilo que, efetivamente, são e o que querem ser.⁶⁶ Nota-se, aqui, que esta é uma fase em que o desejo sexual desperta, incluindo o adolescente, no seu vocabulário, palavras como «sexo», «erotismo», «curtir», «andar», «afetos», «desejo» e «sou desejado». A rejeição pode levar à destruição da autoestima do adolescente, uma simplesmente contrariedade pode fazer com que o adolescente se afunde e feche no desespero e num mundo de instabilidade emocional. De realçar que os momentos afetivos têm um papel relevante neste contexto, na medida em que é nos mesmos que aparecem os verdadeiros amigos, aqueles que gostam deles incondicionalmente, lhes dão a mão, ajudam a erguer e auxiliam a seguir em frente. Neste contexto e face a tudo o que, anteriormente, foi exposto este desenvolvimento social propicia, também, o desenvolvimento moral, dado que, por vezes com alguma dificuldade, o compreender o outro, o estar ao lado do outro, o ajudar o outro e, acima de tudo, o respeitar o outro nos momentos mais frágeis, fará com que os adolescentes experienciem uma boa conduta moral, enaltecendo comportamentos corretos.

⁶⁴ Cf. Jean Piaget, *O Juízo Moral na Criança* (São Paulo: Summus Editorial, 1994), 30.

⁶⁵ González, «Educar en la Afectividad», 9.

⁶⁶ Cf. Cristina Carvalho, *Curso Geral de Catequistas* (Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2004), 42.

A este propósito e neste seguimento, há a ressaltar que, também na adolescência, surgem os primeiros namoros. Os adolescentes deverão, pois, entender os namoros como algo frágil e efêmero e que amar alguém não é «um mar de rosas». Verifica-se, então, que este aspeto poderá, também, contribuir para o desenvolvimento moral do adolescente, uma vez que, ao assumir atitudes de respeito para com o outro, reconhecendo que as ações menos corretas poderão ter consequências dolorosas, exemplificadas no parágrafo anterior, está a trilhar um caminho na direção do bem, em detrimento do mal. Reconhece-se, aqui, que estes aspetos são, por vezes, difíceis de observar, mas que poderão conduzir à construção da identidade, sendo entendida como «o passo crucial da transformação do adolescente em adulto produtivo e maduro.»⁶⁷ Tal processo implica a descoberta e esclarecimento das suas dificuldades, qualidades, valores, bem como de um processo de discernimento entre o que é, efetivamente, correto e o que não é.

Considera-se, no entanto, que é na família que os adolescentes encontram as melhores condições para o desenvolvimento da sua personalidade. Através da minha experiência quotidiana com adolescentes noto que é através da família que estes iniciam a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento, devendo, pois, ser, corretamente estimulados. As relações estabelecidas com os pais constituem uma excelente ferramenta para penetrar no processo de desenvolvimento moral na adolescência. Os conselhos dos pais, os exemplos, bons e maus, que os mesmos dão aos filhos conseguirão, embora, por vezes, com alguma resistência por parte dos adolescentes, conduzi-los aos bons comportamentos e afastá-los dos maus que poderão ter prejudiciais consequências.

Destaca-se que é também na adolescência que se verifica um desenvolvimento religioso. Desta forma, conseguimos, num primeiro momento, indicar, em consonância com as ideias expostas anteriormente, que a religiosidade, na adolescência, se desenvolve num espaço caracterizado por influências de uma socialização externa, requerendo, da mesma forma, uma autosocialização, uma vez que o adolescente poderá escolher o que o gratifica, vai ao encontro da sua reflexão pessoal e comportar-se consoante o interesse que as questões doutrinárias lhe despertam.⁶⁸ Neste sentido, podemos salientar a importância das experiências grupais religiosas, bem como da própria disciplina de EMRC, muitas vezes, vistas como algo «divertido» e uma boa oportunidade de estar com os amigos, poderão influenciar, positivamente, os adolescentes, na medida em que, além de clarificar a conduta religiosa,

⁶⁷ Teresa Schoen-Ferreira, Maria Aznar-Farias e Edwiges Silveiras, «A Construção da Identidade em Adolescentes: Um Estudo Exploratório», *Estudos de Psicologia* 8, n.º 1 (2003): 107, <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100012>.

⁶⁸ Cf. Carvalho, *Curso Geral de Catequistas*, 62.

poderão conduzi-los, mediante experiências de encontro, partilha e respeito, aos caminhos do bem e, tal como Deus preconizou, do amor ao próximo.

Nesta linha de pensamento, conseguimos constatar que o desenvolvimento moral é visível em todas as fases de desenvolvimento dos adolescentes, surgindo, todavia, a necessidade de aferir, de um modo mais aprofundado, qual a realização existente entre esta etapa da vida e o desenvolvimento moral, sendo sobre essa mesma questão que se incide o subponto seguinte deste trabalho.

2.1.2. Adolescência e desenvolvimento moral: Que relação?

Atendendo a que os adolescentes, muitas vezes, não compreendem o intuito dos seus comportamentos, corretos e menos corretos, mostrando que pretendem corrigir os mesmos, começando a trilhar os caminhos do bem e deixando de lado os caminhos que conduzem a efeitos nefastos. Neste sentido, estes, muitas vezes, interrogam-se «Porque é que me dá prazer gozar com os outros?», «Porque é que não gosto de estar com aqueles?», «Porque é que me dá prazer ajudar um colega?», «O que é o bem?», «Porque é que copio nos testes?», «Porque é que risco as mesas?», «Porque é que colo pastilhas debaixo da mesa?»⁶⁹, mostrando, assim, serem seres morais e que, inevitavelmente, preferem umas coisas em detrimento de outras, tendo, desta feita, consciência disso. Reconhece-se, então, que, na fase da adolescência, a consciência moral sofre uma evolução, isto é, desenvolve-se.⁷⁰

As duas primeiras questões, expostas no início deste subponto, remetem-me à minha experiência quotidiana com alunos adolescentes, os quais, algumas vezes, gozam com os outros e não gostam de estar com eles por só pensarem em si e considerarem que o mundo gira à sua volta, não valorizando o que os outros, eventualmente, poderão sentir ou experienciar com estas atitudes.

Todavia e num claro processo de desenvolvimento moral, Piaget expõe que se regista uma passagem de uma heteronomia para uma autonomia moral, a qual implica, também, a responsabilidade, a intenção ao fazer algo, independentemente das consequências negativas que possa ter, bem como a justiça. Desta forma, o adolescente estabelece relações cooperativas de reconhecimento de igualdade entre indivíduos, acabando por refletir uma atitude de moral racional, na qual as regras se esclarecem num acordo mútuo, sendo abertas a renegociação e tornadas legítimas pela aceitação pessoal e por um consenso comum. O bem é, assim, unido à ação, a qual é desenvolvida com requisitos da cooperação e do espírito mútuo; enquanto o mal

⁶⁹ Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Queremos Saber!*, 107.

⁷⁰ Cf. Carvalho, *Curso Geral de Catequistas*, 44.

se relaciona com as intenções do autor e a justiça do castigo é definida pela sua adequação à ofensa e às necessidades do ofensor e afetada pelas decisões humanas.⁷¹ Neste sentido, encontramos resposta à terceira e quarta questões, apresentadas no início deste subponto, na medida que é evidente que o adolescente é capaz de reconhecer que ajuda os outros, em espírito de cooperação e respeito mútuo, agindo de forma, moralmente, correta e praticando o bem sem, no entanto e muitas vezes, não compreender por que motivo o faz.

Em conformidade com o, anteriormente, exposto Kohlberg defende dois estádios de julgamento moral na adolescência, cada um dos quais estão agrupados em três níveis distintos.

No primeiro nível, denominado de pré-convencional, os adolescentes consideram que as regras são determinadas pelos outros. O primeiro estágio deste nível entende que o adolescente obedece por interesse e que as consequências da ação determinam o bem e o mal. O segundo estágio deste nível advoga que o que é certo é o que satisfaz as necessidades do adolescente e, em certas ocasiões, das outras pessoas. Aqui, o comportamento do adolescente é orientado num sentido de recompensa ou benefício e estão presentes elementos de justiça e reciprocidade.⁷² Neste nível, consegue-se encontrar resposta à quinta questão, apresentada no início deste subponto. Por exemplo, um adolescente que deixe o outro copiar num teste poderá estar a agir no sentido de, posteriormente, receber uma recompensa por esta atitude, mesmo sabendo que se for apanhado poderá ter consequências graves. O deixar copiar satisfará as necessidades de ambos os adolescentes, num espírito de cooperação e, consequentemente, reciprocidade.

No segundo nível, caracterizado por uma moral convencional, os adolescentes adotam as regras do grupo em que se inserem, subordinando as suas necessidades ao mesmo. Aqui, as expectativas da família do grupo ou do país são vistas como válidas, independentemente das consequências. Neste sentido e no terceiro estágio, os adolescentes são norteados pela ideia do «Bom Rapaz» e da «Boa Rapariga», procurando a aprovação e a ajuda dos outros, através da expressão de boas intenções. Regista-se, no fim e no quarto estágio, uma evolução para uma orientação da Lei e da Ordem, na medida em que para realizar o bem os adolescentes têm de cumprir o seu dever, respeitar a autoridade e manter a ordem social.⁷³ Neste nível, encontramos resposta à sexta e sétima questões, expostas no início deste ponto, na medida em que, reconhecendo que não está agindo de forma correta, o adolescente observa que os seus comportamentos não são os mais adequados e não correspondem à ideia do «Bom Rapaz» e da

⁷¹ Cf. Piaget, *O Juízo Moral na Criança*, 237.

⁷² Cf. Lawrence Kohlberg, *Psicologia del Desarrollo Moral* (Bilbao: Desclée de Brouwer, 1992), 209.

⁷³ Cf. Kohlberg, 209.

«Boa Rapariga», sendo que as mesmas, dessa forma, não terão a aprovação dos outros. Aqui, compreendem que ao desrespeitar a autoridade não conseguem promover o, tão almejado, bem.

Neste momento, urge a necessidade de destacar de que forma os grandes eixos caracterizadores da adolescência, mediante as influências sociais que poderão promover, conseguem influenciar, de forma concreta e assertiva, o processo de desenvolvimento moral na adolescência. O ponto que, de seguida, se apresenta vem, assim, destacar estas posições.

2.2. Intervenientes no processo de desenvolvimento moral na adolescência

Tal como foi, anteriormente, mencionado os grandes eixos caracterizadores da adolescência conseguem exercer uma importante influência sobre o desenvolvimento moral dos adolescentes, tentando, sempre, mostrar-lhes a conduta mais correta. Desta forma, os subpontos que, seguidamente, se apresentam mostrarão, de um modo teórico e exemplificativo, indo ao encontro dos estudos apresentados, no ponto anterior, de que modo os distintos contextos e dinâmicas de socialização conseguem contribuir para o desenvolvimento moral do adolescente.

2.2.1. Contextos e dinâmicas de socialização

Na cultura adolescente a afirmação individual e grupal faz-se mediante a identificação de um «estilo»: postura, indumentária, gosto, expressividades, etc., sendo que este traço está bastante ligado à própria dinâmica de organização das pertenças. Nota-se, também, que a cultura adolescente se encontra alicerçada no valor da amizade e em trajetórias demarcadas pela indiferença, sendo que são os professores que mais sofrem o impacto da mesma.⁷⁴

Todavia, é na escola que se dá um encontro entre as culturas adolescentes e o mundo dos adultos, o qual pode ser descrito como um «choque cultural», uma vez que de um lado deparamo-nos com culturas adolescentes marcadas «pelo contínuo da relação, pelo bricolage das ideias, pela imersão no fluxo da informação, pelo hipertexto e, do outro, com uma cultura escolar marcada pela transmissão cultural «de um património de saberes e de saber-fazer».⁷⁵

Neste contexto, é possível afirmar que, muitos adolescentes, têm a ideia pré-concebida de que tudo podem fazer sem ter noção das verdadeiras consequências das suas ações e que a escola deverá ser uma boa influência neste sentido, dado que poderá inculcar hábitos e atitudes que promovam um saber-estar, ser e fazer, tão necessário nos dias que correm. Especificando a questão, conseguimos, com isto, observar que nos critérios de avaliação de cada disciplina

⁷⁴ Cf. Teixeira, «A Adolescência e a Juventude como Culturas», 101.

⁷⁵ Teixeira, 101.

existem parâmetros destinados às atitudes, em contexto de sala, os quais poderão beneficiar ou, até mesmo, prejudicar a avaliação dos alunos por assumirem atitudes corretas ou menos corretas que possam, respetivamente, ir ao encontro ou desvia-se de um correto desenvolvimento moral. Entende-se, desta forma, que todas as disciplinas poderão assumir um papel relevante relativamente a esta questão, uma vez que esta questão, constante nos critérios de avaliação, é abrangente a todas as áreas do saber.

Destaca-se, contudo, que o desenvolvimento moral, em contexto escolar, não é, somente, propiciado dentro da sala, mas também fora desta. A este propósito, é fundamental reconhecer que a socialização escolar favorece o estabelecimento de laços sociais por classes de idade, por afinidades de gosto, por estilos de apresentação pública, ou até, estilos de vida. Os adolescentes constroem-se em torno das relações com os seus pares existindo pouca disponibilidade para uma conceção essencialista de moral ou para apropriação de uma noção recebida de dever, sendo que é na interação quotidiana que se vão construindo as regras do saber-viver⁷⁶, intervindo, aqui, a escola sem qualquer estatuto de monopólio. Neste momento, recordo um aluno que, no âmbito da PES, apresentava comportamentos egocêntricos e de desrespeito para com os colegas, essencialmente com colegas com NEE. Este aluno apresentava um afastamento dos restantes colegas da turma, relacionando-se com colegas mais velhos que, para ele, não eram boa influência. Após ter sido várias vezes repreendido, chegou a proferir que, apenas, tinha receio dos pais e não dos colegas. Ao longo do tempo e, após ter sido repreendido, diversas vezes, em contexto escolar e, após se ter trabalhado as questões de socialização, foi reconhecendo que necessita dos outros para a elaboração e cumprimento das regras e que o respeito a eles e à forma como estes atuam, num espírito de cooperação e respeito mútuo, conseguirá propiciar-lhe um correto desenvolvimento moral. Foi, assim, conseguido que os diversos valores morais fossem assimilados, que a importância dos mesmos fosse reconhecida e que um processo de autonomia moral fosse alcançado.

Neste sentido, reconhece-se que a escola, enquanto lugar de socialização, desempenha um papel muito importante na construção de referências, quanto aos princípios e valores morais, bem como na prevenção de comportamentos.⁷⁷ Em algumas escolas regista-se a presença de comportamentos desviantes, os quais, algumas vezes, podem comprometer o bom funcionamento da mesma. Estes comportamentos são, algumas vezes, assumidos por adolescentes que veem nos outros os seus ídolos e modelos a seguir e que se não fizerem o que estes fazem são excluídos do grupo. Estas ideias vão, assim, ao encontro das ideias de Kohlberg,

⁷⁶ Cf. Teixeira, 104.

⁷⁷ Cf. Frazão et al., «Doze Histórias de Vida de Consumidores de Drogas: Percorso Escolar», *Toxicodependências* 9, n.º 2 (2003): 32.

apresentadas no ponto 2.1.2. deste trabalho, ressaltando que, este contexto, vai ao encontro dos níveis de desenvolvimento moral do adolescente, nos quais este adota as regras do grupo em que se insere, subordina-se ao mesmo, obedece por interesse, satisfazendo as necessidades dos outros membros do grupo, considerando que, ao cumprir o seu dever, está a fazer o bem e assume um comportamento no sentido de recompensa, neste caso, de manter-se no grupo de amigos.

Para combater esta questão, algumas escolas promovem ações de sensibilização para que a situação seja amenizada e, até mesmo, colmatada. Neste âmbito, nota-se, igualmente, que os adolescentes são, aqui, conduzidos pelo bom caminho para que, reconhecendo as consequências das substâncias psicoativas não enveredem por essa, optando, assim, pelo bem, em detrimento do mal.

Mesmo se na adolescência e em contexto escolar permanece uma certa separação entre as formas de socialização masculina e feminina, multiplicam-se as oportunidades de convivência com o sexo oposto, que contribuem, certamente, para o despertar da sexualidade, enquanto fator importante no desenvolvimento global e equilibrado do adolescente, envolvendo fatores de ordem biológica, psicológica e social.⁷⁸ Neste sentido, o despertar da sexualidade, na adolescência e em contexto escolar, poderá conduzir a comportamentos menos corretos, tais como o não respeitar os sentimentos do outro, culminando, por vezes, em comportamentos do foro sexual sem amor e no desenvolvimento de relações sexuais desprotegidas. Poder-se-á, desta-feita, considerar que vivemos, segundo, Lipovetsky, numa sociedade «pós-moral», na qual se «exalta mais os desejos, o ego, a felicidade, o bem-estar individual, do que o ideal de abnegação».⁷⁹ Urge, pois, a necessidade de se promover o respeito pelo outro e encaminhando-o num correto caminho de desenvolvimento moral. As escolas atuam, de forma assertiva, neste sentido oferecendo a disciplina de educação sexual de forma a que os adolescentes possam refletir sobre os comportamentos e as práticas relacionados com a sexualidade, retirar preconceitos, evitar e repudiar a banalização do sexo, trabalhando-se de forma a criar comportamentos e uma ética de responsabilidade, bem com construir uma saudável identidade sexual.⁸⁰ As escolas, assim como a disciplina de EMRC oferecem, por vezes, ações de sensibilização relativamente a esta questão, as quais pretendem sensibilizá-los para a utilização dos diversos métodos contraceptivos, para que possam, assim, impedir gravidezes indesejadas e doenças, sexualmente, transmissíveis.

⁷⁸ Cf. Marciano Vidal, *Moral do Amor e da Sexualidade* (São Paulo: Paulinas, 1978), 484-485.

⁷⁹ Gilles Lipovetsky, *Metamorfoses da Cultura Liberal* (Porto Alegre: Sulina, 2003), 27.

⁸⁰ Cf. Lipovetsky, 27.

De acordo com as Ciências Sociais, o prolongamento escolar e a extensão do universo de intervenção da escola fazem com que os adolescentes passem a estar mais tempo neste espaço e menos tempo com a família.⁸¹ Nesta lógica de seguimento, é sobre esta última ideia que se incidirá o próximo subponto do presente trabalho.

2.2.2. O adolescente e a família

A OMS, no ano de 1994, realçou que o conceito de família «não pode ser limitado a laços de sangue, casamento, parceria sexual ou adoção, caracterizando um grupo cujas relações são baseadas na confiança, suporte mútuo e num destino comum».⁸² Depreende-se, deste modo, que a família se insere numa sociedade e numa cultura da qual é produto, mas, simultaneamente, é produtora.⁸³

É na família que nascem e, conseqüentemente, se transmitem os mais importantes valores, os quais poderão fomentar um correto desenvolvimento moral na adolescência. A este propósito, reconhece-se que, individual e socialmente, nada é mais importante que os valores. São os valores que motivam e conferem sentido ao que fazemos, e que nos conduzem à realização de uma boa causa, procurando a Justiça, a Verdade, o Bem, o Amor, ou, até mesmo, o Interesse bem orientado.⁸⁴

Um trabalho de pesquisa, realizado com base em inquéritos por questionário de índole quantitativa, foi realizado junto de 99 famílias biparentais, com filhos, tendo sido, no total, sido inquiridas 320 pessoas, nomeadamente 198 pais e 122 filhos. Este mesmo trabalho teve por base três questões fundamentais, tais como «Como se faz a transmissão de valores no seio da família?» «Quais são os modos de transmissão?» e «Que valores se transmitem?»⁸⁵, de forma a compreender de que modo a transmissão de valores, comportamentos, normas sociais, com referência às noções de moral, ética e cidadania decorrem na família.

Neste sentido, adianta-se que existe um maior reconhecimento por parte dos filhos, enquanto seres autónomos, os quais constatarem ter direito de ser e de pensar distinto dos pais sem, contudo, deixarem totalmente de seguir as suas orientações. Constata-se, também, que as formas de socialização e educação são menos autoritárias e menos diretivas e, por conseguinte, a transmissão parece mais assegurada. Reconhece-se, também, que os pais modificaram os seus

⁸¹ Cf. Teixeira, «A Adolescência e a Juventude como Culturas», 104.

⁸² Madalena Alarcão, (*Des*) *Equilíbrios Familiares* (Coimbra: Quarteto Editora, 2000), 46.

⁸³ Cf. Alarcão, 46.

⁸⁴ Ana Sofia Leandro e Maria Engrácia Leandro, «Transmissão de Valores no Seio da Família. Persistências e Mudanças», 5, acedido a 28 de janeiro de 2023, Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia. https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR4628ca54ad664_1.pdf.

⁸⁵ Leandro e Leandro, 6.

sistemas de valores, atribuindo menos importância a certos valores morais e ideológicos, mas interessando-se mais pelos modos de vida. No entanto, importa ter presente que a melhor transmissão dos valores que permanecem não se traduz pela repetição dos comportamentos, mas numa junção do que permanece e do que se inventa, numa sociedade em profunda transformação. Nota-se, no entanto, que se dá menos importância à transmissão das boas maneiras, dos valores religiosos, do sentido da poupança e da obediência e à submissão às ideias e princípios dos pais, valorizando-se, sobretudo, a autonomia.⁸⁶

Considera-se, neste sentido e que para se proceder a um correto desenvolvimento moral na adolescência, que a família se encontra sujeita a dois tipos de pressão, sendo eles a interna, que decorre do desenvolvimento das relações dentro dos subsistemas da família e a externa, a qual decorre da inserção e interação com o meio social.⁸⁷ Neste contexto, o número 36 da Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* destaca que

[...] é dever dos pais criar um ambiente de tal modo animado pelo amor e pela piedade para com Deus e para com os homens que favoreça a completa educação pessoal e social dos filhos. A família é, portanto, a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade.⁸⁸

Também a Exortação Apostólica Pós Sinodal *Amoris Laetitia* vem, no número 264 vem reforçar que é tarefa dos pais incluir nos filhos hábitos bons e tendências afetivas, promotoras do bem⁸⁹, sendo que esta mesma Exortação Apostólica, no número 265, complementa o que, anteriormente, foi referido, constatando que «[...] Uma formação ética válida implica mostrar à pessoa como é conveniente, para ela mesma, agir bem [...]».⁹⁰

No que tange ao tipo de pressão interna e porque é da influência que a família assume no cerne do desenvolvimento moral que estamos a falar, é importante considerar que aquando da experimentação de vivências, modos de estar e atitudes, os pais têm de funcionar com regras, claras, coerentes e informadas como um sistema executivo forte, persistente e esclarecedor; todavia com flexibilidade, articulando afeto e segurança, de modo a orientar os filhos a assumirem os melhores comportamentos e serem capazes de se posicionarem perante o bem e o mal.⁹¹ Com isto, os adolescentes, num sentimento de necessidade de obediência aos pais

⁸⁶ Cf. Leandro e Leandro, 12.

⁸⁷ Cf. Alarcão, *(Des) Equilíbrios Familiares*, 59.

⁸⁸ João Paulo II, «Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*», n.º 36, acessido a 28 de janeiro de 2023, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html.

⁸⁹ Cf. Francisco, «Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*», n.º 264, acessido a 26 de fevereiro de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html.

⁹⁰ Francisco, «Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*», n.º 265.

⁹¹ Cf. Alarcão, *(Des) Equilíbrios Familiares*, 168.

encetam comportamentos corretos com receio de serem castigados e arcar com as consequências dos seus comportamentos menos corretos. Neste momento, vem-me à lembrança a minha experiência profissional e as observações que, por vezes, faço aos meus alunos e a resposta que me é fornecida pelos mesmos. Quando estes, em contexto de sala de aula ou de atividades, apresentam comportamentos menos corretos são chamados à atenção e é-lhes, algumas vezes, dito que a possibilidade de contatar com o EE é grande. Com isto, mostraram-se receosos e melhoram o seu comportamento, reconhecendo que é o que os pais desejam deles que está correto e deve ser, moral e corretamente, seguido.

Com este tipo de pressão interna consigo, igualmente, estabelecer ligação com as conceções de Kohlberg, expressas também no subponto 2.1.2. deste trabalho, nas quais é feita referência a níveis de desenvolvimento moral na adolescência. As relações existentes dentro dos subsistemas da família situam-se nos níveis pré-convencional e convencional, nos quais os adolescentes obedecem, muitas vezes, por interesse. Neste momento, recorro as palavras recentes de um aluno que indicou que se passar o ano a mãe dar-lhe-á um *iPhone*. Reconheço, aqui, que este aluno tentará, no segundo e terceiro períodos letivos, obedecer à mãe e não fazer assumir maus comportamentos, correspondendo, desta feita, às expectativas da progenitora, com o intuito de ter uma recompensa. Com isto, na sua ótica, será visto, quer pela mãe, quer pelos professores como o «Bom Rapaz», certinho e cumpridor.

No seguimento do exposto nos dois parágrafos anteriores, constata-se que, atualmente, se assiste a uma «revolução escolar», na qual a família, sem deixar de transmitir determinados valores como a ética do esforço, o trabalho e a procura do «sucesso», vem investindo bastante na escola. Esta «revolução» virá, pois, favorecer o desenvolvimento das capacidades individuais, elevando a possibilidade de adquirir capacidades particulares, alargando, também, a visão do mundo⁹², numa coerente lógica de desenvolvimento moral. Reconhece-se, todavia, que nos dias que correm os pais, inconscientemente, educam para o desenvolvimento dos valores e da moralidade de forma incorreta. Neste sentido, realçam-se as considerações apresentadas no número 37 da Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, as quais indicam que:

Embora no meio das dificuldades da obra educativa, hoje muitas vezes agravada, os pais devem, com confiança e coragem, formar os filhos para os valores essenciais da vida humana. Os filhos devem crescer numa justa liberdade diante dos bens materiais, adoptando um estilo de vida simples e austero, convencidos de que «o homem vale mais pelo que é do que pelo que tem».⁹³

⁹² Cf. Leandro e Leandro, «Transmissão de Valores no Seio da Família. Persistências e Mudanças», 6.

⁹³ João Paulo II, «Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*», n.º 37.

Deverá, igualmente, ser papel dos pais orientar, da melhor forma, os seus filhos pelos corretos caminhos no que às questões do foro sexual diz respeito. A este propósito é-nos indicado, ainda no número 37, da Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* que «A educação sexual, direito e dever fundamental dos pais, deve atuar-se sempre sob a sua solícita guia, quer em casa quer nos centros educativos escolhidos e controlados por eles.»⁹⁴ Estes caminhos levarão os adolescentes a assumir rumos de orientação, moralmente, corretos, sem descurar o outro e a sua importância.

Reforça-se que é da socialização primária, isto é, daquela que decorre com a família de origem que se origina o desenvolvimento da religiosidade, a qual poderá manter-se, alterar-se ou ser recusada, todavia de uma forma que nunca excluirá a pertinência do papel familiar e do modelo dos pais.⁹⁵ É, portanto, sobre esta experiência de religiosidade que se incidirá o subponto seguinte deste trabalho.

2.2.3. A opção religiosa na adolescência

Atendendo a que a adolescência pode ser uma fase favorável ao desencadeamento de uma «crise de fé» e por diversos questionamentos, é fundamental que os adolescentes reconheçam, nos ideais religiosos, valores morais para que, devidamente, orientados pelos mesmos consigam trilhar os caminhos da sua existência num dinâmico processo de desenvolvimento moral. Consideremos, neste seguimento, que será possível encontrar adolescentes morais, todavia não religiosos e outros que, mesmo seguindo os ideais religiosos, não são, moralmente, corretos.⁹⁶

Neste momento, vem-me à ideia o exemplo de um aluno que provém de uma família crente, católica praticante, frequentando a catequese e, semanalmente, a missa dominical. Todavia, este adolescente não adota a postura mais correta, assumindo comportamentos desviantes e desestabilizadores do bem-estar social, em contexto escolar. A influência dos pares, seguramente, influencia, verificando-se, no entanto, uma resistência ao que lhe é, moralmente, transmitido pela religião, comprometendo, assim, o seu saudável desenvolvimento moral.

A este propósito, Fowler vem corroborar que a partir dos 12 anos de idade se observa a emergência de uma fé denominada de sintético-convencional, através da qual os adolescentes têm em conta as expectativas dos outros, dando primazia à lei e à ordem, ao invés do que está

⁹⁴ João Paulo II, «Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*», n.º 37.

⁹⁵ Cf. Carvalho, *Curso Geral de Catequistas*, 62.

⁹⁶ Cf. Lourenço Costa, Isabel Ferreira e Honório Dalbosco, *Dicionário de Teologia Moral* (São Paulo: Paulus, 1997), 1088.

estipulado nos textos sagrados.⁹⁷ Podemos, então, aferir que esta fé é vivida e interpretada de acordo com o que os outros dizem e com o que é, para o adolescente, conveniente.

Também o número 16, do primeiro capítulo da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, vem assentar as suas considerações sobre esta questão. Dizendo respeito à Dignidade da Pessoa Humana, defende que dentro da consciência de cada adolescente existe uma lei a ser respeitada, guiando-os ao bem e afastando-os do que é mau.⁹⁸ Esta lei é escrita pelo próprio Deus, sendo que é através da sua consciência que os adolescentes se encontram, a sós, com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser.⁹⁹ Poder-se-á, assim, afirmar que este encontro, íntimo, com Deus tocará todas as dimensões do adolescentes, motivando-os a realizar o bem, em detrimento do mal.

Neste sentido, entende-se que a relação de cada adolescente crente com Deus é, inevitavelmente, inspiradora de valores e atitudes morais, sendo que os contextos crentes da existência humana não são irrelevantes para as perceções morais e para a génese dos juízos morais.¹⁰⁰

Neste seguimento, evidencia-se o constante no número 163 da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, o qual faz alusão à mensagem do Papa Francisco, relativa ao desenvolvimento moral dos adolescentes. Este diz-nos, então, que crescimento espiritual se manifesta no amor fraterno, generoso, misericordioso, desejando que «possas tu viver cada vez mais aquele “êxtase” que consiste em sair de ti mesmo para buscares o bem dos outros, até dar a vida.»¹⁰¹ Aqui, notamos que o crescimento espiritual não se dissocia do desenvolvimento moral na adolescência e que, ao ler estas palavras do Papa Francisco, o adolescente passará a observar a sua fé como promotora de uma orientação moral que poderá ser transposta aos demais. Também o número 167 do documento, previamente, mencionado vem corroborar estas ideias:

⁹⁷ Cf. James Fowler, *Estágios da Fé* (São Leopoldo-RS: Sinodal, 1992), 142.

⁹⁸ Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes* (Braga: Editorial A.O), n.º 16.

⁹⁹ Cf. Vítor Coutinho, «Consciência e Liberdade à Luz da Doutrina do Concílio Vaticano II», *Didaskalia* (Lisboa: Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa), n.º 2 (2012): 152 <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2012.2327>.

¹⁰⁰ Cf. Coutinho, 155.

¹⁰¹ Francisco, «Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*», n.º 163, acedido a 02 de fevereiro de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html.

Deus ama a alegria [...] e convida-os sobretudo à alegria que se vive na comunhão fraterna, ao júbilo superior de quem sabe partilhar, pois «a felicidade está mais em dar do que em receber» (*At* 20, 35) e «Deus ama quem dá com alegria» (*2 Cor* 9, 7). O amor fraterno multiplica a nossa capacidade de nos alegrarmos, porque nos torna capazes de rejubilar com o bem dos outros: «Alegrai-vos com os que se alegram» (*Rm* 12, 15). Que a espontaneidade e o impulso [...] se transformem sempre mais na espontaneidade do amor fraterno, no frescor que nos faz reagir sempre com o perdão, a generosidade, o desejo de construir comunidade! Diz um provérbio africano: «Se queres andar rápido, caminha sozinho. Se queres chegar longe, caminha com os outros». Não deixemos roubar-nos a fraternidade.¹⁰²

Esta fraternidade fará com que o adolescente desenvolva laços de amor com os demais. A propósito do valor único do amor, também os números 91 e 94, do capítulo III, da Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, atestam que os adolescentes são capazes de desenvolver algumas atitudes, como valores morais, nomeadamente «fortaleza, sobriedade, laboriosidade e outras virtudes».¹⁰³ Todavia, para que os atos das demais virtudes morais sejam, devidamente, orientados, é necessário considerar a medida em que eles realizam um dinamismo de caridade, caracterizado por abertura e união para com outras pessoas. No entanto, há a considerar que o amor ao próximo vai muito além de ações boas para com os outros. O amor ao outro por ser quem é, impele o adolescente a procurar o melhor para a sua vida e levando-o a entender que só cultivando esta forma de se relacionar é que possibilitará a criação de uma amizade social que não exclui ninguém e uma fraternidade que é aberta a todos.¹⁰⁴ Nota-se, aqui, que o adolescente ao seguir as orientações dadas pelo Papa Francisco estará, através da consciência, a exteriorizar a dimensão moral. É, pois, através da consciência que o agir moral é orientado a partir do coração, implicando todo o adolescente e não permitindo que os juízos morais e as decisões tomadas resultem de influências exteriores.¹⁰⁵ A consciência vem, assim, garantir que as opções, moralmente corretas, assumidas pelos adolescentes são, verdadeiramente, pessoais, brotando da sua interioridade e como resultado dos seus encontros pessoais com Deus. Salienta-se, então, que o adolescente é fiel à comunidade, ao grupo e ao movimento que funciona como referência, afastando-se daqueles que o poderão questionar. Este aspeto vem ressaltar a existência de uma fé convencional.¹⁰⁶

Neste sentido, podemos relacionar os encontros pessoais, em pequeno e grande grupo, com Deus com a pertença a determinados grupos e movimentos, os quais são entendidos como promotores do desenvolvimento moral na adolescência. Quanto aos encontros individuais com

¹⁰² Francisco, «Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*», n.º 167.

¹⁰³ Papa Francisco, «Carta Encíclica *Fratelli Tutti*», n.º 91, acedido a 02 de fevereiro de 2023, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html.

¹⁰⁴ Cf. Francisco, «Carta Encíclica *Fratelli Tutti*», n.º 94.

¹⁰⁵ Cf. Coutinho, «Consciência e Liberdade à Luz da Doutrina do Concílio Vaticano II», 157.

¹⁰⁶ Cf. Fowler, *Estágios da Fé*, 142.

Deus, estes podem ser promovidos em casa ou nas próprias igrejas, mediante a realização de momentos de oração. Através dos mesmos, o adolescente tende a questionar Deus sobre os corretos comportamentos a adotar e, conseqüentemente, melhores caminhos a seguir, quer em contexto familiar, quer em contexto social com o contato com os pares e, após momentos de introspeção, muitas vezes, conseguem encontrar respostas às suas insistentes questões. Recordo-me de muitas vezes, na minha adolescência, recorrer a estes momentos de introspeção para ponderar sobre questões que me atormentavam. Sempre encontrei resposta e sempre consegui crescer, moral e religiosamente, de forma saudável, fazendo o bem, sem olhar a quem e sem esperar recompensa. Para além destes momentos individuais de introspeção procurei, também, auxílio numa experiência grupal religiosa, denominada *Shalom*, a qual é entendida como um retiro no qual os jovens que nela participam são convidados para o seu íntimo, para a sua vida, para o modo como a vivem e, acima de tudo, a encontrarem-se com Deus, que se faz presente em Jesus Cristo, através da sua fé. Neste contexto, os jovens têm a possibilidade de descobrir a sua identidade como pessoas e Cristãos e de (re)descobrir o próprio Jesus e a sua Igreja. O segredo de um verdadeiro *Shalom* é o amor de Deus, sendo que todas vivências que lá são promovidas são-no com sob a alçada do Espírito Santo.¹⁰⁷ O que me levou a realizar *Shalom*¹⁰⁸ foi o fato de considerar que as minhas ações e decisões estavam, muitas vezes e na minha ótica, a prejudicar os outros. Os momentos de introspeção que lá foram promovidos e a partilha de experiências que lá foi possibilitada permitiram-me, à luz dos ideais Cristãos, ponderar sobre as minhas atitudes e, conseqüentemente, melhorá-las, evoluindo, desta forma, sob o ponto de vista moral.

No seguimento do anteriormente exposto, é fundamental reconhecer que a religiosidade poderá ser considerada um importante motor propulsor de um correto desenvolvimento moral na adolescência. O exemplo pessoal e individual de Carlo Acutis vem, assim, consolidar esta questão, mostrando-nos de que forma o *influencer* de Deus conseguiu, mediante a vivência da sua religiosidade, espelhar e transpor atitudes que o caracterizaram como um adolescente com bons valores morais. Neste sentido, salienta-se que o seu pensamento «Não o amor próprio, mas a glória de Deus»¹⁰⁹ vem logo fazer-nos ver que Carlo não pensava só em si e que pretendia ter em atenção os outros e a sua ação para com estes.

¹⁰⁷ Cf. Pastoral Juvenil Açores, «Shalom», acessido a 02 de fevereiro, <https://pastoraljuvenilacores.webnode.pt/shalom/>.

¹⁰⁸ Anexo n.º 6.

¹⁰⁹ Site Oficial da Associação Carlo Acutis e a Causa da Canonização do Bem-Aventurado Carlo Acutis, «Depliant Santuario Beato Carlo Acutis», acessido a 02 de fevereiro de 2023, <http://www.carloacutis.com/pt/association>.

Salienta-se, ainda, que Acutis viveu lutando para superar as suas faltas e para, cada vez mais, promover as virtudes da Fé, da Esperança e do Amor a Deus.¹¹⁰ Neste sentido, começou a frequentar a igreja desde cedo, enaltecendo a sua educação, generosidade e obediência e dando, igualmente, importância aos seus amigos quando estes se chateavam ou entravam no mundo das drogas.¹¹¹ Nota-se, aqui, a elevação de valores morais de um adolescente que, ainda com as contingências associadas à sua idade e ao seu processo de desenvolvimento, conseguia discernir o bem do mal, orientando os elementos do seu grupo de amigos pelos melhores caminhos. Considero que, atualmente, esta é uma tarefa árdua, uma vez que os adolescentes são, grande parte das vezes, influenciados pelos maus hábitos para, tal como anteriormente, foi visto terem a aprovação dos outros, tendo Carlo sido, neste contexto, bastante maduro para a sua idade. Realça-se, nesta linha de pensamento, que toda a sua vida foi plena de Deus, isto é, era influenciado pelos seus ensinamentos, valorizando a eucaristia e o voluntariado, mediante a distribuição de refeições pelos mais pobres. Foram várias as pessoas que, através do seu exemplo, se aproximaram de Deus.¹¹² Neste sentido, consegue-se compreender que Carlo Acutis foi um adolescente que, à luz dos ensinamentos de Cristo e da sua doutrina, conseguiu olhar para a adolescência como época de confiança e esperança para a construção de um mundo em que os valores morais, nomeadamente o da ajuda ao próximo fossem o fio condutor de uma vida plena e feliz.

Neste momento, é fundamental reconhecer que para além das experiências individuais religiosas, existem as experiências grupais. A este propósito, salienta-se a importância das Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ), as quais se caracterizam por ser uma peregrinação, uma expressão da Igreja universal e um momento de evangelização do mundo juvenil. As JMJ têm como principal missão efetuar um convite para que a sua geração seja determinada em construir um mundo em que valores morais, tais como a justiça, a solidariedade, a paz, a união, a fraternidade, entre todos os povos e nações, imperem.¹¹³ Destaca-se, neste sentido, que as JMJ, para além de propiciar encontros pessoais entre os adolescentes e Jesus, representa um novo impulso à fé, à esperança e à caridade de todos os adolescentes do país de acolhimento, os quais, escutando e imitando os ideais Cristãos, poderão desenvolver-se moralmente, reconhecendo que é na ajuda e no amor ao próximo que está a verdadeira essência de uma vida. O testemunho pessoal que, neste contexto, é apresentado vem, pois, corroborar estas ideias.¹¹⁴

¹¹⁰Cf. Site Oficial da Associação Carlo Acutis e a Causa da Canonização do Bem-Aventurado Carlo Acutis, «Depliant Santuario Beato Carlo Acutis».

¹¹¹ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Queremos Saber!*, 114.

¹¹² Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, 114.

¹¹³ Cf. JMJ, «O que é?», acedido a 02 de fevereiro de 2023, <https://www.lisboa2023.org/pt>.

¹¹⁴ Anexo n.º 7.

Também a experiência grupal de Taizé poderá assumir relevância no contexto do desenvolvimento moral na adolescência. Esta caracteriza-se por uma experiência de fé, possibilitando uma demonstração de como a experiência cristã pode ser um lugar de aproximação de diferentes geografias cristãs e diferentes culturas, momentos de oração, partilha e compromisso.¹¹⁵ Esta experiência permitirá o surgimento de novas formas de sociabilidade e sensibilidade religiosas, fazendo com que, em grande grupo, os adolescentes se encontrem consigo mesmos para que, posteriormente, possam trilhar um caminho diferente que culmine na construção de uma Igreja e de uma sociedade que se dizem diferentes e corretas, sob o ponto de vista moral, encaminhando-os numa correta conduta que, posteriormente, possibilite uma abertura de espírito que os possa ajudar a viver uma festa centrada em Jesus Cristo.

De realçar, ainda, que a vocação ecuménica de Taizé tem como prioridade a formação de uma doutrina comum que fomente a Reconciliação antes de qualquer tipo de atitude definitiva e promova o viver quotidiano de um diálogo que não seja ilusório.¹¹⁶ Compreende-se, então, que ao realizar esta experiência os adolescentes tomam consciência da importância e da necessidade de restabelecer laços, previamente perdidos, com outros adolescentes ou com outras pessoas e percebem que é no sentimento de reconciliação que se consegue ter consciência do que foi certo e do que foi errado e, neste caso, não se voltará a repetir. Aqui, são, então, enaltecidos valores morais, tais como honestidade e humildade ao reconhecer as suas falhas, respeito, empatia, educação e solidariedade a reconhecer e a perdoar as falhas dos outros.

Concluindo as ideias constantes neste subponto, salienta-se que a disciplina de EMRC poderá, à luz da mensagem Cristã e em toda a sua organização, planificação e, conseqüente, lecionação, espelhar a influência da Religião Cristã no desenvolvimento moral na adolescência, enaltecendo-se a necessidade de, num primeiro momento, se vincar a existência do religioso nas escolas, assumindo-se, assim, uma atitude de pluralismo ativo. Esta atitude permitirá a criação de um diálogo com outros pensamentos e sistemas de valor para desenvolver a própria identidade.¹¹⁷

No seguimento desta questão urge a necessidade de se aferir, através de uma proposta didática, o contributo da disciplina de EMRC para o desenvolvimento moral na adolescência e de que forma uma reestruturação da UL3, do 7.º ano, «Riqueza e sentido dos afetos» poderá aprofundar e, conseqüentemente, evidenciar a importância desta mesma temática.

¹¹⁵ Cf. Jorge Revez, «A Comunidade de Taizé e o Concílio de Jovens. Uma Primeira Abordagem ao Impacto da Experiência Taizé na dinâmica Religiosa Portuguesa», *Lusitânia Sacra* 2.ª série, n.º 16 (2004): 248, <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2004.7074>.

¹¹⁶ Cf. Revez, 251.

¹¹⁷ Cf. Johan Vlohet, «Religião, Espiritualidade e Educação», *Communio. Revista Internacional Católica* 23, n.º 4 (2006): 415.

Capítulo 3 – Proposta didática e o contributo da EMRC para o desenvolvimento moral na adolescência

O último capítulo deste trabalho pretende estabelecer uma ligação entre a explanação da importância do contributo da disciplina de EMRC para o desenvolvimento moral na adolescência e uma proposta de reformulação da UL 3, do 7.º ano, intitulada «Riqueza e sentido dos afetos». Na minha ótica, após uma análise da UL 3, do 7.º ano e do percurso efetuado ao longo da PES, reconheço que quer o programa de EMRC, do 3.º ciclo, quer a própria UL 3 «Riqueza e sentido dos afetos» não aprofundam muito, em termos teóricos, a questão do desenvolvimento moral na adolescência, sendo que esta temática poderá ser desenvolvida, de forma indireta, em todos os temas subjacentes ao programa de EMRC do 3.º ciclo. Desta feita, após análise e ponderação sobre o contributo da disciplina para o desenvolvimento moral será, então, apresentada uma proposta didática que contemple uma possível reformulação da UL «Riqueza e sentido dos afetos», bem como uma reflexão sobre a mesma, reconhecendo de que forma esta poderá, efetivamente, melhorar todo o trabalho que é efetuado na disciplina para que os alunos reconheçam, de uma melhor forma, o contributo que esta pode dar no sentido do desenvolvimento moral.

3.1. O contributo da disciplina de EMRC para o desenvolvimento moral na adolescência

Consideremos, num primeiro momento, que foi no contexto da PES, inserida no âmbito da EMRC, que se procurou responder à questão «de que forma a disciplina de EMRC poderá contribuir para o desenvolvimento moral na adolescência?». Neste, momento e após uma análise e reflexão sobre o todo o trabalho desenvolvido em contexto de PES e sobre todo o trabalho que tenho desenvolvido enquanto docente da disciplina, constato que a EMRC poderá propiciar momentos de diálogo, reflexão, bem como uma boa fonte de princípios e valores que auxiliem os alunos, capazes de orientar, pelo melhor caminho, os comportamentos dos alunos.

A este propósito, o número 1 da Declaração *Gravissimum Educationis*, referente ao direito universal à educação, aponta que os adolescentes têm o direito de serem estimulados a estimar, de forma correta, os valores morais e a abraçá-los pessoalmente, bem como a conhecer e a amar Deus, de uma forma mais correta. Aqui, é solicitado, a todos os que governam os povos ou orientam a educação, que façam com que a juventude não seja privada deste direito. Para além disso, para que os adolescentes se preparem, oportunamente, para a vida social, deverão estar munidos de instrumentos necessários e oportunos, sendo capazes de inserir-se

ativamente nos vários agrupamentos da comunidade humana, abrindo-se ao diálogo com os outros e esforçando-se por cooperar no bem comum.¹¹⁸ A este propósito, é mencionado que, graças ao ensino da religião católica, a escola e a sociedade enriquecem-se, habilitando a pessoa a descobrir o bem, a crescer na responsabilidade, a procurar o confronto, a apurar sentido crítico, a inspirar-se nos dons do passado para compreender melhor o presente e a projetar-se, de forma consciente, para o futuro.¹¹⁹

Neste contexto, destaca-se que a disciplina de EMRC é capaz de promover

[...] uma educação integral, que enriqueça, por um lado, a cultura dos alunos, mas que, por outro, os ajude a encontrar respostas para as suas interrogações mais fundamentais, a interiorizar valores e a poderem desenvolver-se globalmente, como pessoas, sobretudo nas suas dimensões moral, mas também religiosa ou espiritual.¹²⁰

Todavia, constata-se que a educação dos valores não se consegue sem o acompanhamento pelo educador, sendo que as várias atividades desenvolvidas, nas aulas e a partir destas, têm o mérito de proporcionar aos jovens terreno de experimentação dos valores que são chamados a viver.¹²¹ Entende-se, assim, que é fundamental aprender a viver juntos e a olhar a vida de forma diferente, privilegiando o que é essencial ao ser humano.

Esta disciplina, sendo caracterizada por um claro valor educativo, possibilita a formação de juventudes ricas de interioridade, com força moral, nas quais imperam os valores da justiça, da solidariedade e da paz.¹²² Sendo desenvolvida em contexto escolar, promove uma educação direcionada para o ensino da educação ético-moral, a qual virá interpretar e favorecer a significação do facto cultural compreendido como algo relacionado com o agir humano, de forma livre e responsável e que se deve orientar por princípios e valores que preservem e desenvolvam a dignidade da pessoa humana.¹²³

Neste sentido, é fácil perceber que o programa de EMRC, essencialmente o do 3.º ciclo do Ensino, uma vez que é nesta que se dá a passagem para a fase da adolescência, fomenta as considerações enunciadas, nos dois parágrafos anteriores, aquando da abordagem das UL's preconizadas no mesmo.

No que tange ao programa do 7.º ano e quanto à primeira UL, intitulada «As origens» e, em pormenor, a parte referente à «Criação: um acontecimento inacabado» conseguimos fazer com que os adolescentes reconheçam que todos têm uma capacidade, um dom especial, sendo

¹¹⁸ Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II, «Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a Educação Cristã», [7].

¹¹⁹ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 162.

¹²⁰ Isabel Vilaça e Vítor Carmona, «Os Contextos Pedagógicos e Educativos da Educação Moral e Religiosa Católica», *Pastoral Catequética*, n.º 5 (2006): 95.

¹²¹ Cf. Vilaça e Carmona, 95-96.

¹²² Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, 163.

¹²³ Secretariado Nacional de Educação Cristã, 163.

necessário fazê-lo crescer e colocá-lo ao serviço dos outros, tornando-se, então, verdadeiros colaboradores da criação. Com isto, todos os nossos alunos são convidados a olhar para si, refletindo e analisando tudo o que têm feito, em função do equilíbrio do mundo em que vivem, fomentando formas de resolver os problemas que a nossa casa comum enfrenta atualmente.¹²⁴ A abordagem deste ponto desta UL vai ao encontro dos pressupostos constantes na UL «Ecologia integral», do 8.º ano e, concretamente, no ponto «A Terra é a nossa casa», o qual salienta que «O bem-estar de toda a humanidade depende, em larga medida, da manutenção de um ambiente saudável, bem como da biodiversidade. Por isso, proteger a beleza, a diversidade e a vitalidade da Terra é um dever de todas as pessoas».¹²⁵ Espera-se, pois, aqui que os nossos alunos reconheçam o que estão a fazer, correta e incorretamente, para que a as vicissitudes apresentadas sejam ultrapassadas, numa lógica de desenvolvimento moral.

Em relação à UL «As religiões», do 7.º ano, e analisando, concretamente, o ponto intitulado «Diálogo inter-religioso e a fraternidade universal», podemos aferir que, neste contexto, os alunos são levados a compreender que a única atitude aceitável é a fraternidade entre todos os seres humanos e que, mesmo que tenhamos ideias diferentes, só podemos estimar-nos, respeitar-nos e compreender-nos, reciprocamente. No entanto, ele também entende que, quando a religião não se abre ao outro poderá conduzir a um fanatismo, caracterizado por um excessivo apego às suas convicções, desprezando as considerações dos outros e a um fundamentalismo que consiste na observância literal de uma determinada doutrina, rejeitando o diálogo com os outros. Menciona-se, aqui, que estes dois aspetos são, sob ponto de vista moral, incorretos, sendo, então, os alunos, aqui, convidados a ponderar sobre a questão, reconhecendo e admitindo se, algumas vezes, se identificam com estas questões e, em caso afirmativo, de que forma poderão solucionar as mesmas.¹²⁶ Estas considerações vão ao encontro de algumas ideias transpostas na UL, intitulada «Cristianismo em caminho», do 8.º ano e, concretamente, no ponto «A unidade dos crentes em Cristo», uma vez que, através deste ponto, o adolescente ficará ciente de que deverá ser unido aos outros e que o respeito e a cooperação são atitudes essenciais à promoção de comunidades saudáveis. Neste seguimento, a UL «Deus, mistério de amor», do programa de EMRC do 9.º ano. Nesta UL, o ponto referente à fé cristã vem indicar-nos que a fraternidade, enquanto aspeto que faz com que os adolescentes se desenvolvam moralmente, faz parte da identidade dos próprios, sendo que esta se desenvolve

¹²⁴ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Queremos Saber!*, 28.

¹²⁵ Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Queremos Descobrir!* (Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2022), 22.

¹²⁶ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, 80.

numa relação alicerçada em experiências de encontro e diálogo interpessoais, através das quais surgem frutos de amizade, comunhão e cooperação e sem as quais surge egoísmo.¹²⁷

Ainda neste seguimento, ressaltamos a importância da UL «A paz universal», do 7.º ano, e, concretamente, do ponto «Promoção do bem comum», o qual atesta que em situações de ausência de paz sabemos que os valores do diálogo, do perdão e da reconciliação deverão ser assumidos como ideais para, efetivamente, se compreender o outro, colocando, assim, termo aos conflitos. Estes valores vêm retirar a pessoa do seu egoísmo, ajudando-a a caminhar com o outro e a esforçar-se por viver em paz e na promoção do bem comum.¹²⁸ Neste sentido, os adolescentes são convidados a refletir sobre os seus comportamentos com os pais, amigos, professores e com a família, levando-os a reconhecer situações que, eventualmente, possam ter comprometido a paz entre este e os demais, bem como situações que as possam solucionar, assumindo, assim, consciência para o bom desenvolvimento moral.

São várias as UL que poderão ir ao encontro das ideias expostas anteriormente. Começando pela UL «O amor», do 8.º ano, esta vem mostrar-nos que o período da adolescência é caracterizado por ser um período de surpresa, descoberta do mundo e dos outros, de amizade, de entrega a causas nobres, a projetos solidários, sendo a amizade, o namoro e a solidariedade três importantes manifestações de amor ao próximo.¹²⁹ Estes aspetos permitem, assim, que o adolescente faça o seu olhar recair sobre o outro e, conseqüentemente, reconhecer que necessita do mesmo para progredir moralmente. A UL «A Liberdade», também do 8.º ano, no ponto «Liberdade e opção pelo bem» expõe aos adolescentes que existe a necessidade de se fazerem opções a partir de critérios éticos e que a liberdade se caracteriza pela procura constante do bem em cada situação da vida do adolescente. É, igualmente, apresentado, nesta UL, que liberdade e consciência moral são indissociáveis, uma vez que avaliar, decidir e atuar pelo bem, em detrimento do mal, implica liberdade. Através desta última, poderá orientar as suas escolhas de acordo com a consciência. O bem é, assim, promovido em valores como a justiça, solidariedade e fraternidade, os quais motivam e justificam as escolhas e ações dos adolescentes. Neste sentido e como «De acordo com a mensagem cristã, o ser humano pleno só acontece no ato de amar, de optar por orientar a vida para o serviço outros»¹³⁰, as UL «Dignidade da vida humana» e «O Projeto de Vida», do 9.º ano, vêm aferir que a prática de valores éticos, tais como o respeito, a tolerância, a paciência, a solidariedade, o carinho, a dedicação, o diálogo, a justiça,

¹²⁷ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Quero Ser!* (Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2015), 82.

¹²⁸ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Queremos Saber!*, 134.

¹²⁹ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Queremos Descobrir!*, 15.

¹³⁰ Secretariado Nacional de Educação Cristã, 89.

entre outros é, pois, essencial ao reconhecimento da dignidade da vida humana¹³¹ e que cada adolescente estabelece uma hierarquia de valores, conforme a educação que teve, a época e o ambiente em que vive. Os valores que são adotados e a escala que lhe respeita constituem, pois, uma opção fundamental, a qual virá condicionar todas as escolhas, decisões e comportamentos, uma vez que definirá os princípios pelos quais cada adolescente se orienta.¹³² Aqui, o adolescente consegue ficar, de uma melhor consciencializado, para a forma como poderá e deverá colocar em prática os valores morais que lhe são transpostos para que, assim, consiga progredir moralmente. Todavia, ficará, através da exploração destas UL, consciente de que é, plenamente, responsável pela vida que escolhe viver e que ser responsável é assumir consequências das opções tomadas, sabendo responder pelas mesmas perante eles próprios e perante os outros.

Chegados a este momento, conseguimos compreender que todas as UL do programa de EMRC do 3.º ciclo se interligam e conseguem contribuir para uma abordagem da questão do desenvolvimento moral na adolescência. Todavia, é na UL «Riqueza e sentido dos afetos» que esta temática se evidencia mais, na medida em que é fundamental reconhecer que é na fase da adolescência que o ser humano se torna capaz de raciocinar, de forma correta, sobre proposições em que acredita, ou ainda não acredita, isto é, numa dinâmica de pensamento e reflexão. Desta forma, é através do pensamento que o adolescente vai adquirir a capacidade de ultrapassar situações vividas e projetar ideias para o futuro.¹³³ Deste modo, as mudanças físicas com que se depara; com a formação e afirmação da personalidade que verifica; a relação, por vezes, difícil que desenvolve com pais e com os amigos, o questionamento religioso farão com que os adolescentes procurem os verdadeiros valores morais, os quais o fazem compreender o qual é, nestas situações, o melhor caminho a seguir e o que é efetivamente, correto e incorreto, num coerente itinerário de crescimento moral, entendido como a capacidade de progredir na opção pelo bem, sabendo distinguir o que é certo e o que é errado, escolhendo, em cada circunstância da vida, o que mais dignifica a todos.¹³⁴

O ponto que, seguidamente, se apresenta virá, apresentar, de uma forma prática e reflexiva, uma proposta didática que consiga desafiar todos os pressupostos definidos ao longo da realização deste trabalho e que vá ao encontro das considerações expostas neste ponto.

¹³¹ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Quero Ser!*, 35.

¹³² Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, 107.

¹³³ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Queremos Saber!*, 108.

¹³⁴ Cf. Secretariado Nacional de Educação Cristã, 108.

3.2. Apresentação e implementação da proposta didática

Refletindo sobre a forma como a questão do desenvolvimento moral foi abordada em contexto da PES e aferindo, de modo consciente, os pontos fortes e fracos da mesma reconheço que as aulas da UL em questão poderão ser direcionadas para uma metodologia de trabalho ativa, a qual vai ao encontro das conceções de Piaget e Kohlberg e que pressuponham experiências morais por parte dos alunos, dando-se primazia ao trabalho em grupo, à discussão dos valores sociomoraes, a uma troca de opiniões e a uma tomada de iniciativa.

Entende-se, a este propósito, que:

A educação moral deve ajudar a analisar criticamente a realidade quotidiana e as normas sociomoraes vigentes, de modo que contribua para idealizar formas mais justas e adequadas de convivência. Também pretende aproximar os educandos de condutas e hábitos mais coerentes com os princípios e normas que vão construindo. E finalmente, a educação moral quer formar hábitos de convivência que reforcem valores como justiça, a solidariedade, a cooperação ou o cuidado com os demais.¹³⁵

Destaca-se, neste seguimento, que se poderá proceder a uma reformulação dos objetivos e dos conteúdos das planificações referentes a esta UL e a esta temática, em específico, para que estes possam ir, integralmente, ao encontro da mesma. Considera-se, desta feita, que uma possível reformulação poderá debruçar-se sobre uma metodologia de trabalho que assente no modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna (MEM), o qual se propõe a construir, através da ação dos professores que o integram, a formação democrática e o desenvolvimento sociomoral dos alunos, assegurando, deste modo, a sua plena participação na gestão do currículo escolar. Desta feita, os alunos colaboram com os professores na planificação das atividades curriculares, por se interajudarem nas aprendizagens que decorrem de projetos de estudo, de investigação e de intervenção e por participarem na sua avaliação. Esta avaliação baseia-se, assim, numa negociação de juízos de apreciação e de controlo dos objetivos assumidos nos planos curriculares coletivos e nos planos individuais de trabalho e de outros mapas e listas de verificação do trabalho de aprendizagem, que servem para registo e monitorização do que se contratualizou em Conselho de Cooperação Educativa.¹³⁶

Esta vivência virá, desta forma, colocar à prova os valores humanos que sustentam a justiça, a reciprocidade e a solidariedade, na medida em que a organização do trabalho e o exercício do poder partilhados virão a transformar os estudantes e os professores em cidadãos

¹³⁵ Josep Maria Puig, *Ética e Valores: Métodos para Um Ensino Transversal* (São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988), 14.

¹³⁶ Cf. MEM. Movimento da Escola Moderna, «Movimento da Escola Moderna. Trabalho de Aprendizagem Curricular por Projectos cooperativos», acedido a 04 de fevereiro de 2023, <https://www.escolamoderna.pt>.

implicados numa organização em democracia direta. Esta experiência de socialização democrática dos estudantes virá, igualmente, sustentar o trabalho do currículo nas turmas, entendidas como comunidades de aprendizagem, num envolvimento cultural motivador.¹³⁷

Salienta-se, nesta ordem de ideias, o MEM valoriza, para o segundo e terceiro ciclos, um trabalho de aprendizagem curricular por projetos cooperativos. Desta forma, há a salientar que a metodologia de trabalho por projeto se baseia num estudo sobre determinado tema.¹³⁸ Este estudo é, então, efetuado através de pesquisa em contexto social, ou seja, em toda a comunidade envolvente, proporcionando, assim, a construção do saber. Realça-se, ainda, que o que suscita o aprender é a motivação inerente ao envolvimento e ao interesse pelo tema.¹³⁹

A este propósito, o MEM salienta que, num primeiro momento, se deverá antecipar uma representação mental do que se quer fazer, saber ou mudar. Num segundo momento, é imprescindível clarificar o significado social do trabalho previsto, com vista à sua utilização, apropriação, intervenção e difusão. Num terceiro ponto, dever-se-á elaborar o projeto de atuação desdobrando-o em ações. Posteriormente, urge a necessidade de se conceber um plano de trabalho, distribuindo as ações no tempo e atribuindo responsabilidades. Seguidamente, é fundamental proceder-se à execução do plano, mediante pesquisa, tratamento de informação, conceção da apresentação das produções para apropriação coletiva e elaboração de instrumentos para obter a retroação dos destinatários. Num sexto momento, comunicar-se-ão os resultados do estudo ou da intervenção, alargando as formas de divulgação. Finalmente, proceder-se-á à avaliação do processo e da utilização social dos resultados pela reflexão crítica.¹⁴⁰ Todos os aspetos, enunciados anteriormente, serão, pois, retratados de seguida.

¹³⁷ Cf. Movimento da Escola Moderna, «Movimento da Escola Moderna. Trabalho de Aprendizagem Curricular por Projectos cooperativos».








¹³⁸ Cf. Lilian Katz e Sylvia Chard, S, *A Abordagem de Projecto* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997), 14.

¹³⁹ Cf. Manuela Ferreira e Milice Santos, *Aprender a Ensinar, Ensinar a Aprender* (Porto: Edições Afrontamento, 1994), 30.

¹⁴⁰ Cf. Movimento da Escola Moderna, «Movimento da Escola Moderna. Trabalho de Aprendizagem Curricular por Projectos cooperativos».

Neste momento, é fundamental realçar que esta proposta didática foi elaborada em cumprimento dos propósitos do MEM, fazendo com que as estratégias adotadas evoluam de um trabalho em pequeno grupo para um trabalho em grande grupo.

Quadro n.º 9 – Grelha de planificação da aula 1 da proposta didática

7.º ano Unidade Letiva 3: «Riqueza e sentido dos afetos» Aula 1/7 Lição n.º 20						
Aprendizagens essenciais	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência. - Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal. 					
Sumário	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução à Unidade Letiva 3 «Riqueza e sentido dos afetos». - Apresentação e planificação do trabalho de projeto. 					
METAS 	OBJETIVOS 	CONTEÚDOS 	ESTRATÉGIAS 	MATERIAIS 		AVALIAÇÃO FORMATIVA 
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	1. Compreender que a pessoa humana cresce e se desenvolve. 2. Identificar a etapa da adolescência como relevante na formação da personalidade e no desenvolvimento da vocação pessoal.	O ciclo de vida: da infância à terceira idade; A adolescência é a idade em que nós estamos. ·Na adolescência fazem-se escolhas relevantes para o resto da nossa vida: estudos, trabalho, estado de vida. O crescimento e as mudanças na personalidade: o desenvolvimento da pessoa e a adolescência.	Acolhimento e Sumário.	Quadro e giz.	10'	<ul style="list-style-type: none"> - Assiduidade - Pontualidade
			Chuva de ideias sobre o conceito de «adolescência» e aspetos que caracterizam a mesma.	Computador, projetor, telemóveis e router.	10'	<ul style="list-style-type: none"> - Empenho
			Apresentação e planificação do trabalho de projeto.	Computador e projetor.	20'	<ul style="list-style-type: none"> - Empenho
			Elaboração da síntese da aula.	Quadro e giz.	5'	<ul style="list-style-type: none"> - Empenho
						Comportamento

Síntese da aula: A adolescência tem início com a puberdade e termina quando assumimos, autonomamente, as nossas responsabilidades.

3.2.1. Operacionalização da proposta concernente à aula 1

Salienta-se que, aquando da elaboração desta proposta, juntei a primeira e segunda intervenções desta UL numa só. Considero, numa primeira instância, fundamental que os alunos aferissem quais os seus conhecimentos sobre a «adolescência». Para tal, poderiam recorrer à aplicação *mentimeter*¹⁴¹ para que, através de uma chuva de ideias, pudessem, através de, somente, uma palavra, revelar as suas opiniões, as quais podiam incluir o significado do conceito e as mudanças físicas e de personalidade que ocorrem nesta fase da vida.

Seguidamente e, em cumprimento do primeiro, segundo, terceiro e quarto pontos do MEM, para a realização de trabalho de aprendizagem curricular por projetos cooperativos, seria fundamental proceder-se à apresentação, oral, do tema do projeto a desenvolver e à planificação de todo o trabalho que poderia ser encetado para que o mesmo se efetivasse. Vinca-se, aqui, que o tema do projeto seria «O desenvolvimento moral na adolescência». Para tal, e, como ponto de partida, lançar-se-ia o desafio de os alunos ponderarem sobre como as questões morais poderão ser promovidas e debatidas na adolescência.

Poderia, igualmente, ser dada informação aos alunos de que, no decorrer das várias aulas, seria efetuado um registo fotográfico e em suporte de vídeo, bem como um registo manual, em flores que, ao longo de todas as intervenções, poderiam ser colocadas na mesma «Árvore da Vida», utilizada em contexto de PES. Seria, igualmente, explicado aos alunos que assim como as flores embelezam uma árvore e preenchem-na com vida, também as influências sociais, nomeadamente a nossa família e os nossos amigos que os levam a desenvolver-se moralmente embelezam a vida dos adolescentes, preenchendo-a positivamente.

¹⁴¹ Para a realização da atividade, os alunos necessitam aceder ao site www.menti.com e colocar o código atribuído pela docente. Posteriormente, deverão escrever uma palavra que, para eles, se relaciona com a adolescência. As ideias surgirão projetadas na sala de aula, em espírito de partilha mútua.

Quadro n.º 10 – Grelha de planificação da aula 2 da proposta didática

7.º ano Unidade Letiva 3: «Riqueza e sentido dos afetos» Aula 2/7 Lição n.º 21							
Aprendizagens essenciais	- Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa; - Assumir atitudes responsáveis na procura da felicidade pessoal e dos outros.						
Sumário	- «Jogo do Barómetro».						
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS		AVALIAÇÃO FORMATIVA	
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	4. Descobrir os fatores desenvolvimentais da adolescência.	O contributo da família e dos amigos para o desenvolvimento moral na adolescência.	Acolhimento e Sumário.	Quadro e giz.	10'	- Assiduidade - Pontualidade	Comportamento
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	6. Identificar as preocupações que sentem os adolescentes.		Exploração de um <i>PowerPoint</i> alusivo à relação do adolescente com os pais e com os amigos.	Fantoches, computador, projetor, «Diário de um Adolescente».	5'	- Empenho	
	7. Valorizar algumas formas de resolução de problemas no seu processo de crescimento.		Realização do «Jogo do Barómetro» ¹⁴²	Jogo do Barómetro.	20'	- Empenho	
			Elaboração da síntese da aula.	Quadro, giz, flores em cartolina, caneta, rafia «Árvore da Vida».	10'	- Empenho	

Síntese da aula: Os adolescentes, por vezes, mantêm relações difíceis com os pais e com os amigos. As relações difíceis com os pais e com os amigos fazem os adolescentes ponderar sobre as suas atitudes e reconhecer o que é, moralmente, indicado.

¹⁴² Anexo n.º 8.








3.2.2. Operacionalização da proposta respeitante à aula 2

O projeto poderia começar a ser executado na segunda intervenção. Esta primeira parte do projeto poderia ser realizada, somente, com o docente e os alunos da turma, em contexto de sala de aula. Neste sentido, para a planificação da proposta de reformulação da segunda intervenção introduzi um novo objetivo, adaptando um, previamente, existente, ficando o referido da seguinte forma *O contributo da família e dos amigos para o desenvolvimento moral na adolescência*. Esta opção recaiu sobre o fato de, no estudo efetuado aquando da elaboração do presente trabalho, terem sido encontradas referências a estas questões no que tange às relações que são estabelecidas entre os adolescentes e as suas influências sociais.

Corroboro, também, que, dando cumprimento ao quinto ponto, do MEM, para a realização de um trabalho de aprendizagem curricular por projetos cooperativos urge a necessidade de se proceder à efetivação do plano, previamente, planificado. Para tal, poder-se-ia começar a aula a explorar a mesma apresentação *PowerPoint* concernente à relação dos adolescentes com os pais e amigos. A referida apresentação *PowerPoint* poderia ser igual ao apresentado na planificação da terceira aula desta unidade letiva e constante no portefólio de avaliação, anteriormente, elaborado. Seguidamente, explicar-se-ia à turma que se efetuará o «Jogo do Barómetro». Para tal, numa fase inicial, todos os alunos ficariam na parte traseira da sala de aula. Posteriormente, ler-se-iam determinadas frases concernentes à relação estabelecida entre os adolescentes e os pais e os adolescentes e os amigos para que os adolescentes reconhecessem de que forma estas influências poderiam contribuir, positivamente, para o assumir de comportamentos corretos no que à sexualidade e a comportamentos desviantes diz respeito. Caso os alunos concordassem, permaneceriam na parte traseira da sala de aula e, caso contrário, teriam de se deslocar para a parte dianteira, ou seja, para junto do quadro da sala de aula. Todos seriam convidados a justificar as suas escolhas, podendo, eventualmente, trocar de posição se, entretanto, fossem convencidos pela argumentação dos colegas. Seria, aqui, importante aferir como é que se desenrola a relação dos adolescentes com os pais e amigos e de que forma as questões ético-morais são tidas em consideração nesta fase da vida.

No final da aula, poder-se-iam debater, oralmente e em grande grupo, as conclusões que desta atividade foram retiradas e um aluno ficaria encarregue de registá-las em flores que, posteriormente, poderiam ser colocadas na «Árvore da Vida».

Quadro n.º 11 – Grelha de planificação da aula 3 da proposta didática

7.º ano Unidade Letiva 3: «Riqueza e sentido dos afetos» Aula 3/7 Lição n.º 22							
Aprendizagens essenciais		- Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa; - Assumir atitudes responsáveis na procura da felicidade pessoal e dos outros.					
Sumário		- Atividade «A Panela de Pressão».					
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS		AVALIAÇÃO FORMATIVA	
							
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p>	4. Descobrir os fatores desenvolvimentais da adolescência.	O contributo da família e dos amigos para o desenvolvimento moral na adolescência.	Acolhimento e Sumário.	Quadro e giz.	10'	- Assiduidade - Pontualidade	Comportamento
	6. Identificar as preocupações que sentem os adolescentes.		Realização da atividade «Panela de Pressão».	Atividade «Panela de Pressão»	25'	- Empenho	
	7. Valorizar algumas formas de resolução de problemas no seu processo de crescimento.					- Empenho	
	9. Reconhecer a autonomia e consciência moral, como aspetos integrantes do adolescente.		Elaboração da síntese da aula.	Quadro, giz, flores em cartolina, caneta, rafia, «Árvore da Vida».	10'	- Empenho	

Síntese da aula: A família será sempre uma boa influência moral na vida dos adolescentes. Os amigos poderão, ou não, ser boas influências morais na vida dos adolescentes.

3.2.3. Operacionalização da proposta tangente à aula 3

Salienta-se que a proposta concernente a esta terceira intervenção seria, igualmente, desenvolvida em contexto de sala de aula, somente com o docente e com os alunos e que para a sua consecução seria fundamental que, numa primeira instância, se procedesse à realização de um ponto de situação das tarefas que estavam a ser promovidas. Seguidamente e, ainda em cumprimento do quinto ponto do MEM para a realização de um trabalho de aprendizagem curricular por projetos cooperativos, nesta terceira intervenção, a turma poder-se-ia dividir em grupos de 4 elementos. Um dos elementos de cada grupo devia resistir à pressão dos restantes elementos do seu grupo para cometer atos ilícitos ou perigosos. Aos restantes elementos, caberia a responsabilidade de tentar aliciar o colega a cometer os respetivos atos, utilizando os mais diversos argumentos. Os temas em discussão poderiam ser acordados, previamente, com todos e, enquanto um grupo atuaria, os restantes escutariam com atenção. Exemplos: «Vamos faltar à aula para ir a casa do/a... jogar *playstation*»; «Vamos lá atrás fumar uma coisa que o/a ... trouxe»; «vamos sacar o telemóvel àquele puto». Para tal, adicionei o objetivo 9. *Reconhecer a autonomia e consciência moral, como aspetos integrantes do adolescente*, na medida em que, aqui, se pretendia averiguar de que forma os adolescentes conseguem colocar, na relação com os amigos, os ensinamentos morais, transpostos pelos pais, em prática.

No final da aula, poder-se-iam debater, oralmente e em grande grupo, as conclusões que desta atividade foram retiradas e um aluno ficaria encarregue de registá-las em flores que, posteriormente, poderiam ser colocadas na «Árvore da Vida».

7.º ano Unidade Letiva 3: «Riqueza e sentido dos afetos» Aula 4/7 Lição n.º 23							
Aprendizagens essenciais		- Relacionar as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade pessoal, no Ser e no agir.					
Sumário		- O agir moral na adolescência.					
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS		AVALIAÇÃO FORMATIVA	
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. G. Identificar os valores evangélicos.	9. Reconhecer a autonomia e consciência moral, como aspetos integrantes do adolescente.	Experimentar novas formas de resolver problemas ético-morais na adolescência; Consciência, heteronímia e autonomia moral; O amor e a sexualidade numa perspetiva ético-moral.	Acolhimento e Sumário.	Quadro e giz.	5'	- Assiduidade - Pontualidade	Comportamento
			Análise de dilemas ético-morais.	Dilemas ético-morais.	10'	- Empenho - Empenho	
			Exploração de dilemas ético-morais.	Dilemas ético-morais.	15'	- Empenho	
			Elaboração da síntese da aula.	Quadro, giz, flores em cartolina, caneta, rafia, «Árvore da Vida».	10'	- Empenho	








Síntese da aula: Agir de forma correta é corresponder à mensagem de Deus, uma mensagem de amor.

3.2.4. Operacionalização da proposta respeitante à aula 4

Ainda em cumprimento do quinto ponto do MEM para a realização de um trabalho de aprendizagem curricular por projetos cooperativos, salienta-se que a concretização desta quarta intervenção podia efetivar-se, igualmente, em contexto de sala de aula, com o docente e os alunos. Registe-se, igualmente, que é sugerida a apresentação de dois novos conteúdos, a saber: *Experimentar novas formas de resolver problemas ético-morais na adolescência; Consciência, heteronímia e autonomia moral e O amor e a sexualidade numa perspetiva ético-moral* por considerar que vão ao encontro do estudo que foi feito ao longo deste trabalho e que se aplicam, integralmente, aos conteúdos a ser abordados aquando desta intervenção.

Seguidamente, os alunos podiam ser divididos em grupos de quatro elementos, aos quais podiam ser atribuídos dilemas-éticos morais, a fim de serem analisados e, conseqüentemente, debatidos por estes. Estes dilemas, assim como as estratégias utilizadas para a concretização desta intervenção, poderiam ser iguais que foram entregues, explorados e debatidos na quinta intervenção da PES, concernente à UL «Riqueza e Sentido dos Afetos». No final da aula, poder-se-iam debater, oralmente e em grande grupo, as conclusões que desta atividade foram retiradas e um aluno ficaria encarregue de registá-las em flores que, posteriormente, poderiam ser colocadas na «Árvore da Vida».

Quadro n.º 13 – Grelha de planificação da aula 5 da proposta didática

7.º ano Unidade Letiva 3: «Riqueza e sentido dos afetos» Aula 5/7 Lição n.º 24							
Aprendizagens essenciais		- Valorizar a mensagem cristã para a vivência do amor humano.					
Sumário		- Análise e exploração do «Cântico do Amor». - Construção do mural «Demonstrei amor pelo próximo quando...».					
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS		AVALIAÇÃO FORMATIVA	
							
G. Identificar os valores evangélicos.	8. Conhecer a mensagem cristã sobre a felicidade e a realização pessoal.	1 Cor 13,1-13: Hino ao amor. - Crescer e ser adulto é fazer escolhas na perspectiva do amor.	Acolhimento e Sumário.	Quadro e giz.	5'	- Assiduidade - Pontualidade	Comportamento
			Apresentação e análise do «Cântico do Amor».	Computador, projetor, fotocópias do «Cântico do Amor»	20'	- Empenho	
			Pintura do mural «Demonstrei amor pelo próximo quando...».	Pincéis, tintas.	45'	- Empenho	
			Elaboração da síntese da aula.	Quadro, giz, flores em cartolina, caneta, rafia, «Árvore da Vida».	10'	- Empenho	

Síntese da aula: Viver de e pelo amor é corresponder ao projeto de Deus.

3.2.5. Operacionalização da proposta respeitante à aula 5

Para a concretização desta intervenção, e ainda em cumprimento do quinto ponto do MEM para a realização de um trabalho de aprendizagem curricular por projetos cooperativos, poder-se-iam manter as metas, objetivos e conteúdos apresentados, aquando da abordagem da mesma, em contexto da PES. No entanto, poder-se-ia usufruir de mais 45 minutos de aula, gentilmente, cedidos por outro colega. Numa primeira instância, poder-se-ia apresentar e explorar o «Cântico do Amor», enquanto, na segunda parte da aula, os alunos poder-se-iam dirigir ao exterior da sala de aula e evidenciar, mediante a construção de um mural, exemplos pessoais em que já tenham demonstrado amor pelo próximo. Por exemplo, no mural poderia constar um título «Demonstrei amor pelo próximo quando...», frase esta que tinha de ser completada pelos alunos, enaltecendo um claro desenvolvimento de valores morais, à luz da mensagem cristã e do preconizado em documentos ecuménicos, tal como exposto no subponto 2.2.3 deste trabalho.

No final da aula, poder-se-iam debater, oralmente e em grande grupo, as conclusões que desta atividade foram retiradas e um aluno ficaria encarregue de registá-las em flores que, posteriormente, poderiam ser colocadas na «Árvore da Vida».

Quadro n.º 14 – Grelha de planificação da aula 6 da proposta didática

7.º ano Unidade Letiva 3: «Riqueza e sentido dos afetos» Aula 6/7 Lição n.º 25						
Aprendizagens essenciais	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência; - Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal; - Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa; - Assumir atitudes responsáveis na procura da felicidade pessoal e dos outros; - Relacionar as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade pessoal, no Ser e no agir; - Valorizar a mensagem cristã para a vivência do amor humano. 					
Sumário	- Apresentação do trabalho de projeto.					
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS		AVALIAÇÃO FORMATIVA
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos.</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p> <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Compreender que a pessoa humana cresce e se desenvolve. 2. Identificar a etapa da adolescência como relevante na formação da personalidade e no desenvolvimento da vocação pessoal. 3. Conhecer as várias dimensões da personalidade humana. 4. Descobrir os fatores desenvolvimentais 6. Identificar as preocupações que sentem os adolescentes. 7. Valorizar algumas formas de resolução de problemas no seu processo de crescimento. 8. Conhecer a mensagem cristã sobre a felicidade e a realização pessoal. 9. Reconhecer as questões morais como parte integrante do adolescente. 10. Ter consciência e autonomia moral. 11. Ser capaz de responder, assertivamente, aos reptos morais. 	<p>O ciclo de vida: da infância à terceira idade; A adolescência é a idade em que nós estamos. ·Na adolescência fazem-se escolhas relevantes para o resto da nossa vida: estudos, trabalho, estado de vida. O crescimento e as mudanças na personalidade: o desenvolvimento da pessoa e a adolescência. Experimentar novas formas de resolver problemas ético-morais: consciência e autonomia moral. O contributo da família e dos amigos para o desenvolvimento moral; Experimentar novas formas de resolver problemas ético-morais na adolescência; Consciência, hereronímia e autonomia moral; O amor e a sexualidade numa perspetiva ético-moral. Hino ao amor - Crescer e ser adulto é fazer escolhas na perspetiva do amor.</p>	Acolhimento e Sumário.	Quadro e giz.	10'	- Assiduidade - Pontualidade
			Apresentação do trabalho de projeto.	Computador, projetor, «Árvore da Vida».	50'	- Empenho
			O agir moral em fitas de cetim.	Fitas de cetim e canetas.	25'	- Empenho
			Elaboração da síntese da aula.	Quadro, giz, flores em cartolina, caneta, rãfia, «Árvore da Vida».	5'	- Empenho
						Comportamento

Síntese da aula: Apresentar o trabalho de projeto permite refletir sobre as aprendizagens adquiridas.

3.2.6. Operacionalização da proposta respeitante à aula 6

Enaltece-se que para a abordagem da sexta intervenção desta unidade e, em cumprimento do sexto ponto do MEM, para a realização de um trabalho de aprendizagem curricular por projetos cooperativos, seria fundamental proceder-se à apresentação de todo o processo, anteriormente, desenvolvido.

Constata-se, assim, que nesta intervenção poder-se-ia juntar todas turmas do sétimo ano, no auditório da escola. Deste modo, seria importante que os docentes de outras disciplinas dispensassem 90 minutos das suas aulas para que desse tempo de apresentar todo o trabalho com qualidade.

Para tal, a turma já estaria, previamente, preparada para que, dividida em cinco grupos de quatro elementos, pudesse proceder à apresentação do projeto e de todas as conclusões que, do mesmo, foram retiradas.

Desta feita, o grupo 1 poderia apresentar os objetivos do projeto e de que forma o mesmo se desenrolou. Para tal, poderia recorrer a um formato de apresentação à escolha, dirigindo-se à audiência, a fim de saber a opinião da mesma em relação à temática em questão, podendo, da mesma forma, recorrer à aplicação *mentimeter* para este fim. Após analisada e debatida, em grande grupo, a opinião da audiência sobre o que é a adolescência e como o desenvolvimento moral decorre na mesma, poder-se-iam seguir as apresentações das quatro intervenções a que a este projeto disseram respeito.

Posteriormente, o grupo 2 poderia ficar encarregue de apresentar, num formato à escolha, as filmagens e fotografias respeitantes à atividade realizada, aquando da segunda intervenção, assim como todas as conclusões que foram expostas na «Árvore da Vida». Aqui, este grupo teria, igualmente, a incumbência de explicar à audiência qual o significado das flores, da árvore e do fato de as conclusões, retiradas das demais atividades, estarem expostas na mesma. Posteriormente, dar-se-ia à audiência oportunidade para esta apresentar as suas opiniões e fazer sugestões de melhoria. Pretender-se-ia, neste momento, que se fizesse um ponto de ligação com as considerações que, posteriormente, seriam apresentadas, de modo que a audiência compreendesse de que forma a família e os amigos poderão influenciar, de um modo positivo, o desenvolvimento moral na adolescência.

Desta forma, o grupo 3 poderia, seguidamente, ficar encarregue de apresentar, num formato à escolha, as filmagens e fotografias respeitantes à atividade realizada, aquando da terceira intervenção, assim como todas as conclusões que foram expostas na «Árvore da Vida». Posteriormente, dar-se-ia à audiência oportunidade para esta apresentar as suas opiniões e fazer sugestões de melhoria. Pretender-se-ia, neste momento, que se fizesse um ponto de ligação com

as considerações que, posteriormente, seriam apresentadas, de modo que a audiência compreendesse que, além da família e dos amigos, existem outros fatores que poderão influenciar, de um modo positivo, o desenvolvimento moral na adolescência.

Numa fase seguinte, o grupo 4 poderia ficar encarregue de apresentar, num formato à escolha, as filmagens e fotografias respeitantes à atividade realizada, aquando da quarta intervenção, assim como todas as conclusões que foram expostas na «Árvore da Vida». Posteriormente, dar-se-ia à audiência oportunidade para esta apresentar as suas opiniões e fazer sugestões de melhoria.

Finalmente, o grupo 5 poderia ficar encarregue de apresentar, num formato à escolha, as filmagens e fotografias respeitantes à atividade realizada, aquando da quinta intervenção, assim como todas as conclusões que foram expostas na «Árvore da Vida». Posteriormente, dar-se-ia à audiência oportunidade para esta apresentar as suas opiniões e fazer sugestões de melhoria.

Finalmente, o/a docente poderia lançar, à audiência e à turma, o desafio de mencionar, de acordo com tudo o que foi apresentado, em fitas de cetim, o que é, para eles, um agir, moralmente, correto. Posteriormente, dar-se-ia a oportunidade de irem amarrar as referidas fitas nas grades dianteiras da escola.

Realça-se que, no final, a síntese desta aula poderia ser efetuada, oralmente, por qualquer um dos intervenientes da audiência e, posteriormente, colocada na «Árvore da Vida».

Quadro n.º 15 – Grelha de planificação da aula 7 da proposta didática

7.º ano Unidade Letiva 3: «Riqueza e sentido dos afetos» Aula 7/7 Lição n.º 26						
Aprendizagens essenciais	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar os aspetos essenciais que caracterizam a Adolescência; - Discutir a relevância da adolescência na formação da personalidade e no desenvolvimento pessoal; - Valorizar a família, os outros e a sociedade na construção da personalidade da pessoa; - Assumir atitudes responsáveis na procura da felicidade pessoal e dos outros; - Relacionar as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade pessoal, no Ser e no agir; - Valorizar a mensagem cristã para a vivência do amor humano. 					
Sumário	- Avaliação do trabalho de projeto.					
METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS		AVALIAÇÃO FORMATIVA
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>G. Identificar os valores evangélicos.</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p> <p>Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.</p>	<p>1. Compreender que a pessoa humana cresce e se desenvolve.</p> <p>2. Identificar a etapa da adolescência como relevante na formação da personalidade e no desenvolvimento da vocação pessoal.</p> <p>3. Conhecer as várias dimensões da personalidade humana.</p> <p>4. Descobrir os fatores desenvolvimentais</p> <p>6. Identificar as preocupações que sentem os adolescentes.</p> <p>7. Valorizar algumas formas de resolução de problemas no seu processo de crescimento.</p> <p>8. Conhecer a mensagem cristã sobre a felicidade e a realização pessoal.</p> <p>9. Reconhecer as questões morais como parte integrante do adolescente.</p> <p>10. Ter consciência e autonomia moral.</p> <p>11. Ser capaz de responder, assertivamente, aos reptos morais.</p>	<p>O ciclo de vida: da infância à terceira idade; A adolescência é a idade em que nós estamos. ·Na adolescência fazem-se escolhas relevantes para o resto da nossa vida: estudos, trabalho, estado de vida. O crescimento e as mudanças na personalidade: o desenvolvimento da pessoa e a adolescência. Experimentar novas formas de resolver problemas ético-morais: consciência e autonomia moral. O contributo da família e dos amigos para o desenvolvimento moral; Experimentar novas formas de resolver problemas ético-morais na adolescência; Consciência, hereronímia e autonomia moral; O amor e a sexualidade numa perspetiva ético-moral. Hino ao amor - Crescer e ser adulto é fazer escolhas na perspetiva do amor.</p>	Acolhimento e Sumário.	Quadro e giz.	10'	- Assiduidade - Pontualidade
			Avaliação do trabalho de projeto.	Grelhas de autoavaliação.	30'	- Empenho
			Elaboração da síntese da aula.	Quadro, giz, flores em cartolina, caneta, rafia, «Árvore da Vida».	5'	- Empenho
						Comportamento

Síntese da aula: Avaliar o trabalho de projeto permite refletir sobre as aprendizagens adquiridas.

3.2.7. Operacionalização da proposta respeitante à aula 7

Com o intuito de dar cumprimento ao sétimo ponto do MEM, para a realização de um trabalho de aprendizagem curricular por projetos cooperativos, dever-se-ia proceder à avaliação de todo o trabalho, anteriormente, desenvolvido. Para tal, poder-se-ia, ao invés de se recorrer à tradicional ficha de autoavaliação, aplicar uma grelha de autoavaliação, referente à trajetória desenvolvida com o trabalho por projeto. A referida grelha poderia contemplar questões concernentes à postura e desempenho dos alunos ao longo das aulas, bem como ao desenvolvimento do próprio projeto. Para tal, deveriam assinalar a opção que, no seu entender, seria a mais adequada. O exemplo que abaixo se apresenta vem, pois, corroborar estas questões.

Quadro n.º 16 – Exemplo de grelha de autoavaliação do trabalho por projeto exposto na proposta didática

Fui assíduo/a	Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Fui pontual	Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Colaborei com os meus colegas	Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Partilhei ideias	Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Participei oportunamente e sempre que solicitado/a	Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Respeitei as opiniões dos outros	Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Respeitei as regras de sala de aula	Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
Trouxe o material necessário à aula	Nunca	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
A apresentação do projeto foi...	Interessante	Pouco interessante	Bem explorado	Pouco explorado
Ao apresentar os resultados do projeto fui...	Expressivo/a	Pouco expressivo/a	Organizado/a	Desorganizado/a
A minha apresentação dos resultados do projeto foi...	Original	Pouco original	Bem preparada	Pouco preparada
O projeto foi...	Interessante	Pouco interessante	Bem explorado	Pouco explorado

3.3. Reflexão sobre a implementação da proposta didática

A proposta didática, anteriormente apresentada, pressupõe que, num primeiro momento, os adolescentes experienciem vivências concretas com os pais e amigos e, posteriormente, ponderem sobre as mesmas, aquando da realização das atividades propostas. Estas questões vêm destacar que as regras morais se constroem, inicialmente, com a prática e, numa fase posterior, é que se interiorizam, corroborando, ainda, que «o pensamento, de facto, está sempre atrasado em relação à ação e a cooperação deve ser praticada muito tempo antes que as suas consequências possam ser plenamente manifestadas pela reflexão».¹⁴³

Realça-se, igualmente, que a proposta didática se baseia no princípio pedagógico do construtivismo, através do qual «a aprendizagem é vista como um processo autorregulado de resolver conflitos cognitivos que frequentemente se tornam aparentes através da experiência concreta, do discurso colaborativo e da reflexão»¹⁴⁴. Este princípio tem subjacentes cinco ações essenciais, nomeadamente a proposta de problemas significativos para os alunos; a estruturação da aprendizagem em torno de conceitos primários; a procura e valorização do ponto de vista do aluno; a adaptação do currículo para atingir as suposições dos estudantes e, por último, a avaliação da aprendizagem do aluno no contexto de ensino.¹⁴⁵

Nesta linha de pensamento, optei por sugerir, na proposta didática, o recurso ao MEM, uma vez que através do mesmo seria possível realizar um tipo de trabalho que podia ser cativante para os alunos, na medida em que estes em contato com colegas de outras turmas podiam refletir sobre problemas que lhes eram apresentados e que a eles diziam muito, pois adequavam-se ao seu quotidiano e às suas vivências sociais. Aqui, podiam ser valorizadas as opiniões de cada aluno, assim como diferentes formas de resolução de problemas. Esta proposta levaria a que os alunos conseguissem diferenciar o bem do mal, sendo, ao mesmo tempo, capazes de colmatar este último.

Destaco, em suma, que toda a proposta didática, apresentada no ponto anterior, vem ao encontro da ideia que nos indica que a disciplina de EMRC deve ter em conta a experiência humana dos alunos com os quais nos encontramos e que precisamos deixar-nos interpelar pela capacidade de «construir a partir do lado que são»¹⁴⁶, isto é, a partir da sua história, da sua realidade, do seu passado, do seu presente, para, com eles, construir um futuro de esperança. Com isto, a proposta didática exposta faz transparecer que o professor da disciplina se deixa

¹⁴³ Piaget, *O Juízo Moral na Criança*, 30.

¹⁴⁴ Jacqueline Brooks e Martin Brooks, *Construtivismo em Sala de Aula* (Porto Alegre: Artes Médicas, 1997), 9.

¹⁴⁵ Cf. Brooks e Brooks, 9.

¹⁴⁶ Jorge Mario Bergoglio, *Educar para Uma Esperança Ativa* (Lisboa: Paulinas Editora, 2015), 34.

envolver, acreditando «nos seus alunos, nas famílias do nosso bairro, na nossa gente»¹⁴⁷, conseguindo, desta forma, resgatar os valores e as realizações positivas e negativas da nossa comunidade. Aqui, urge a ideia de ser fundamental que o professor acredite não só na Palavra que transporta, assente num programa, mas que também seja capaz de propor novos modelos de vida e novas formas de atuação, no que às questões morais dizem respeito.

¹⁴⁷ Bergoglio, 34.

Conclusão

Finda a realização deste trabalho é, num primeiro momento, importante aferir que o mesmo me permitiu ressaltar o contributo da disciplina de EMRC para o desenvolvimento moral na adolescência.

Neste seguimento, é importante mencionar que o contexto da PES veio dar resposta à questão «de que forma poderá a disciplina de EMRC promover o desenvolvimento moral dos adolescentes?», mostrando, através das estratégias adotadas em contexto de PES e da UL «Riqueza e sentido dos afetos» em específico, que esta disciplina pode e deve ser um importante veículo de transmissão de valores morais, ao mesmo tempo que poderá promover e exemplificar interações sociais em vários contextos, de modo que os alunos se consigam colocar no lugar do outro, ajudando-o a encontrar soluções para os problemas morais com que se deparam, com recurso a uma metodologia ativa. Reconhece-se, também, que esta disciplina consegue orientar e guiar as tomadas de consciência social, de forma que os adolescentes desenvolvam atitudes de cidadania, para que, assim, possam exercer a sua responsabilidade.¹⁴⁸

Considero que, no geral, o programa de EMRC, do 3.º ciclo, está bem pensado, uma vez que, tal como foi exposto no ponto 3.1. deste trabalho, procura, aquando da abordagem das diversas UL, conduzir o aluno, enquanto adolescente, à reflexão sobre situações subjacentes à fase da vida em que se encontram e ao contexto social em que se inserem para que reconhecendo e tomando consciência das suas ações para com os outros e com o meio ambiente consigam tornar-se melhores cidadãos, ao nível moral. Caberá, portanto, ao docente de EMRC preparar as melhores estratégias, de forma que todas as questões, subjacentes ao desenvolvimento moral na adolescência, consigam ser evidentes e transversais, aquando da abordagem das UL do programa de EMRC do 3.º ciclo. Para tal, torna-se crucial apostar em dinâmicas de aula que se alicercem em debates e na promoção de projetos que levem os adolescentes a contatar, diretamente, com situações concretas para que, através das mesmas, mostrem que apreenderam e conseguem colocar em práticas diversos valores ético-morais. Neste sentido, a proposta didática escolhida tentou, para além de reformular alguns aspetos subjacentes à UL 3 «Riqueza e sentido dos afetos» ser apelativa e cativante para os alunos, numa perspetiva de trabalho de cooperativo e partilha de ideias. A metodologia de trabalho por projeto permitiria, assim, que os meus alunos do sétimo ano conseguissem, enquanto adolescentes, partilhar, verdadeira e

¹⁴⁸ Cf. Edgar Morin, *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro* (São Paulo: Cortez, 2000), 54.

sentidamente, experiências pessoais que fossem concernentes a questões morais e pudessem enriquecer-se e servir de exemplo a outros, consoante as lições que daí pudessem retirar.

Neste seguimento e respondendo à outra questão «que outros fatores influenciam o desenvolvimento moral dos adolescentes?», reconhece-se que estes são variados, salientando-se, assim, e, tal como foi demonstrado ao longo deste trabalho, que o desenvolvimento moral está presente em todas as fases do desenvolvimento do adolescente e que é promovido através de diversos contextos e dinâmicas de socialização, bem como de exemplos quotidianos, quer seja com a família, escola e amigos.

Observa-se, neste sentido, que, também, a experiência religiosa dos adolescentes terá impacto no seu desenvolvimento moral, uma vez que através de experiências individuais e/ou grupais e que os exemplos que foram apresentados neste contexto, tais como o exemplo da prática do *Shalom*, das JMJ, da experiência Taizé e de Carlo Acutis são bastante elucidativos e vêm enriquecer um contexto teórico, mostrando que é, efetivamente, possível que os adolescentes se desenvolvam moralmente, seguindo valores morais Cristãos.

A respeito destes valores morais Cristãos são vários os documentos ecuménicos que remetem para esta temática em específico. Neste contexto, salienta-se que a Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, bem como a Exortação Apostólica Pós Sinodal *Amoris Laetitia* vêm fornecer aos pais pistas sobre como orientar, moralmente, os seus filhos adolescentes, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* vem transmitir uma mensagem a todos os jovens para que, envoltos na esperança do amor de Cristo saibam agir, corretamente, do ponto de vista moral, assumindo uma atitude de fraternidade, a qual, através do transposto na Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, poderá e deverá ser promovida pelo adolescente e por todas as pessoas para que, conseqüentemente, à luz dos ideais emanados pela Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, se possa refletir sobre as questões que valorizem a dignidade do adolescente, enquanto pessoa e enquanto humano.

Afiro, em suma, que quer a realização da PES, quer a realização deste trabalho me dotaram de conhecimento prático e teórico respeitante à questão do desenvolvimento moral na adolescência, assim como me consciencializou, de uma melhor forma, para a mesma e para a forma como deverei, da forma mais correta, observá-la em contexto social e, conseqüentemente, abordá-la em contexto pedagógico.

Bibliografia

1. Documentos

- Concílio Ecuménico Vaticano II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. Braga: Editorial A.O. _____ . «Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a Educação Cristã». Acedido a 11 de janeiro de 2023. https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html.
- Direção Geral da Educação, Ministério da Educação. «Aprendizagens Essenciais de EMRC – 7.º ano». Acedido a 11 de janeiro de 2023. www.dge.mec.pt.
- Francisco. «Carta Encíclica *Fratelli Tutti*». Acedido a 02 de fevereiro de 2023. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html.
- _____. «Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*». Acedido a 26 de fevereiro de 2023. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html.
- _____. «Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*». Acedido a 02 de fevereiro de 2023. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html.
- João Paulo II. «Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*». Acedido a 28 de janeiro de 2023. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html.
- Assembleia da República. Resolução da Assembleia da República nº 74/2004 de 16-11-2004: «Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé». Acedido a 11 de janeiro de 2023. <https://dre.pt/dre/detalhe/resolucao-assembleia-republica/74-2004-551189>.
- Secretariado Nacional de Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2014.
- _____. *Queremos Descobrir!*. Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2022.
- _____. *Queremos Saber!*. Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2021.
- _____. *Quero Ser!*. Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2015.

2. Estudos e Ensaios

- Alarcão, Madalena. *(Des) Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto Editora, 2000.
- Ambrósio, Juan. *A planificação*. Texto não publicado, disponibilizado para uso dos alunos da UC de Currículo, Planificação e Avaliação. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2021.
- _____. *Avaliar em EMRC. Pistas para um Caminho*. Texto não publicado, disponibilizado para uso dos alunos da UC de Currículo, Planificação e Avaliação. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2018.
- Arends, Richard. *Aprender a Ensinar*. Madrid: McGraw-Hill, 2007.
- Bergoglio, Jorge Mario. *Educar para uma Esperança Ativa*. Lisboa: Paulinas Editora, 2015.

- Brooks, Jacqueline, Martin Brooks. *Construtivismo em Sala de Aula*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- Carvalho, Cristina. «A Experiência Religiosa dos Adolescentes». *Theologica* 45, n.º 2 (2010): 411-433. <https://doi.org/10.34632/theologica.2010.2051>.
- _____. *Curso Geral de Catequistas*. Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2004.
- _____. «Pressupostos Epistemológicos e Pedagógicos do Desenvolvimento Curricular em Educação Moral e Religiosa Católica». *Pastoral Catequética*, n.º 31 (2015): 29-61.
- Costa, Lourenço, Isabel Ferreira e Honório Dalbosco. *Dicionário de Teologia Moral*. São Paulo: Paulus, 1997.
- Coutinho, Vítor. «Consciência e Liberdade à Luz da Doutrina do Concílio Vaticano II». *Didaskalia* 42, n.º 2 (2012) :145-163. <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2012.2327>.
- Dayan, Sílvia. *Como Enfrentar a Indisciplina na Escola*. Contexto, 2008.
- Eisenstein, Evelyn. «Adolescência: Definições, Conceitos e Critérios». *Adolescência & Saúde* 2, n.º 2 (2005): 6-7.
<https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v2n2a02.pdf>.
- Ferreira, Manuela e Milice Santos. *Aprender a Ensinar, Ensinar a Aprender*. Porto: Edições Afrontamento, 1994.
- Ferreira, Manuela e Paula Nelas. «Adolescência... Adolescentes». *Millenium - Journal of Education, Technologies, and Health*, n.º 32 (2006): 141-162.
<http://hdl.handle.net/10400.19/409>.
- Ferreira, Teresa, Maria Aznar-Farias e Edwiges Silvares. «A Construção da Identidade em Adolescentes: Um Estudo Exploratório». *Estudos de Psicologia* 8, n.º 1 (2003): 107-15.
<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000100012>.
- Fowler, James. *Estágios da fé*. São Leopoldo-RS: Sinodal, 1992.
- Frazão, Carla, Cristina Magalhães, Elizabete Pereira e Louize Teles. «Doze Histórias de Vida de Consumidores de Drogas: Percurso Escolar». *Toxicodependências* 9, n.º 2 (2003): 31-44.
- González, Eugenio. «Educar en la Afectividad». Acedido a 11 de janeiro de 2023.
<http://www.surgam.org/articulos/504/12%20EDUCAR%20EN%20LA%20AFECTIVIDAD.pdf>.
- Katz, Lilian e Sylvia Chard. *A Abordagem de Projecto*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.
- Kohlberg, Lawrence. *Psicologia del Desarrollo Moral*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1992.
- Leandro, Ana Sofia e Leandro, Maria Engrácia. «Transmissão de Valores no Seio da Família. Persistências e mudanças». Acedido a 28 de janeiro de 2023. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia.
https://aps.pt/wpcontent/uploads/2017/08/DPR4628ca54ad664_1.pdf.
- Lipovetsky, Gilles. *Metamorfoses da Cultura Liberal*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- Lourenço, João. «Dimensão Profética da EMRC. A Escola, o Docente, o Educando. Sinais Proféticos da EMRC». *Pastoral Catequética*, n.º 31-32 (2015): 121-131.

- Morin, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.
- Nóvoa, António. *Formação de Professores e Trabalho Pedagógico*. Lisboa: Educa, 2002.
- Piaget, Jean. *O Juízo Moral na Criança*. São Paulo: Summus Editorial, 1994.
- Puig, Josep Maria. *Ética e Valores: Métodos para um Ensino Transversal*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988.
- Revez, Jorge. «A Comunidade de Taizé e o Concílio de Jovens. Uma primeira Abordagem ao Impacto da Experiência Taizé na Dinâmica Religiosa Portuguesa». *Lusitania Sacra*, 2ª série, n.º 16 (2004): 247-272. <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2004.7074>.
- Robalo, Fernanda. *Do Projecto Curricular de Escola ao Projecto Curricular de Turma*. Lisboa: Texto Editores, Lda, 2004.
- Schoen-Ferreira, Teresa, Maria Aznar-Farias e Edwiges Silveiras. «A Construção da Identidade em Adolescentes: um estudo exploratório». *Estudos de Psicologia*, (2003): 107-115. <https://www.scielo.br/j/epsic/a/X5DFZCZsb4pmlchTsQVpb/?format=pdf&lang>.
- Serpa, Susana. *Compreender a Avaliação. Fundamentos para Práticas Educativas*. Lisboa: Edições Colibri, 2010.
- Tardeli, Denise. «A Manifestação da Solidariedade em Adolescentes: Um Estudo sobre a Personalidade Moral». *Psicologia: Ciência e Profissão* 28, n.º 2 (2008): 289-302. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000200006>.
- Teixeira, Alfredo. «A Adolescência e a Juventude como Culturas. Os Quadros Sociais da Experiência Crente». *Theologica* 47, n.º 1 (2012): 99-113. <https://doi.org/10.34632/theologica.2012.2224>.
- Vidal, Marciano. *Moral do Amor e da Sexualidade*. São Paulo: Paulinas, 1978.
- Vilaça, Isabel e Vítor Carmona. «Os Contextos Pedagógicos e Educativos da Educação Moral e Religiosa Católica». *Pastoral Catequética*, n.º 5 (2006): 89-96.
- Vlohet, Johan. «Religião, Espiritualidade e Educação». *Communio. Revista Internacional Católica* 23, n.º 4 (2006): 411-421.

3. Webgrafia

- JMJ. «O que é?». Acedido a 02 de fevereiro de 2023. <https://www.lisboa2023.org/pt>.
- MEM. Movimento da Escola Moderna. «Movimento da Escola Moderna. Trabalho de aprendizagem curricular por projectos cooperativos». Acedido a 04 de fevereiro de 2023. <https://www.escolamoderna.pt/modelo-pedagogico/>.
- Pastoral Juvenil Açores. «Shalom». Acedido a 02 de fevereiro de 2023. <https://pastoraljuvenilacores.webnode.pt/shalom/>.
- Site Oficial da Associação Carlo Acutis e a Causa da Canonização do Bem-Aventurado Carlo Acutis. «Depliant Santuario Beato Carlo Acutis». Acedido a 02 de fevereiro de 2023. <http://www.carloacutis.com/pt/association>.

Anexos

Anexo n.º 1 – Apresentação PowerPoint alusivo à temática do relatório

Lição n.º 24

21/03/2022

Sumário: O agir moral e a questão religiosa na adolescência.

Sabes, Miguel, após termos explorado o «Cântico do Amor» constatei que, muitas vezes e ao longo da nossa vida, somos confrontados com situações que nos colocam a pensar se, eventualmente, estamos a fazer o certo ou o errado.

Realmente é verdade, Maria...



Por exemplo, o outro dia fui confrontada com um dilema, o qual me colocou a pensar bastante.

E que dilema foi esse?

O dilema foi o seguinte:

Dilema de Heinz

Uma mulher está a morrer. Mas pode ser salva por um medicamento que um farmacêutico da sua cidade desenvolveu. O farmacêutico pede uma fortuna pelo remédio. Heinz, marido da doente terminal, procura todas as pessoas que conhece e pede-lhes dinheiro emprestado, conseguindo apenas metade da quantia necessária. Explica ao farmacêutico que a sua mulher está a morrer e pede-lhe que venda o curativo mais barato ou que o deixe completar o pagamento posteriormente. Mas o farmacêutico diz que não, porque aquele medicamento é o trabalho de toda a sua vida e não pode vendê-lo ao desbarato. Heinz fica desesperado. O que é que Heinz deve fazer?

Lawrence Kohlberg (1927-1987)

Com tudo isto, cada vez mais tenho a certeza que, realmente, faz sentido ser religioso, pois devemos promover uma vivência pelo amor, fazendo e escolhendo sempre o bem. Até registei no meu diário um pensamento de uma figura importante, o qual veio sublinhar tudo o que penso.

Agora fiquei curioso, deixa-me ler!

Vês por que razão te disse que o mesmo me meteu a pensar bastante?

Realmente, vamos questionar a algum aluno do 7.º A para ver a sua opinião.

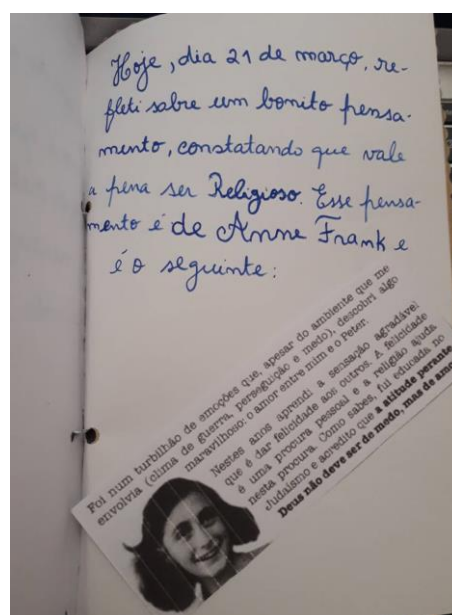
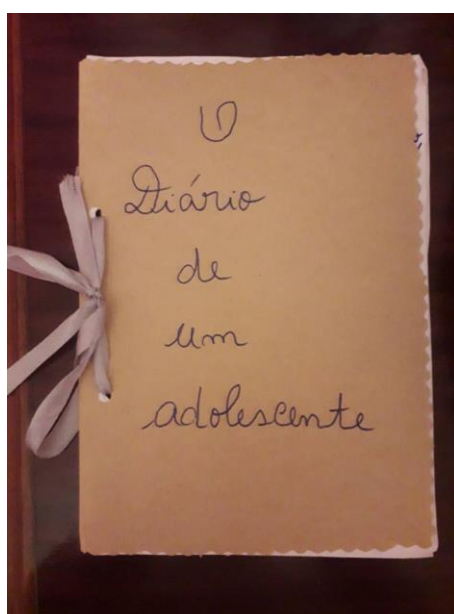
Que achas de agora lançarmos dilemas ao 7.º A para ver se os alunos os resolvem da melhor forma?

Vamos a isso! Estou bastante curioso! 😊

Anexo n.º 2 – Fantoches



Anexo n.º 3 – O «Diário de um adolescente»



Anexo n.º 4 – Dilemas ético-morais

A Maria está insatisfeita com o seu corpo. Surgem-lhe duas opções para se sentir melhor. Passar fome durante uns dias e emagrecer ou tomar medicamentos de emagrecimento que lhe podem causar diabetes. Que conselho lhe darias?
Na tua turma entram dois colegas novos. Um é cego e o outro deficiente motor. Ambos precisam da tua ajuda, para a aula de Educação Física mas, naquele momento, só podes ajudar um. Qual ajudarias e por que razão?
Estás na aula de Educação Física e és tu quem deverás escolher os elementos da tua equipa para o jogo de futebol. Sobram dois elementos para escolher. O teu melhor amigo e o melhor aluno da turma nesta modalidade, mas com quem não te dás tão bem. Quem escolherias e por que razão?
O teu irmão namora. Não gostas da namorada dele, mas sabes que ele a traiu. Desconfiada, ela coloca-te essa questão. O que fazes? Contas-lhe ou escondes-lhe a traição?
Precisas realizar um trabalho de Português, mas terás de formar par com um colega que já traiu a tua amizade por diversas vezes. Caso recuses formar par com o mesmo, és penalizado/a na tua avaliação, no que toca ao domínio das atitudes. O que farias nesta situação?
És bastante amigo/a dos teus amigos e bastante verdadeira com os mesmos. Um grande amigo teu humilhou um colega pelo instagram. Criou um perfil falso e fez-se passar por outra pessoa. O colega humilhado é, também, teu amigo e questiona-te sobre esta situação. O que respondes?
O João e a Francisca trocam mensagens e está a surgir algo mais entre eles. O João é o teu ex-namorado e foi desonesto contigo. Atualmente, está mudado e a Francisca pede-te um conselho em relação a isso. O que lhe respondes?
A Matilde descuidou-se e engravidou na adolescência. Não tem condições económicas para ter a criança e, com isto, pondera abortar. Por outro lado, manifesta que quer muito ser mãe, pois tem muito amor para dar. Que conselho lhe darias?
Uma amiga tua decide converter-se ao Judaísmo e confia em ti, pedindo que não contes a ninguém. No entanto, a tua catequese é só para Cristãos e ela continua lá. O que farias nesta situação?



Anexo n.º 5 – A «Árvore da Vida»



Anexo n.º 6 - Testemunho pessoal da experiência *Shalom*

Nos dias 22, 23, e 24 de novembro de 2013 participei no retiro espiritual, *Shalom*. O mesmo realizou-se no Santuário de Nossa Senhora da Esperança, sito na cidade de Ponta Delgada, na ilha de São Miguel, nos Açores.

Foram três dias de intensa vivência interior, grupal e, acima de tudo, espiritual em que, através de momentos de introspeção, desabafo, oração e sociabilidade (re)descobri, numa altura em que, por motivos diversos, andava mais afastada da Espiritualidade do foro Cristão, no meu íntimo e nos outros, um Cristo que se revela, propiciando-nos, assim, momentos de encontro com ele.

Recordo-me, saudosamente, da surpresa que nos fizeram, enquanto tomávamos o pequeno almoço na manhã de sábado, quando, um grupo de responsáveis, entrou pelo refeitório a entoar a canção

«*Shalom, Shalom é paz*
Que a todos faz viver o amor, *Shalom, Shalom é isto,*
Viver em Cristo, mundo melhor. *Shalom, Shalom é vida,*
Que nos convida a viver *Shalom, Shalom, viver Shalom,*
Shalom, Shalom, Shalom.»

Este cântico fez-me reconhecer que viver em espírito de paz e amor com os demais é corresponder ao projeto que Deus tem para nós. Neste sentido, através dos momentos de introspeção que, neste *Shalom*, foram vividos, em pequeno e grande grupo, consegui constatar que as atitudes que assumia para com os outros, nem sempre, eram as mais corretas e que devia melhorá-las, numa dinâmica de desenvolvimento moral, uma vez que que, só assim, conseguiria «Viver em Cristo, mundo melhor».

Todos os membros integrantes deste *Shalom* saíram de lá adolescentes sensibilizados e, conseqüentemente, conscientes da sua missão na sociedade. Atendendo a que, tal como refere um autor desconhecido, Deus «não escolhe os capacitados, capacita os escolhidos» fomos os eleitos a testemunhar, nesta dinâmica de grupo, o que nos enfraquecia, do ponto de vista moral e, posteriormente, exemplificar à sociedade atitudes que espelhem o bem para que se pudesse levar, a todos os outros adolescentes, exemplos de uma correta conduta moral.

Recordo, igualmente com carinho, a canção que nos acordou no último dia, domingo, dia do Senhor, intitulada «Firmes en la Fé» e, também, entoada nas JMJ, de Madrid, em 2011.

Em suma, posso mencionar que este retiro foi um reavivar da minha fé, pois correspondi à proposta e ao desafio que me foram dados neste sentido e, a partir daqui, passei a reconhecer e a encontrar-me com Cristo nas mais pequenas coisas, valorizando os seus ensinamentos e aplicando-os aquando da minha relação com os outros.

Registo fotográfico



Ilustração n.º 2 – Grupo que participou no Shalom com os respetivos coordenadores

Anexo n.º 7 - Testemunho pessoal, de Daniela Ferreira, nas Jornadas Mundiais da Juventude

«As minhas duas Jornadas Mundiais da Juventude foram em Madrid, em 2011, e na Polónia, em 2016. Foram vivências que marcaram a minha vida e fizeram-me numa pessoa renovada. Para além do encontro de sete dias com um Cristo que se quer revelar numa comunidade crente, as Jornadas Mundiais da Juventude são uma resposta à comunhão e união entre países, pois partilhamos o mesmo amor por Jesus Cristo. Através desta unidade comunguei, partilhei, fiz novas amizades e trouxe na minha bagagem interior as ferramentas necessárias para arregaçar as mangas e partir na missão que Deus me confiou. Tanto o Papa Bento XVI, como o Papa Francisco disseram que “o mundo precisa da irreverência da juventude para se construir comunidades de jovens crentes”. Trata-se, assim, de uma resposta a um “sim” que nos deixa envolver pelo amor pleno de Deus e de Cristo na nossa vida e de uma preparação para quando chegarmos às nossas comunidades sabermos corresponder ao chamado e apelo de outras pessoas.

As Jornadas são, assim, uma forma de viver e de recriar novos laços comunitários e, por isso, todo o jovem que participa numa jornada deve “marcar a sua vida tal como ela é”, fazendo, tal nos diz um Provérbio Popular, “o bem sem olhar a quem!”

Nas Jornadas Mundiais da Juventude a Fé é medida por momentos de reflexão e de encontro com Deus. Sim, é mesmo um encontro com Cristo, onde este nos revela o seu amor infinito nas mais pequenas coisas da vida. Para mim, a espiritualidade vivida numa Jornada Mundial da Juventude é sentir a presença de Cristo e eu, humilde pecadora, no seu colo sentime acarinhada e amada pelo seu amor infinito. A envolvência é enorme que no meu coração sinto esta beleza infinita e grandiosa. E como diz a passagem de São Paulo “Já não sou eu que vivo em Cristo, mas é Cristo que vive em mim” (Gálatas 2:20).»

Registo fotográfico



Ilustração n.º 3 – Participação na Vigília, nas JMJ de 2011

Anexo n.º 8 - «Jogo do Barómetro»

1. O Gonçalo e a Daniela namoram há 2 meses. A Daniela está sempre a enviar SMS ao Gonçalo para saber onde ele está, com quem está e o que está a fazer. Ele acha que ela gosta muito dele.
2. O Jorge e a Catarina começaram a namorar há pouco tempo. Quando se encontram, ele muitas vezes tira-lhe o telemóvel e vê as mensagens que ela recebeu. Ele acha que não faz mal, porque "ciúme é prova de amor".
3. A Susana costuma levar para casa objetos e roupa de colegas, que encontra no balneário. Acha que não faz mal levar "emprestado".
4. O Carlos, nos intervalos, reúne um grupo de amigos e combinam gozar com os miúdos mais pequenos dizendo que são uns fracotes, chegando a dar-lhes "calduços". Fazem isto o ano todo e acham divertido.
5. A Rita escolhe um rapaz da escola e envia-lhe sistematicamente mensagens pelo facebook, dizendo que quer ser sua namorada. Quando ele não responde, publica no face mentiras sobre ele, e diverte-se com isso.
6. O Nuno tem 9 anos e os colegas não o deixam jogar à bola. Dizem que não tem jeito. Quase todos os dias, bate num colega porque está zangado, mas é o que vê o pai fazer lá em casa, quando vem mal disposto.
7. O pai e a mãe da Joana proibiram-na de sair com os seus amigos à noite, porque o "chino" é uma má influência para ela: vai pouco tempo à escola porque tem que trabalhar na loja. A Joana gosta muito dele porque é muito querido com ela... e sai com ele às escondidas do pai e da mãe. Eles não a percebem...!
8. No sábado à noite, na discoteca, um rapaz passou a noite toda a dançar perto de mim, a dizer-me coisas "estranhas" e a fazer-me festas. Acho que está apaixonado por mim.
9. A Andreia não gosta de estar em casa, porque o pai e a mãe estão sempre a discutir e a ofenderem-se quando estão juntos, mas acha normal os casais serem assim.
10. O Ricardo tem 5 anos e vem todos os dias para a escola sem comer. Ultimamente tem muitas "nódoas negras" nos braços e pernas. Os colegas acham que é de jogar à bola.
11. A Ana Margarida é muito boa aluna, mas o pai e a mãe nunca estão contentes com as suas notas. Ontem, teve 18 a português e o pai castigou-a dizendo que "filha" dele só tem notas de dezano-ve para cima. Não pode ver TV nem usar o facebook durante 1 mês; ela acha que ele tem razão.
12. O Shaban é um rapaz muçulmano recém-chegado à escola. Não fala português e anda sempre sozinho, mas é educado e atento aos outros. Alguns/algumas colegas acham que ele é um fundamentalista islâmico e andam a espalhar essa informação por toda a escola.... O Shaban não compreende por que todos "o olham de lado".